

Orfanato SAGRADO CORACÃO



PATRICK LOGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Orfanato
**SAGRADO
CORACÃO**



PATRICK LOGAN

Table of contents

1. [Prólogo](#)
2. [Parte I - Os mortos também têm pensamentos](#)
 1. [Capítulo 1](#)
 2. [Capítulo 2](#)
 3. [Capítulo 3](#)
 4. [Capítulo 4](#)
 5. [Capítulo 5](#)
 6. [Capítulo 6](#)
 7. [Capítulo 7](#)
 8. [Capítulo 8](#)
 9. [Capítulo 9](#)
 10. [Capítulo 10](#)
 11. [Capítulo 11](#)
 12. [Capítulo 12](#)
 13. [Capítulo 13](#)
 14. [Capítulo 14](#)
 15. [Capítulo 15](#)
3. [PARTE II - Capas e fantasmas](#)
 1. [Capítulo 16](#)
 2. [Capítulo 17](#)
 3. [Capítulo 18](#)
 4. [Capítulo 19](#)
 5. [Capítulo 20](#)
 6. [Capítulo 21](#)
 7. [Capítulo 22](#)
 8. [Capítulo 23](#)
 9. [Capítulo 24](#)
 10. [Capítulo 25](#)
 11. [Capítulo 26](#)
 12. [Capítulo 27](#)
 13. [Capítulo 28](#)
 14. [Capítulo 29](#)
 15. [Capítulo 30](#)
4. [PARTE III - Sagrado, corações partidos e valores familiares](#)
 1. [Capítulo 31](#)
 2. [Capítulo 32](#)
 3. [Capítulo 33](#)
 4. [Capítulo 34](#)
 5. [Capítulo 35](#)
 6. [Capítulo 36](#)

7. [Capítulo 37](#)
8. [Capítulo 38](#)
9. [Capítulo 39](#)
10. [Capítulo 40](#)
11. [Capítulo 41](#)
12. [Capítulo 42](#)
13. [Capítulo 43](#)
14. [Capítulo 44](#)
15. [Capítulo 45](#)
16. [Capítulo 46](#)
17. [Capítulo 47](#)
18. [Capítulo 48](#)
19. [Capítulo 49](#)
20. [Capítulo 50](#)
21. [Capítulo 51](#)
22. [Capítulo 52](#)
23. [Capítulo 53](#)
24. [Epílogo](#)
5. [FIM](#)
6. [Nota do autor](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)



Inscreva-se no meu boletim informativo *sem spam* para ficar por dentro dos novos lançamentos, participar de concursos especiais e receber descontos exclusivos.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Não deixe de conferir também meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:
www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Prólogo

Parte I - Os mortos também têm pensamentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

PARTE II - Capas e fantasmas

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

PARTE III - Sagrado, corações partidos e valores familiares

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Epílogo

FIM

Nota do autor

Orfanato Sagrado Coração

A série Haunted

Livro 5

Patrick Logan

Prólogo

TRINTA E UM ANOS ATRÁS

As dezenove crianças, com idades que variavam de três anos até o mais velho, que estava na metade da adolescência, sentavam-se pacientemente em suas carteiras. Eram uma coleção eclética de indivíduos, representando todas as classes e credos.

Mas, apesar de suas diferenças, todos eles tinham duas coisas em comum: eram todos órfãos e um de seus pais era um Guardião

Isto é, até que Leland os assassinou.

A diretora da classe era severa e hábil, pressionando as crianças independentemente de sua idade ou formação, trabalhando-as com mais afinho a cada lição. Ela não era uma pessoa má, nem um pouco, mas não havia tempo para mimos; ela estava bem ciente da gravidade do que eles estavam lidando, com a responsabilidade que esses meninos e meninas - a maioria meninos - estavam destinados a receber. Embora a ideia de criar o orfanato não tivesse sido dela, e embora ela tivesse resistido inicialmente, quanto mais ela ensinava essas crianças, mais fazia sentido para ela.

Afinal de contas, o número de Guardiões que restava neste mundo era perigosamente baixo; nem todos eles haviam adquirido a tenacidade particular de Sean para sobreviver, sua capacidade de resistir ao envelhecimento.

E os poucos que restaram estavam sendo caçados.

A mulher ergueu a cabeça e olhou para as dezenove crianças, os rostos de querubins mais coloridos do que todas as tonalidades que existiam no há muito abandonado Orfanato Sagrado Coração.

Nem todos eles se tornariam Guardiões, isso era certo, apesar da incerteza de praticamente tudo o que faziam no Sacred Heart. Alguns ficariam frustrados, ou pior, entediados, e deixariam o orfanato quando completassem dezesseis anos. Não havia nada que a mulher pudesse fazer para impedi-los e, mesmo que pudesse, ela teria resistido ao impulso. A última coisa que eles queriam fazer era treinar um Guardião que não tivesse sido totalmente examinado.

Um arrepio a percorreu.

A última coisa que eles queriam era outro Leland.

Antes de Leland ter rompido as fileiras, as coisas seguiam uma rotina definida: dezenove Guardiões para vigiar a Medula, para enviar quiddity relutantes para suas margens, para garantir que todos que fossem ficassem lá, independentemente da decisão que tomassem.

Era uma rua de mão única, sempre foi - *tinha que ser* uma rua de mão única.

A alternativa era quase impensável.

Dezenove Guardiões.

Mas então, um a um, Leland começou a caçar os outros, assassinando-os enquanto dormiam, em suas casas, com suas famílias, onde quer que os localizasse.

Crimes cruéis e brutais que somente um louco poderia justificar.

Restava apenas um punhado deles, mas se Leland tinha alguma palavra a dizer sobre o assunto - e, até o momento, com certeza tinha -, então era apenas uma questão de tempo até que suas cartas também fossem perfuradas.

Inclusive a dela.

E, muito provavelmente, os órfãos sentados diante dela, que, contra todas as probabilidades, conseguiram de alguma forma escapar das garras dele na primeira vez.

"Muito bem, crianças", disse ela para a classe, tanto para seu benefício quanto para o deles. Não lhe fazia bem ficar remoendo o passado; as crianças diante dela eram o futuro.

Ela bateu o galho de árvore lixado contra o quadro-negro verde-escuro, fazendo com que um sopro de pó de giz se juntasse à poeira que já enchia o ar. Com um movimento do pulso, ela sublinhou o texto cursivo, ignorando o som estridente que a ponta imperfeita fazia na superfície dura. "Quem consegue ler o que está escrito aqui?"

Ela examinou os rostos das crianças, seus olhos se movendo do mais velho, um menino chamado Kent, para dois dos mais novos: seus próprios dois filhos.

Quando ninguém aproveitou a oportunidade para responder, ela suspirou e esfregou os olhos com a mão que não estava segurando o ponteiro, tentando limpar um pouco da sujeira e da poeira que ameaçavam obscurecer sua visão. Em seguida, ela respirou fundo.

Não é culpa deles, eles estão se esforçando - eles estão trabalhando duro. E eles já passaram por um inferno.

E, apesar de seus esforços, as coisas estavam progredindo devagar demais para o gosto dela. Quanto mais tempo eles passavam juntos, mais provável era que Leland acabasse por encontrá-los.

Ela não deixaria isso acontecer - *não* poderia deixar isso acontecer.

"É o Livro", disse ela suavemente, incentivando-os com os olhos.

Um garoto de cabelo preto liso ergueu a mão para o alto.

"*Inter mortuos et vivos*", respondeu ele com um ceceio. Ele era um dos órfãos mais jovens, com apenas cinco anos de idade. Eles o encontraram na beira da estrada enquanto sua casa queimava até os alicerces, com os gritos de seus pais ainda audíveis sobre os estalos e estalos da madeira em chamas.

Sean o havia pegado antes de ele ser lançado no sistema.

"Não, não exatamente. Mais alguém?"

Um pequeno sorriso cruzou seu rosto quando o garoto de cabelo

castanho curto levantou a mão em seguida.

"Sim?"

O garoto não olhou para cima.

"*Inter vivos et mortuos*", disse ele em sua voz aguda de quatro anos de idade. "Significa, *entre a vida e a morte*".

O sorriso da mulher se transformou em um sorriso completo. Uma manifestação física de orgulho, se é que isso existe.

"É isso mesmo, é isso mesmo. E a que o título está se referindo?"

"A Medula", sussurrou o garoto, "onde cada pessoa deve fazer uma escolha".

"E o que há no livro?"

"Uma profecia." Sua voz estava ainda mais baixa agora, quase inaudível. "Sobre uma fenda, uma abertura, e demônios inundando o passado - chegando aqui na Terra."

O sorriso da mulher se desvaneceu e ela engoliu com força. O rapaz estava certo, é claro, mas isso não fez nada para diminuir as imagens que inundaram sua mente.

"Correto. Agora, Robert, você poderia, por favor?"

A mulher parou abruptamente, inclinando o rosto para o céu. Ela sentiu algo em seu peito, um pequeno tremor, como uma arritmia.

Ela já havia sentido isso antes.

Seus olhos se arregalaram e ela voltou o olhar para a porta. Uma fração de segundo depois, a madeira desgastada e deformada foi escancarada e Sean, com o rosto vermelho e suor na testa, entrou.

"Ele está aqui!", gritou ele, correndo em direção a ela. "Ele nos encontrou!"

De repente, todo o corpo da mulher parecia estar envolto em gelo.

Leland está aqui - meu marido nos encontrou.

Deixando o medo de lado, a mulher se voltou para as crianças, cujas expressões combinavam com a sua: puro horror. Ela duvidava que eles soubessem a *quem* Sean estava se referindo, mas eles estavam reagindo a *ela*.

E ela estava reagindo à sensação de quase esmagamento em seu peito.

Ele está aqui.

A mulher tentou acalmar seu coração acelerado, manter suas emoções sob controle e orientar os órfãos a se comportarem de forma ordenada, como se estivessem sendo submetidos a uma simulação de incêndio.

Ele está aqui.

Ela falhou.

"Levante-se!", gritou a mulher. "Levante-se e *corra!*"

Parte I - Os mortos também têm pensamentos

Capítulo 1

Edward Gray, conhecido por quase todos como Ed the Nose, presenciou muitos crimes hediondos em seus doze anos como detetive da cidade de Nova York.

Afinal de contas, ele havia trabalhado em um caso no qual um homem havia assassinado dezesseis pessoas ao longo de uma década e cortado seus corpos em pedacinhos e os deixado no Central Park como alimento para pombos.

Eles provavelmente nunca o teriam pego, se não fosse por uma gaivota excessivamente zelosa que cagou um dedo indicador inteiro no centro de um flash mob.

Mas, de alguma forma, esse caso era pior - o pior, talvez.

Alguns diziam que trabalhar como detetive de homicídios o endurecia, condicionava-o aos piores tipos de crimes, à depravação humana, que transformava um ser humano vivo em uma casca orgânica de um ser.

Mas não Edward. Na verdade, seu trabalho o tornou uma pessoa mais compassiva, que se importava muito com o próximo, com as vítimas e até com os criminosos. Quando ele compartilhava esse ponto de vista, a resposta mais comum, inclusive de sua ex-parceira Pauley Ruddick, era sempre na forma de uma pergunta: *"Por que você se importa tanto? Por que se esforça tanto para ser bom, quando há tanta coisa ruim ao nosso redor?"*

Ed havia pensado bastante em sua resposta ao longo dos anos e, ainda assim, a única coisa que conseguiu pensar foi de natureza infantil, um pequeno passo acima do *"porque"*.

Ed simplesmente inverteu o roteiro, fazendo exatamente a mesma pergunta a Pauley, só que trocou a palavra *"fazer"* por *"não fazer"*.

Por que você não se importa tanto?

Essa resposta previsivelmente deixou Pauley quase louca, o que, é claro, nunca foi sua intenção. A verdade é que, no fundo, Ed sabia que todos eram essencialmente bons. A evolução os tornou assim; altruísmo, doação, cuidado, amor - essas eram características incorporadas à alma humana, um subproduto necessário da evolução que facilitou seu sucesso como espécie.

Quanto aos desprezíveis assassinos, estupradores e terroristas com os quais ele lidou ao longo dos anos?

Ed também os considerava bons. Só que essas pessoas tinham uma

doença, para a qual o sistema prisional definitivamente não era uma cura.

O simples fato é que não *havia* cura para o que afligia essas pessoas, pelo menos não ainda. Elas estavam doentes, pura e simplesmente. E, no entanto, ele ainda tinha um trabalho a fazer, uma obrigação de manter a população em geral a salvo desses infectados.

Ed olhou para a fotografia da mulher deitada na gaiola. Era um close-up de seu rosto e talvez fosse a mais perturbadora das imagens. As outras três pessoas que haviam visto as fotos - o fotógrafo, o policial que as descobriu e, é claro, seu chefe, Gerry Trudemont - haviam dito que as mãos da mulher, mordidas e *comidas* até os ossos, eram as piores.

Ed discordou.

No close-up do rosto da mulher, seus olhos estavam abertos apenas o suficiente para que ele pudesse ver os crescentes inferiores de suas íris cinzentas, suas bochechas estavam magras e pálidas, e sua boca, antes bonita, estava aberta como que por afeto.

Os olhos dela - isso era o que mais afetava Ed. Ele sabia que os olhos dessa mulher tinham visto sua morte iminente, sua perdição, e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito, a não ser concordar, aceitar essa horrível realidade. Ed não tinha certeza de qual era a pior maneira de morrer e, apesar de ter ouvido, ao longo dos anos, que esse título duvidoso havia sido conquistado pelo afogamento, ele não tinha tanta certeza. Era uma tarefa tola tentar descobrir isso, pois ninguém jamais havia retornado com um relatório detalhado descrevendo como era a sensação de morrer de fato. De qualquer forma, ele tinha quase certeza de que morrer de fome, tendo seu corpo comendo a si mesmo de dentro para fora, não era uma boa maneira de morrer.

Com um suspiro, ele pegou a xícara de isopor com café velho e tomou um gole. Estava frio e ele engoliu o líquido com uma careta.

A lógica decretou que o homem que havia feito isso com a mulher na fotografia era um psicopata, alguém que tinha um histórico de tais atos. E, por extensão, a lógica também decretou que tal pessoa não se levantava e ia embora quando tinha o que provavelmente considerava uma refeição perfeita esperando por ela em casa.

Além disso, havia as despesas pagas para criar o piso falso, a gaiola e a intrincada configuração.

E isso não diz nada sobre as fitas que eles encontraram.

As das outras vítimas, de Michael Grant Young comendo-as vivas.

Edward estremeceu, seus olhos se voltaram para a imagem ampliada de Michael em sua carteira de trabalho.

Ele está doente - um homem muito doente. Mas ele não é uma pessoa ruim.

Dessa vez, porém, sua voz interior precisou ser convencida. Michael parecia ser um dos principais nomes da Wall Street americana: alto, moreno, bonito, perfeitamente arrumado. Roupas caras, carros caros, condomínio caro, gostos psicopáticos. Um verdadeiro psicopata americano do século XXI.

"Onde você foi?" Ed murmurou. "*Por que* você foi?"

Quando se trata de psicopatas como Michael, as duas respostas mais prováveis são que ele foi preso por outro crime ou que conheceu alguém mais malvado e ruim do que ele.

Mas, pelo que Ed pôde perceber, nenhum desses casos era o de Michael.

"Ed, estou saindo para almoçar - uma boa salsicha de rua. Você quer?"

Ed levantou os olhos das fotos e esfregou os olhos.

O detetive Hugh Freeman era o mais jovem do distrito, tendo sido promovido a detetive há apenas três meses. Ele ainda era muito jovem para trabalhar em qualquer caso; em vez disso, estava trabalhando como ajudante em um futuro próximo. Ed percebeu que ele não era muito diferente de Michael, exceto, é claro, pelo cabelo loiro desgrenhado. Hugh estava na casa dos trinta anos, tinha boa aparência, estava em forma e era saudável, apesar da carne de rua.

Ed pensou em seu próprio corpo, no fato de que, em seus mais de quarenta anos, ele havia bebido um pouco demais e agora tinha pelo menos 20 quilos a perder, todos concentrados em torno do meio. E enquanto os ternos de Michael e Hugh provavelmente eram feitos sob medida, Ed usava o mesmo paletó esportivo de lã que usava há anos.

Hugh acenou com a mão sobre a mesa de Ed.

"Ed? Você está bem? Fiquei meio zozado lá atrás."

Ed ficou olhando.

"Bem, estou comprando uma salsicha". Ele colocou o polegar sobre o ombro para indicar que estava indo embora. "Você quer uma? Alguma coisa? Alguma coisa para encher esse seu pneu?"

Ed sorriu, mas balançou a cabeça.

Bastardo sarcástico. Espere até que você esteja no jogo há tanto tempo quanto eu... então veremos quem parece um figurante em Baywatch.

"Estou bem", respondeu ele. Seus olhos se voltaram para a fotografia do rosto da mulher, para seus olhos frios e cinzentos. "Não estou com fome. Quando voltar, venha me ver, está bem? Quero lhe mostrar uma coisa."

O rosto do homem se iluminou. Ele estava ansioso como nunca, o que era outra diferença entre eles; o trabalho também havia ensinado Ed a ser um mestre da paciência.

Mas ele não podia culpar o homem por ser entusiasmado. Droga, ele já tinha sido assim uma vez.

Quando Hugh saiu, Ed voltou sua atenção para a fotografia de Michael Young.

Você pode estar doente, mas ainda precisa pagar pelo que fez. E eu o encontrarei, Michael, não importa onde você esteja.

Capítulo 2

"**Você está o quê?**" Robert quase gritou. Ele não conseguia acreditar no que ouvia. Aquilo não fazia sentido... e era a última coisa que ele imaginaria que sairia da boca de Shelly naquele momento. Uma fração de segundo antes de confrontá-la sobre a fotografia que ele havia encontrado dela na igreja do Padre Callahan, ela soltou *essa* bomba.

Ela disse que está grávida, disse Helen em sua cabeça.

"Obrigado", respondeu ele com uma careta.

Shelly olhou para ele como se estivesse tendo um surto esquizoide que lembrava Andrew Shaw.

"Eu disse que estava grávida, Robert. Eu não sei como isso aconteceu."

Cal deu um passo à frente, com seu rosto redondo em um tom inumano de branco. Parecia que ele tinha visto um fantasma... ou muitos deles.

"Pessoal, temos que conversar sobre isso mais tarde. Primeiro, temos que nos livrar desse corpo, antes que a merda volte. E depois precisamos descobrir como diabos vamos trazer o Allan de volta."

Quando o nome do garoto foi mencionado, Robert olhou para o local próximo ao centro da sala, onde ele estava antes de a quiddity o abraçar.

Como diabos...?

Então, ele se lembrou de Helen e do fato de que tinha sido ela quem havia mandado Allan seguir seu caminho, e Robert interrompeu o pensamento antes que ele se concretizasse.

Não tinha sido ela; ela estava sob o controle de Carson ou Leland.

Apesar de seus melhores esforços, ele percebeu que teria que fazer um trabalho melhor para manter seus pensamentos para si mesmo; sua mente piscou em laranja.

Você prometeu, lembrou Helen. *Prometeu que me mandaria de volta.*

Robert balançou a cabeça, tentando recuperar alguma aparência de controle, para fortalecer seu tênue controle sobre a sanidade.

"Porra... grávida? Tem certeza?"

Shelly olhou para ele, com a expressão abatida.

"Tenho certeza. E essa não é exatamente a reação que eu estava esperando."

Robert mordeu a língua. Ele tinha tanta coisa para dizer e ainda mais para perguntar, mas agora não era o momento.

Cal estava certo, eles tinham que fazer algo com o cadáver fumegante com a camiseta do Mickey Mouse que estava atrás deles.

Shelly, como se estivesse na cabeça dele e não na de Helen, abordou a questão com sua franqueza característica. "Queime-o."

Dessa vez, no entanto, Robert não sentiu a necessidade de repreendê-la por sua insensibilidade. Ela estava certa. Ele se lembrou de algo que Sean havia dito em uma de suas visitas anteriores, sobre enterrar o corpo bem fundo ou cremá-lo. Ambos funcionariam. Qualquer um dos dois funcionaria.

Sean.

Só de pensar no nome do homem, seu sangue quase ferveu.

Ele tirou o pensamento da cabeça e voltou sua atenção para a tarefa que tinha em mãos.

Queimá-lo significaria, é claro, que Leland teria outro de seus horríveis capangas de volta ao seu lado da Medula, mas não havia nada que eles pudessem fazer a respeito. Além disso, era melhor com ele *lá* do que *aqui*.

Ele também tem Amy e Allan.

"Foda-se", ele resmungou, cerrando os dentes contra a frustração que ameaçava deixá-lo mais uma vez furioso. Era um ciclo interminável: os vilões vinham para matá-los, ou pior, para usar Robert para abrir a fenda e, se os mocinhos ganhassem, os vilões ganhavam uma passagem de primeira classe de volta para seu líder malicioso.

O mínimo que Robert poderia fazer era enviá-los como holocaustos.

"Queime-o", disse ele com um aceno de cabeça, deixando de lado, por enquanto, os pensamentos sobre Sean, Shelly e sua gravidez. "Cal, você quer pegar uma perna e eu pego a outra?"

Cal assentiu e, juntos, caminharam até o corpo caído do homem. Robert tentou não olhar diretamente para o buraco no centro do corpo, o orifício escancarado que obliterava o rosto do Mickey Mouse.

No momento em que ele se abaixou para agarrar um dos tornozelos rechonchudos do homem, ele instantaneamente se levantou novamente.

Com tudo o que havia acontecido esta noite, e com ele tão cego por tentar salvar Shelly e Allan, e por lutar contra Carson, ele nem sequer parou para pensar de onde o tiro havia vindo - ou, talvez mais importante, quem o havia disparado.

Seus olhos se voltaram para a janela quebrada no fundo da sala e ele olhou para a noite.

Ele viu apenas um fino crescente de uma lua lançando raios nebulosos sobre a Harlop Estate.

Preparando-se para o sangue, Robert se voltou para o enorme buraco no corpo do homem gordo.

Não se tratava de um projétil de pistola comum; droga, não era nem mesmo de uma metralhadora como as que os homens haviam usado em Seaforth. Não, era um rifle de alta potência de algum tipo, claramente de nível militar.

E só havia uma pessoa que Robert conseguia imaginar que poderia ter acesso a essa arma, ou mesmo saber como usá-la.

"Você coleciona um amigo em suas viagens, Robert?" Cal perguntou, claramente pensando a mesma coisa.

Robert balançou a cabeça.

"Não, não é um amigo. Mas tenho certeza de que sei quem deu o tiro. A única coisa que não entendo é por que - e por que ele não deu outro", respondeu ele, pensando em quando o outro homem pulou em cima dele e arrancou parte de seu dedo.

Lembrar-se do estalo que os dentes do homem fizeram ao romper sua pele fez seu estômago revirar, e ele evitou olhar diretamente para seus próprios ferimentos.

No fundo, ele sabia que a orelha, o estômago, o tornozelo, o peito e o dedo lhe trariam agonia nos próximos dias, mas com tudo o que havia acontecido, culminando com a gravidez de Shelly, isso quase parecia uma reflexão tardia.

Ele estava entorpecido.

"Quem foi?" Shelly exigiu, indo até eles. Ela ainda estava sem camisa, e ele não pôde deixar de olhar para sua barriga nua. Não era uma protuberância propriamente dita, apenas um pouco mais de pele ao redor do meio.

Pensando no passado, ele se lembrou da última vez que eles haviam feito sexo, quando Allan chegou à propriedade, e percebeu que ela já devia estar fazendo sexo há quatro meses.

Ele engoliu com força. Tudo estava acontecendo muito rápido.

"Robert? Quem matou esse maldito canalha?" Shelly perguntou enquanto caminhava em cima do homem no chão. Ao contrário dele e de Cal, ela não parecia muito incomodada com os elos das entranhas que saíam do corpo do homem.

Provavelmente porque ela estava feliz por ele ter ido embora.

Se eu tivesse entrado alguns minutos depois...

Robert forçou o pensamento a sair de sua cabeça.

"Eu lhe direi mais tarde - mas, por enquanto, por que não vai tomar um banho? Se limpe. Cal e eu cuidaremos do corpo".

Shelly franziu os lábios e ele temeu que ela fosse ser obstinada novamente, que recusasse por princípio, se não fosse por outra coisa. Mas quando ela falou em seguida, ele percebeu que havia julgado mal a reação dela.

"É seguro?", perguntou ela em voz baixa.

Robert voltou seus pensamentos para dentro de si. Ele não sentia mais nenhuma pressão em seu peito, em seu núcleo, e não havia nenhuma sensação de lentidão no tempo.

E, como confirmação adicional, os pensamentos de Helen imitaram os dele.

"É seguro", respondeu ele. Ele limpou a garganta e repetiu a frase.
"É seguro, Shel."

Shelly assentiu com a cabeça e foi como se essa simples frase tivesse lhe tirado a energia. Ela parecia exausta.

Sem dizer mais nada, ela se virou e saiu da sala, deixando Robert observando-a partir.

Grávida.

Robert balançou a cabeça, abaixou-se e agarrou o tornozelo gordo do homem com as duas mãos. Em seguida, voltou-se para Cal.

"Pronto? Vamos queimar esse maldito - mandá-lo de volta para o inferno".

Capítulo 3

"Você já esteve em um caso como esse? Quero dizer, como um grunhido, já viu algo tão ruim?" perguntou Ed, com os olhos fixos na estrada.

"Nada tão ruim, não", admitiu Hugh. Pelo canto do olho, Ed viu o homem dar de ombros. "Tivemos um caso que esfriou depois de quinze anos antes de ser resolvido. Uma merda bem foda, crianças desaparecidas e tudo mais. Mas nada como isso."

Ed permaneceu em silêncio; sua pergunta tinha servido ao seu propósito. Ela tinha sido feita para ver se Hugh estava ciente de como toda essa situação era realmente fodida: um homem mantendo mulheres em seu calabouço de porão, em uma gaiola, comendo-as enquanto ainda estavam vivas.

Isso foi incrivelmente *fodido*.

A atitude de Hugh sugeria que ele estava em choque ou que esse tipo de coisa não incomodava a geração mais jovem da mesma forma que afetava até mesmo alguém tão experiente quanto Ed. De qualquer forma, pelo menos isso significava que o homem seria capaz de funcionar.

No entanto, ainda não foi possível determinar se ele seria útil ou não.

Pensando nos detalhes dos crimes horríveis cometidos por Michael Young, Ed apertou o pedal um pouco mais. Seu relacionamento de longa data com a mídia havia sido levado ao limite com esse caso; ele teve de ir falar com alguns superiores para garantir que os detalhes permanecessem em segredo. Deixar escapar pequenas informações como migalhas de pão não era o que os meios de comunicação mais gostavam de fazer, e Ed sabia que era apenas uma questão de tempo até que a história toda viesse à tona.

Nos últimos anos, Ed viu as notícias passarem das sutis nuances de um romance de John LeCarre para um filme de Michael Bay - acidentes de carro e explosões e toda a substância de uma asa de frango emaciada.

E agora havia mais do que apenas a mídia para enfrentar. Bastava um canalha com um telefone celular e um microfone de longo alcance e tudo estava resolvido. Quando o público descobrisse os horrores de Wall Street, o fato de que um animal como Michael Young vivia entre eles, debaixo de seus narizes, bem... ele já podia ver a manchete: Horror em Wall Street.

A criatividade não era seu ponto forte.

O público em geral queria acreditar que crimes como esse aconteciam como nos filmes: um caipira mutante enterrado nas profundezas da floresta que assassinava e torturava apenas aqueles

que o chamavam.

Como se o fato de alguém ser curioso os tornasse merecedores de seu destino, ou pelo menos era isso que eles diziam a si mesmos.

Mas Ed sabia melhor.

Em todos os seus anos, ele não tinha visto isso. O mito do assassino eremita era simplesmente isso: um mito.

Na maioria das vezes, o criminoso era um sociopata que vivia uma vida normal e que, em virtude de sua doença, infligia o caos a pessoas que nem sequer conhecia.

E isso era aterrorizante para a maioria das pessoas, quase impensável.

"Para onde estamos indo, afinal?" Hugh perguntou, quebrando o silêncio incômodo dentro do carro.

Ed suspirou.

"Estamos indo para o escritório do Michael."

"Seu escritório? Por quê? A polícia local já falou com todos os seus colegas - nada feito. Ele trabalhava sozinho, como sugere o perfil."

Ed estava bem ciente dos fatos nesse caso, por isso decidiu não responder. Hugh seguiu seu exemplo, e o resto do trajeto até o escritório de Michael foi silencioso, o que foi ótimo para Ed. Hugh, por outro lado, parecia desconfortável; o homem brincava com o telefone, se mexia no assento, fazia praticamente tudo o que podia fazer para não quebrar o silêncio.

O centro da cidade era um congestionamento previsível, mas quando Ed pegou uma estrada secundária que claramente não levava ao escritório do homem, Hugh não conseguiu mais segurar a língua.

"Seu escritório fica na 31ª posição", disse ele com naturalidade.

Ed optou por permanecer em silêncio. Ele encostou o Taurus em um pequeno parque, dirigindo até a metade do meio-fio para não bloquear o tráfego na rua estreita, e parou o carro. Em seguida, abriu a porta, mas antes de sair, Hugh o chamou.

"Olhe, não quero ser grosseiro, Ed. Respeito você e seu nariz - talvez não tanto seu guarda-roupa -, mas não consigo ver como isso está me ajudando a aprender o básico. Quero dizer, se você não quer nem falar comigo... o que eu devo fazer?"

De costas para Hugh, Ed se permitiu um pequeno sorriso.

"Você ouve, Hugh. Apenas observe e ouça."

O parque estava silencioso, o que era bom - significava que, se Michael quisesse falar com alguém fora de vista, mas não quisesse se afastar tanto do escritório a ponto de não poder voltar depois do almoço, esse seria o lugar.

Mas o que era óbvio para Ed parecia estar acima do nível de

remuneração de Hugh.

"O que estamos fazendo aqui, Ed?"

Ed balançou a cabeça, desejando que o homem simplesmente calasse a boca e ficasse sentado em silêncio. Por quase uma hora, eles estavam sentados em bancos diferentes, conforme sua instrução, com dois bancos vazios entre eles. Durante esse tempo, várias pessoas haviam passado pelo parque, mas, apesar de ser meio-dia, ninguém havia se sentado. O próprio Ed estava ficando com fome e, embora tivesse muito mais paciência do que seu parceiro, ele não sabia se conseguiria aguentar mais de uma hora ou mais sem colocar algo em sua considerável barriga.

Mas quando a mulher de oitenta anos, vestida com uma jaqueta Gucci, com as orelhas e a garganta adornadas com pérolas, entrou no parque, ele sabia que não teria que esperar muito mais.

Ele olhou para Hugh, que o encarou com uma sobrancelha levantada. Ed estendeu a mão, indicando que ele ficasse quieto. Até o momento, a mulher não havia notado nenhum dos dois, o que era outro bom sinal. Isso significava que o parque era tipicamente silencioso, que a mulher que usava óculos escuros grandes não esperava ver ninguém.

O que também significava que, se alguém *estivesse* aqui - um corretor de poder bem vestido, por exemplo -, ela poderia ter notado.

A mulher levou seu pequeno cachorro até um pedaço de grama a menos de três metros de onde Ed estava sentado no banco.

"Vamos, Tootsie, faça seu trabalho. Mamãe não tem o dia todo".

O cachorro, uma pequena bola de pelos marrons, fez um pequeno círculo, depois se agachou sobre suas coxas pequenas e trêmulas e deixou cair um pedaço de merda do tamanho de uma moeda de dez centavos na grama.

"Essa é uma boa menina", disse a mulher e, em seguida, fez alguns ruídos ininteligíveis.

De repente, Tootsie olhou para cima e, quando seus olhos pretos e redondos encontraram os de Ed, a coisa ganiu.

"O que...?"

Então, a mulher viu Ed e Hugh e, se seu rosto não tivesse passado por dezenas de cirurgias plásticas ao longo dos anos, ela teria esperado que suas feições caíssem. Em vez disso, ela se ergueu e empurrou os óculos de sol para cima do nariz fino como uma agulha.

"Vamos, Tootsie, vamos", disse ela rapidamente, dando um puxão na coleira do cachorro. O cão permaneceu imóvel. "Tootsie, eu disse para irmos!"

Quando Tootsie ainda não estava ouvindo, ela se apressou e a pegou com seus braços finos.

"Senhora! Senhora!" disse Ed, finalmente se levantando. Ele fez um

gesto para que Hugh o seguisse.

"Desculpe-me, mas não tenho troco!", gritou a mulher, girando rapidamente sobre os calcanhares.

Ed abafou uma risada. Talvez seu paletó esportivo *fosse* tão ruim assim.

"Senhora, por favor, tenho apenas algumas perguntas."

A mulher não olhou para trás; em vez disso, arrastou seus Louboutins pela calçada e saiu do parque.

"Me deixe em paz! Vou chamar a polícia... juro que vou gritar".

Ed correu atrás dela. Embora ela devesse estar chegando aos oitenta anos, ele estava respirando pesadamente quando a alcançou.

Ela deve tê-lo ouvido se aproximar, pois quando ele chegou a um palmo de distância, ela se virou.

Ed quase esperava que ela estivesse segurando uma lata de Mace em seus dedos finos. Felizmente, era apenas um celular.

"Polícia! Eu vou chamar..."

Ed mostrou seu escudo de detetive.

"Não há necessidade, senhora; já estamos aqui."

Capítulo 4

O cheiro era horrível e, mesmo assim, Robert não conseguia se afastar do corpo.

Ele queria ter certeza de que tudo estava queimado.

Robert sabia que os ossos não seriam reduzidos a cinzas, não queimariam na fogueira improvisada que eles haviam construído no quintal, mas eles tinham planos para eles depois.

Mas o restante sim.

Era em momentos como esse que ele se alegrava com o fato de a Harlop Estate ser tão isolada quanto era. Quando as nuvens espessas e escuras da gordura de Jonah Silvers chegassem a qualquer um dos vizinhos, ela já teria se dissipado na atmosfera.

No máximo, alguém poderia pensar que ele estava fazendo um churrasco à meia-noite; estranho, mas não do tipo "chame a polícia".

E, no entanto, isso lhe oferecia pouco conforto. Ele estaria mentindo se dissesse que, de pé sobre o corpo enquanto os pelos do peito do homem estalavam e queimavam e seus olhos ardiam antes de estourar, seu nível de conforto em relação ao que era inegavelmente grotesco não era perturbador.

Oh, como ele havia progredido - ou se perdido - desde que era contador da Audex Accounting.

"Quem era, Rob?" Cal perguntou baixinho. Como Robert, seus olhos estavam fixos no corpo em chamas, mas à luz do fogo, Robert sabia que o homem ainda estava muito afetado pelo que havia acontecido dentro da propriedade Harlop.

Era estranho, já que Robert tinha uma constituição maior do que a de seu melhor amigo.

Robert mastigou o lábio por um momento antes de responder. Ele havia deixado Cal e Shelly porque não queria que eles se envolvessem mais nessa confusão do que já estavam. Mas, no final, foi o seu retorno que os salvou.

Seu retorno com um pedaço da orelha faltando, um corte no centro do peito, um tornozelo torcido e agora um dedo faltando, mas seu retorno mesmo assim.

E agora que Shelly estava grávida, ele não conseguia se imaginar deixando-os novamente tão cedo.

Eles estavam juntos nisso, ao que parecia.

Para o bem ou para o mal, eles eram um trio.

Trio...

Seus pensamentos se voltaram para Allan e o olhar de puro horror em seu rosto enquanto ele desaparecia.

Deveríamos ser um quadrilátero - deveríamos ser um maldito quadrilátero.

Uma luz laranja brilhou em sua mente.

Helen o lembrou de *Quint, mas espero que não por muito tempo.*

Robert acenou com a cabeça.

Quando o silêncio se prolongou por muito tempo, Cal se voltou para ele.

"O que aconteceu lá fora, Robert? Para onde você foi?"

Ele deveria saber que a explosão de Cal diante de Seaforth era o máximo que o homem poderia fazer. Cal era ferozmente leal e, embora guardasse um segredo obscuro, Robert sabia que ele sempre estaria ao seu lado.

Ainda assim, por mais leal que fosse, havia dor na voz de seu amigo - dor e traição.

Robert suspirou.

"Eu encontrei o livro, Cal. Eu tinha o..." Ele estendeu as palmas das mãos à sua frente e depois olhou para o céu. Através da espessa fumaça negra, ele viu um punhado de estrelas no céu noturno acima. Por um breve segundo, elas o fizeram lembrar das manchas do Mar de Medula que apareciam quando ele fechava os olhos, salgando a escuridão da pimenta.

"Eu tinha o *Inter vivos et mortuos* em minhas mãos, Cal. Em minhas mãos..." Sua voz embargou, e ele lutou contra as lágrimas. "- em minhas mãos eu segurava o livro. E então ele foi tirado de mim. Aquele *bastardo do Sean* e seus homens..." Ele deixou a frase se arrastar.

O mesmo homem bastardo que salvou a mim e a Shelly de Jonah Silvers.

Por um momento, Cal não disse nada. Depois, respirou fundo e respondeu em um tom abafado.

"O que você acha disso, Robbo? O que você acha que esse livro vai fazer por você? Por que ele é tão importante?"

A resposta pegou Robert desprevenido.

"O que isso fará por *mim*? Não, não, não para *mim* - para ela, Cal. Nele, há uma maneira de recuperá-la. Eu sei disso."

"Você *sabe* disso? Como você sabe? Olha, eu entendo que você é especial e tudo mais, Robbo, mas como você sabe? É só a porra de um livro".

"Não é *apenas* um livro, Cal. Foi uma maneira de recuperar a Amy."

Cal deu de ombros; ele não precisava dizer mais nada, porque Robert não havia respondido à sua pergunta na primeira ou mesmo na segunda vez.

A verdade é que Robert não podia responder porque havia alguns segredos que ele ainda se recusava a compartilhar.

Como eu sei disso? Sei porque o padre Callahan me disse para pegar o livro. Ele me disse logo antes de eu atirar em sua cabeça.

É assim que eu sei.

A ironia do fato de que Cal, o homem das teorias da conspiração que variavam desde o 11 de setembro como um trabalho interno até os rastros químicos, estava tentando convencê-lo de que era sensato, não passava despercebida por Robert.

Mas isso também não o tornava correto.

Houve um chiado no fogo, e as chamas se apagaram de repente. As roupas e a pele de Jonah haviam desaparecido, e a umidade de seus órgãos por baixo havia acalmado o fogo. Cal deu alguns passos atrás deles e pegou uma lata de gás. Depois voltou e se inclinou sobre o corpo fumegante. Depois do que pareceu ser um momento de contemplação, ele despejou toda a lata de gás sobre as chamas.

O fogo ardia tão quente e brilhante que Robert foi obrigado a proteger os olhos. A torre ardente durou apenas alguns segundos antes que todo o gás desaparecesse novamente, deixando em seu rastro um contorno quente e brilhante do que um dia foi Jonah Silvers.

"Não quero parecer insensível, Robbo, realmente não quero - não consigo imaginar pelo que você passou. Quero dizer, droga, enquanto eu passei pelo inferno, você esteve lá e voltou - duas vezes."

Robert achou que a observação de seu amigo não merecia uma resposta, então permaneceu em silêncio. Além disso, ele tinha a sensação de que algo mais estava por vir, algo que incitaria uma resposta.

"Mas... mas você tem que largar, cara", Cal estava falando rápido agora, não dando a Robert nenhuma chance de intervir. "Deixe a Amy de lado - já faz o quê? Um ano? Dois? E agora que a Shelly está grávida, e seu irmão e alguns de seus homossexuais psicopatas estão querendo nos pegar, você não acha que já é hora de largar?"

Robert engoliu com força, tentando manter suas emoções sob controle enquanto refletia sobre as palavras do amigo. O preâmbulo de toda essa diatribe foi esquecido há muito tempo, e ele se esforçou para não perder o controle.

Calma, fique calmo.

Dessa vez, ele não sabia se o pensamento era dele ou de Helen.

Ele fechou os olhos, mas o fogo ainda ardia por trás de suas pálpebras.

"Ela é minha filha, Cal - e está lá, com *ele*", foi sua única resposta. De uma forma estranha, ele estava orgulhoso de si mesmo por não ter se exaltado.

Cal assentiu com a cabeça e chutou um pedaço fumegante de uma coisa ou outra de volta para a fogueira principal.

"Então, acho que precisamos recuperar o livro", disse o homem simplesmente.

Essa resposta, muito parecida com a sua, surpreendeu Robert e ele

olhou para o amigo, cujas bochechas estavam cheias de lágrimas. Ele queria tanto ir até o homem, abraçá-lo com força, mas algo o impedia.

"Cal, eu queria pensar..."

Mas uma voz vinda de trás dele o fez congelar.

"Posso ajudá-lo a encontrar o livro, Robert. Eu posso ajudar."

Capítulo 5

"**Dê-me** a multa, então, porque não vou pegar o lixo".

Ed riu. Ele não conseguiu evitar. A mulher realmente não tinha noção de nada.

É mesmo? Um detetive multando-a por não recolher a merda do cachorro?

"Escute, senhora, eu não me importo com a merda de cachorro, ok?" O palavrão teve o efeito desejado; os lábios da mulher se apertaram com força.

"Então o que é que você quer?"

"Eu só..."

A mulher ergueu a mão que não estava enrolada no cachorro, que estava aninhado em seu braço como um running back segurando uma bola de futebol americano.

"Não, sabe de uma coisa? Não vou responder a nenhuma pergunta sem a presença de meu advogado." Como que para reforçar o argumento, a senhora balançou a cabeça desafiadoramente.

Ed revirou os olhos, o que, em retrospecto, foi a coisa mais errada a se fazer. Os olhos da mulher se voltaram para a mão de Ed, que ainda estava segurando levemente o antebraço dela.

Ele a puxou de volta como se estivesse escaldado. Algo encostou em seu ombro, e ele virou a cabeça.

Era o Hugh, e ele estava sorrindo.

"O que..." há de *errado com você*, ele pretendia dizer, mas o homem o interrompeu.

"Ed, por favor, deixe-me falar com a senhora simpática". Seu sorriso cresceu, revelando dentes perfeitamente brancos. "Por favor."

Ed apertou os olhos, deu de ombros e se afastou.

De qualquer forma, essa mulher não iria falar com ele, então por que não deixar que Hugh sofresse o impacto de seu desgosto pela classe média baixa?

E como um verme como o detetive Edward Gray ousa tocar em seu casaco Gucci?

"Em primeiro lugar, senhora - ou senhorita, se preferir senhorita?"

Ed levantou uma sobrancelha para seu parceiro.

Senhorita?

"A senhora está bem."

"Sim, está bem, senhora. Então, em primeiro lugar, quero me desculpar por nosso comportamento anterior. Temos andado um pouco nervosos ultimamente, só isso."

O rosto franzido da mulher permaneceu, mas alguns dos sulcos ao redor de sua boca pareciam ter passado de fendas para ravinas.

Já está na hora de tomar outra injeção de colágeno, senhora.

"Do que se trata, Sr.?"

O sorriso de Hugh cresceu e ele tirou uma mecha de cabelo loiro da testa.

"Hugh, detetive Hugh Freeman. E trata-se apenas de uma ou duas perguntas..."

Seus olhos se turvaram novamente.

Que diabos há com essa mulher?

Hugh ergueu as mãos na defensiva.

"Não, não precisa ficar alarmado. Tudo o que eu e meu parceiro queremos saber é se você viu alguém aqui há algumas semanas. É só isso. Não tem nada a ver com você, e você não está em apuros de forma alguma. Na verdade, pode ir embora agora mesmo, se quiser, e nunca mais nos verá. Eu prometo."

A mulher parecia desconfiada, mas, para a maior surpresa de Ed, ela não aceitou a oferta de Hugh para ir embora.

"Aqui? Se eu visse alguém neste parque?"

"Sim, neste parque. Deve ter sido há cerca de duas semanas. Agora eu sei como a memória pode..."

"Minha memória está afiada, meu jovem. E eu venho aqui, por este parque, todos os dias por volta desta hora."

Agora Ed sorriu. Ele ficou impressionado com a abordagem do jovem; era calma, controlada, calculada. Hugh era impaciente pra caramba, mas pelo menos tinha isso a seu favor. Ed tentou se lembrar se ele já havia sido tão calmo.

Duvidoso.

Mas, por outro lado, ele também nunca tinha parecido um surfista em um terno sob medida, então não era exatamente culpa dele.

"Bem, então talvez você possa se lembrar de duas terças-feiras atrás..." Ele olhou para Ed. "Meu sócio e eu não temos certeza, mas pode ter havido um homem aqui, um homem de terno - do tipo de Wall Street, você sabe como é."

A mulher franziu a testa e ajustou o controle sobre o cão na curva do cotovelo.

"O *'tipo'*? Meu neto é um dos principais negociantes..."

"Bonita?"

"Sim."

Hugh passou um dedo pela lapela do paletó do terno.

"Veste-se bem?"

"Sim."

"Boas maneiras?"

"É claro."

Hugh sorriu novamente.

"É desse tipo que eu quis dizer. Você deve estar muito orgulhoso de seu neto."

"Eu estou."

"Então... você viu alguém com essa descrição aqui? Duas semanas atrás?"

As mulheres pareciam estar refletindo sobre isso.

"Não, não vi ninguém como meu neto".

Hugh deu de ombros.

"Então, é isso. Muito obrigado por sua ajuda..."

A mulher levantou um dedo.

"Espere, espere. Havia um homem de terno, mas sua gravata estava toda bagunçada, e seu cabelo? Também estava uma bagunça. Meu neto nunca se permitiria ser visto assim tão perto dos escritórios."

As orelhas de Ed se animaram. De repente, as coisas ficaram muito mais interessantes.

"Você já tinha visto esse homem antes? Quero dizer, em todas as suas -" Ed começou, mas Hugh levantou a mão, silenciando-o.

"Senhora, pode me dizer como ou por que pode se lembrar de algo assim?"

"Bem, em primeiro lugar, normalmente não há ninguém aqui no parque na hora do almoço, ou quase nunca, pelo menos. Mas eram os outros dois que estavam com ele..." Ela estremeceu antes de continuar: "Normalmente, venho até aqui, deixo a Tootsie fazer suas necessidades e depois volto para a minha cobertura. Mas, dessa vez, dei uma olhada neles e dei meia volta. Saí daqui o mais rápido que pude. Estamos em Nova York, você sabe; todo cuidado é pouco."

Ed grunhiu.

Você não sabe nem a metade.

"Espere, havia outros dois homens com ele? Você consegue... consegue se lembrar de algo sobre eles? Qualquer coisa?"

"Ah, sim, eu posso. Como eu disse, minha memória está boa, e aqueles dois... aqueles dois deixaram uma *impressão*."

Ela fez uma pausa, com a cabeça ligeiramente inclinada para cima e para a esquerda.

"O primeiro era gordo, careca, usava uma camiseta da Disney e tinha uns olhos minúsculos e redondos, sabe? Era um homem mau, percebi isso assim que o vi. E não estou falando de um homem mau que rouba a bolsa de uma senhora idosa". Ela fez uma careta e, dessa vez, estremeceu de verdade. "Mas o outro... o outro era pior."

"Por favor", disse Hugh, estendendo a mão e tocando o braço dela gentilmente. "Qualquer coisa que você puder nos dizer será muito útil."

"Sim... o outro homem era magro, magro, parecia que não dormia há dias. Olheiras profundas e escuras ao redor dos olhos, sabe?"

Hugh acenou com a cabeça, incentivando-a a continuar.

"E ele estava... eu, eu não sei - ele estava sorrindo muito, mas

apenas com a boca. Seus olhos definitivamente não estavam sorrindo. Não, acho que aquele homem não sorria de verdade há muito, muito tempo."

Hugh olhou para Ed e deu uma piscadela para ele. Uma *piscadela*, entre todas as coisas.

Sacana arrogante.

Mas por dentro, Ed também estava sorrindo. Eles estavam chegando a algum lugar.

Capítulo 6

Quando Robert reconheceu a voz, ele imediatamente jogou as mãos para o alto.

"Não atire!"

Cal, com o rosto coberto por uma máscara de confusão, virou-se para trás.

"Não atire? Não atirar? Quem diabos...?"

Mas ele deve ter visto algo que o deixou sem fôlego.

"Você!", disse ele, sua voz caindo de um grito para um sussurro.

"Não estou... não estou aqui para machucá-la", respondeu Aiden.

Algo roçou em seu braço, e Robert deu um pulo.

"Robbo, vire-se de costas."

Robert, percebendo que era apenas Cal que o havia agarrado, fez o que seu amigo havia dito.

Era difícil distinguir muita coisa, já que seus corpos bloqueavam o brilho do fogo atrás deles, mas o homem que estava diante deles era, sem dúvida, Aiden, com um chumaço de palha enfiado no lábio inferior. Mas havia algo diferente nele, algo que ele não conseguia identificar.

Mas Robert não teve tempo para pensar muito nisso; ele estava mais preocupado com o que parecia ser um rifle de precisão pendurado no ombro do homem.

"Você atirou em Jonah", disse Robert suavemente. As imagens do troll horrendo em cima de Shelly voltaram à sua memória e ele sentiu uma pontada no fundo do estômago. "Obrigado; obrigado por isso."

O homem não disse nada; simplesmente cuspiu um jato de suco de tabaco no chão entre eles.

"Não, de verdade. Eu não posso..."

"O homem me disse para ficar de olho em você, então eu fiquei."

Cal parecia menos grato do que Robert.

"Sim, e o que dizer do outro filho da puta? O maluco que comeu parte do dedo do Robert? E quanto a ele, hein? O que aconteceu lá? E o Carson? A vadia com a faca? O que há com eles? O 'homem' lhe disse para parar de se importar depois de eliminar o gordo?"

"Calma, Cal", disse Robert, com os olhos ainda fixos em Aiden. Havia algo na maneira como a pequena luz que chegava até ele parecia estranha, como um trompe-l'oeil.

Ele olhou de relance para Cal e notou que a luz refletia nele com uma espécie de qualidade iridescente. Mas, com Aiden, ela parecia mais fraca.

"Não, não me facilite. Esse cara deveria nos proteger e falhou, porra."

As palavras de Cal não incomodaram Aiden; de fato, ele não

pareceu nem mesmo reconhecer a raiva do homem.

"Ele não falhou conosco", disse Robert suavemente. Ele sentiu uma agitação em sua mente e um lampejo de laranja.

Helen estava de volta, mas Robert a empurrou para baixo novamente.

Eu sei.

Cal se voltou para ele agora, e Robert se lembrou da maneira como ele havia se retirado diante de Seaforth. Cal era um homem muito mais irritado do que ele se lembrava. Seu melhor amigo sempre fora um pouco estranho, ansioso por se apegar a teorias de conspiração, mas nunca estava *com raiva*, pelo menos não daquele jeito.

"Acalme-se, Cal, por favor."

"Não, não vou fazer isso. Esse desgraçado *falhou* conosco. Está ouvindo isso, chefe? Todos vocês..."

Robert estendeu a mão e apertou o braço do amigo, com força. A raiva de Cal era claramente descabida; não era como se eles tivessem contratado esse homem, ou sequer soubessem que ele estava do lado de fora da Harlop Estate quando tudo aconteceu.

"Que porra é essa, Robbo?"

"Cal, fique quieto."

O rosto do homem escureceu.

"Não..."

Robert não lhe deu nenhuma chance.

"Ele não falhou conosco, seu idiota. Ele falhou consigo mesmo, ao nos proteger."

Cal recuou.

"O quê? Que diabos você está fazendo?"

"Ele está morto", disse Robert sem rodeios. "Aiden está morto."

"Eles se aproximaram sorrateiramente de mim. Baixei a guarda por um minuto, talvez menos, e eles se aproximaram de mim. Eu sabia que ele estava lá, é claro, mas não planejei a garota. E, meu Deus, ela era rápida."

Aiden parecia quase apático, embora Robert não tivesse certeza de como alguém deveria se sentir, soar ou mesmo parecer ao falar sobre sua própria morte. Na verdade, além da Helen em sua cabeça e talvez do Dr. Mansfield, Aiden era a única pessoa morta normal com quem ele já havia conversado.

"Sinto muito, Aiden. E..." Robert fez um gesto para Cal e Shelly, que estavam sentados no sofá em frente ao homem grisalho. "- e queremos agradecê-lo por nos ajudar."

Shelly, que parecia quase tão monocromática quanto a quiddity em frente a eles, apesar de ter tomado banho e se vestido, engoliu com

força. Robert percebeu que ela queria estender a mão e agarrar Aiden, para agradecer ao homem por ter tirado Jonah de cima dela, mas isso, é claro, estava fora de questão.

Robert acenou com a cabeça para ela e depois se voltou para Aiden.

"Por que... por que... por que você sabe o que aconteceu com você? Quero dizer, você estava lá em Seaforth com todos os outros - eles não tinham ideia de que estavam mortos."

Aiden abriu a boca para responder, mas, para a surpresa de Robert, não foram as palavras dele que ele ouviu, mas as de Helen em sua mente, contando sua própria história.

Era uma bagunça confusa. Eu sabia que havia algo errado, que algo não estava certo, mas não conseguia identificar. Como uma palavra que você quer dizer, que você quer dizer, mas não consegue dizer. E então, quando aquela coisa - o bode - falou comigo, não tive escolha a não ser ouvir. Não sei como...

Robert tentou acalmá-la com pensamentos calmos.

Helen tinha razão, é claro; *era* confuso.

Confuso e esmagador.

Ele olhou para Shelly e, ao ver sua própria perplexidade refletida no rosto bonito e redondo dela, Robert sabia que ele tinha que ser o único a ser forte. Nem Cal, nem Shelly, nem mesmo Allan, onde quer que ele estivesse.

Mas ele.

Robert Thomas *Black*.

"Não sei", disse Aiden com um encolher de ombros. "Eu não sei."

"E por que... como você voltou tão rápido? Com os outros..."

Aiden deu de ombros novamente e continuou a olhar para frente.

Robert demorou um pouco, tentando não irritar o homem. No entanto, ao olhar para ele e para a sua expressão plana, ele não tinha certeza de que Aiden fosse capaz de tal emoção.

A maioria dos homens, presumiu Robert, teria ficado com raiva depois do que aconteceu com Aiden, até mesmo furioso. Mas ele não.

Cal entrelaçou os dedos, bateu o pé e se inclinou para frente no sofá. Seu tom de voz havia se suavizado consideravelmente desde o encontro lá fora, e Robert achou que Cal havia quase voltado a ser o que era.

"Podemos mandar você de volta", ele sussurrou tão suavemente que Robert mal conseguiu captar as palavras. "Robert pode fazer isso."

Os olhos de Aiden, antes claros, embora um pouco cinzentos, de repente brilharam na escuridão, como tinta derramada em um copo de água de nascente.

"Não, eu não quero voltar - não ainda. Tenho algo que preciso fazer."

Talvez ele seja capaz de sentir raiva, afinal, pensou Helen. Mas ele é um bom homem, que devemos ficar felizes por ter ao nosso lado.

Robert não poderia estar mais de acordo.

Ele só precisava descobrir a melhor maneira de usá-lo para encontrar o livro.

Capítulo 7

"Você acredita em fantasmas, Hugh?"

"Em quê? Fantasmas? De jeito nenhum."

"Deus?"

Foi uma conversa pesada durante quinze minutos após o jantar, mas Ed ficou tão impressionado com a maneira como Hugh lidou com a mulher no parque que sentiu a necessidade de conhecer melhor o homem.

E quando Hugh usou a palavra "parceiro", por mais presunçosa que fosse, algo se encaixou dentro de Ed. Ele não tinha certeza se estava disposto a ter outro tão cedo, considerando o que havia acontecido com o último, mas definitivamente era algo que estava no horizonte. Ele podia ver uma boa situação yin e yang com o homem, uma peça complementar que poderia se encaixar.

Um amigo, talvez, embora já fizesse tanto tempo que Ed não tinha um desses, que ele não tinha mais certeza de como era.

"Não", respondeu Hugh. "Não, eu não acredito em Deus."

Ed continuou dirigindo, afastando-se cada vez mais da cidade em direção aos subúrbios. Duas vezes Hugh perguntou para onde diabos eles estavam indo, mas sua resposta foi a mesma: observe e ouça.

E responder a perguntas, é claro.

Não importa o quanto seja pessoal.

"Por que não?"

Hugh deu de ombros e, inesperadamente, se abriu. Ed achava que a geração do homem era mais cautelosa, com "lugares seguros" e pessoas que se ofendiam até mesmo com a ideia de um peido em público, mas claramente Hugh era diferente.

E isso era bom, porque Ed também era diferente.

"Acho que não posso acreditar em algo que nunca foi comprovado, sabe? Quero dizer, todos nós acreditamos no Papai Noel, no Coelhinho da Páscoa, na Fada dos Dentes e em outros contos de fadas quando somos jovens, mas com o passar do tempo superamos esses mitos. No entanto, por qualquer motivo, esse mito, o mito do céu e do inferno, de Deus e Satanás, persiste. Enraizado em nossa evolução, suponho, mas ainda assim é um mito".

Ed sabia que, nos últimos anos, tinha se tornado um pouco fora de moda chamar a si mesmo de ateu ou agnóstico, mas a resposta de Hugh sugeria uma camada mais profunda de pensamento do que apenas seguir uma tendência. Ed olhou rapidamente para o homem e tentou compreendê-lo, entender sua essência. Doze anos como detetive na cidade de Nova York e mais nove como policial de choque antes disso lhe ensinaram muito sobre a condição humana. E com esse conhecimento veio a capacidade de descobrir o indivíduo real,

subjacente, sob a pele que eles apresentavam ao mundo.

E Hugh parecia ser mais do que apenas um rosto bonito e um terno elegante. Havia algo nele, alguma substância.

"Sabe, nós olhamos para os deuses gregos e romanos e imediatamente os ignoramos. 'Ah, esses eram estúpidos, como alguém pode acreditar que um cavalo e uma carruagem arrastam o sol todas as manhãs? Minha resposta é sempre que eles tinham mais convicção na época; eles acreditavam tão plenamente que aquilo era real que sacrificavam crianças para essas divindades. Sacrificavam-nas. E, no entanto, por alguma razão, apenas as religiões de hoje são as que são, entre aspas, *reais*. Dá um tempo. É o Papai Noel usando vestes longas e preferindo meninos a duendes de terno verde."

Ed sorriu.

Diga-me como você realmente se sente, Hugh. Não se contenha agora.

Hugh se virou para encará-lo, com um breve choque em suas feições ao perceber, pela primeira vez, que Ed o estava observando.

Ele deu de ombros, como se dissesse: "Não é nada demais, não estou tentando ofender".

"E quanto a você?"

Ed desviou o olhar, mantendo suas cartas perto do peito. Embora fosse hábil em ler os outros, ele gostava de manter seus próprios pensamentos e sentimentos pessoais.

Ele nem sempre foi assim, mas seus pensamentos de que todos eram bons, que esse era o padrão e que apenas erros e mutações levavam as pessoas a fazer coisas horríveis, tinham sido alvo de críticas dos membros mais antigos.

Foram esses comentários que provavelmente o consolidaram como um detetive de carreira, que nunca subiria na hierarquia.

Mas agora que ele era o mais velho, Ed se esforçava para não julgar Hugh.

Ele deu uma risada, tentando aliviar o clima repentinamente sombrio no carro.

"E quanto a mim?", perguntou ele, seu refrão de sempre em momentos como esse. Era muito irritante, um sentimento que se refletia na expressão de Hugh, mas geralmente funcionava.

E esse caso não foi exceção.

Eles dirigiram em silêncio por mais meia hora, os arranha-céus se transformando em escritórios mais modestos e depois em prédios de apartamentos. Ed tinha acabado de parar em um posto de gasolina quando Hugh superou seu óbvio aborrecimento e decidiu falar novamente, claramente escolhendo suas palavras com cuidado. Felizmente, ele mudou de assunto, voltando a uma abordagem mais profissional.

"Entendo o fato de que falar com a mulher não foi uma perda de

tempo... Quero dizer, sabemos que um homem que poderia ser o Michael encontrou um cara gordo e careca e um cara magro com olhos não sorridentes no parque durante o horário de almoço, do qual ele nunca voltou. Vou lhe dar o meu chapéu; essa é uma informação potencialmente valiosa. Mas você precisa me ajudar aqui... o que está pensando? Se foi o Michael, quem foram os outros dois? Foi por causa de dívidas de jogo? Chantagem? Colaboradores? Como essa informação nos leva mais longe, Ed?"

Ed pensou sobre isso por um momento; ele definitivamente tinha um plano de ataque, uma razão, mesmo que sem rima, para o que estava fazendo. Ele só não tinha certeza se queria compartilhar isso com Hugh.

Pelo menos, ainda não.

Quando Ed não respondeu, Hugh suspirou e ficou olhando pela janela. Não foi o melhor começo para a parceria deles, Ed supôs, mas havia algo no fato de você mesmo criar o plano, de juntar as peças por conta própria, que tinha um valor incrível.

Ed se lembrou de uma época muito antiga, quando suas filhas tinham três e cinco anos. Elas adoravam quebra-cabeças e ele sempre as admirava enquanto elas trabalhavam juntas, tentando encaixar as peças no lugar. Nos quebra-cabeças fáceis, as meninas praticamente dividiam o trabalho. Mas quando as coisas ficavam difíceis, sua filha Haley, de cinco anos, assumia o controle e Jordynne ficava em segundo plano. Haley lhe dizia onde colocar as peças, ordenando que ela as colocasse. Não importava se a peça se encaixaria ou não; Jordynne simplesmente a colocava no lugar para deixar sua irmã feliz.

Ele não tinha certeza, mas Ed achava que esse simples ato a havia moldado para o que viria a ser, que havia moldado sua personalidade.

É a mistura perfeita de ingenuidade e abstenção de falar.

Ele engoliu com força, tentando afastar a imagem do rosto de sua filha mais nova aparecendo por trás daquelas barras de aço, com a cabeça raspada e os olhos fundos.

O horrível macacão laranja.

Ele não queria que isso acontecesse com Hugh; havia algo de bom em *fazer* por si mesmo, em vez de ser informado ou ter a mão na massa enquanto, juntos, vocês pulam para a conclusão. E Ed não podia deixar de pensar, por mais infantil que fosse, que ele estava tendo uma segunda chance com Hugh.

E pensar que tudo isso nasceu de carne de rua, de Hugh perguntando se ele queria uma salsicha enquanto examinava as fotografias.

"Ei, espere", disse Hugh, com uma ponta de empolgação na língua, "este não é o caixa eletrônico onde Michael sacou três mil dólares na última tarde em que foi visto?"

Ed sorriu e saiu do veículo.

Sim, ele estava começando a aprender, com certeza.

Hugh correu atrás dele.

"Mas, espere - verificamos a câmera do caixa eletrônico, não há nada nela, exceto por um Michael Young com aparência estressada. Não foi possível ver seu carro ao fundo, nada de interessante - ele nem entrou na estação para mijar."

Ed balançou a cabeça.

"Não, *ele não* fez isso", disse Ed. Ele deu um tapinha nas costas de Hugh. "Apenas observe e ouça, Hugh. Observe e ouça."

"É tudo seu. As fitas de terça-feira estão lá em cima", disse o homem de bigode, indicando a pilha de fitas de vídeo sobre a mesa do escritório nos fundos da loja. "Quatro câmeras, duas internas e duas externas. Uma ao lado do caixa eletrônico."

"Fitas?" Hugh resmungou alto o suficiente para que Ed pudesse ouvir. "Esses caras ainda usam fitas?"

Ed o silenciou.

"Obrigado, Sr.?"

"Edmonds."

"Huh, Ed e Edmonds."

"Perdão?"

Ed balançou a cabeça.

"Nada."

Essa era outra coisa sobre a qual Ed tinha pensamentos fortes: coincidências. Elas não aconteciam *por acaso*. O fenômeno Baader-Meinhof e tudo o mais.

"Mas não sei o que você acha que vai encontrar. Os policiais já vasculharam tudo. E eu já dei um depoimento: não vi nenhum homem de terno. Tenho sorte se minha clientela estiver vestindo uma camisa."

Ed apenas sorriu e agradeceu ao homem novamente. Em seguida, ele guiou gentilmente o Sr. Edmonds para fora da sala e fechou a porta.

Voltando-se para Hugh, ele disse: "Você não vai deixar um neófito como eu examinar as fitas, vai? É mais provável que eu as apague do que encontre algo nelas".

Hugh levantou uma sobrancelha.

"Fitas? Você acha que eu tenho experiência com fitas VHS? Quantos anos você acha que eu tenho?"

Ed riu.

"Sente-se, comece com a câmera no caixa eletrônico, tire uma foto do nosso homem."

Hugh se voltou para as fitas, com as mãos estendidas. Sua

frustração era palpável.

Lide com isso.

Se havia outra coisa que Ed havia aprendido com esse trabalho era que a frustração era quase onipresente.

Hugh remexeu as fitas. De seu ponto de vista próximo à porta, Ed só conseguia ver a data e um número escrito nelas, que ele supôs corresponder à câmera da qual foram obtidas.

"Qual deles? Cristo - qual é o objetivo disso, Ed? Os policiais já estão..."

"Basta colocar uma fita e vamos começar", respondeu Ed, encostado em um armário marrom escuro. Ele notou uma lata de Coca-Cola fechada em cima e a abriu. A carbonatação fez cócegas em sua língua. "Vamos ficar aqui por um tempo e, quanto mais você demorar para começar, mais provável será que eu desenvolva algum tipo de intolerância à glicose", brincou.

A verdade é que Edward "Ed the Nose" Gray já era diabético há anos.

Capítulo 8

"Quatro de nós, três deles", disse Cal. "Faz sentido. E temos duas câmeras que ainda estão funcionando. Não se esqueça disso."

Robert já havia mordido a língua por tempo suficiente. Ele se levantou rapidamente.

"Cal, você está louco? A Shelly não vai a lugar nenhum - ela vai ficar aqui."

Agora era a vez de Shelly se levantar.

"Não vou deixar vocês irem sozinhos."

Cal balançou a cabeça.

"Essa merda de novo, não. Robbo, ela é uma mulher adulta, ela pode tomar suas próprias decisões."

Wendy também fez suas próprias escolhas, e veja onde isso levou ela e Amy.

"Eu sei que você acha que tem que cuidar de todo mundo, depois... depois..." Cal baixou o olhar e deixou a frase se arrastar.

Não importava; ele não precisava dizer isso. Ele sabia o que o homem estava pensando, mas não deixaria que ele trouxesse Amy de volta ao assunto.

"Ela está grávida, pelo amor de Deus! Pense em alguém além de você pelo menos uma vez, Cal!"

O sangue de Robert estava começando a ferver. Ele estava tão cansado que não conseguia pensar direito. A única coisa que parecia clara para ele, por algum motivo, era o acidente de carro da Wendy, só que não era a Wendy que estava no banco da frente, mas a Shelly. E não era Amy no banco de trás, mas um recém-nascido, enrolado em um cobertor.

Vá com calma, Robert, disse Helen, sentindo a raiva e a frustração dele. *Ela não é a Wendy, e você não deve tratá-la como se fosse.*

Helen tinha razão, é claro, mas Robert estava tendo dificuldades para conter sua raiva. Parecia que a cada curva havia um obstáculo, algo fantástico em seu caminho que o impedia de viver qualquer semelhança com uma vida normal.

Com uma respiração profunda, ele deu as costas para Cal e Aiden e falou diretamente com Shelly, decidindo adotar uma abordagem mais direta.

"Por favor, Shel, eu sei que você quer ajudar e, com certeza, precisaremos de sua ajuda se seguirmos em frente com esse plano. Mas você está grávida e precisa pensar no bebê."

Shelly apertou os lábios.

"Estou pensando no bebê, Rob. Estou pensando no que acontecerá se vocês três fizerem merda e o Carson liberar o inferno na Terra. É esse o tipo de mundo em que você quer que seu filho seja criado? Faça

essa pergunta a si mesmo e depois decida se estou sendo egoísta ou não."

Robert cerrou os dentes em sinal de frustração.

"Porra", ele resmungou.

Deixe isso de lado por enquanto, Rob. Deixe para lá e lide com isso depois.

Vendo que não havia como vencer essa batalha, ele ergueu as mãos em sinal de derrota. Só então percebeu a extensão de sua raiva; ele devia estar cerrando os punhos, pois o curativo branco no dedo indicador ficou vermelho vivo.

"Ótimo! Simplesmente fantástico. Um cara morto, uma mulher grávida, e eu e Cal para enfrentar Satanás e seus asseclas. Parece bom para mim. Então, que tal um de vocês me contar sobre esse seu plano mestre?"

Aiden falou pela primeira vez em um tempo.

"Não precisa ser nós quatro. Posso conseguir pelo menos mais um".

Cal trincou os dentes.

"Não sei se isso é verdade. Não sei se me sinto confortável em trazer outra pessoa para essa bagunça."

Aiden fez uma careta.

"Ele não é um garoto de escola, Cal. Você precisa se preocupar com ele - ele é sólido."

"Tudo bem, quatro de nós, então. Assim, a Shelly pode ficar em casa."

"Robbo..."

Robert pensou em Helen, com sua inquietação presa em sua mente, e então seus pensamentos se voltaram para Allan.

Ele engoliu com força.

"Cal tem razão. Não há mais pessoas."

Aiden parecia que estava prestes a protestar, mas, em vez disso, assentiu com a cabeça.

"Está bem, então. Mas para que nosso plano funcione, primeiro temos que descobrir onde eles estão escondidos. Talvez você possa ajudar com isso, Robert."

Robert franziu a testa, com a raiva voltando novamente.

Tem se sentido estranho ultimamente? Fazendo coisas que você normalmente não faria? Está ficando muito irritado, Robbo?

"Eu? Como diabos posso fazer isso? Não tenho ideia de onde essas pessoas estão. Só fui até onde o Sean..."

Ele deixou a frase cair quando Cal acenou com a cabeça ao mencionar o nome do homem e lançou um olhar para Aiden.

"Não, de jeito nenhum. Não vou entrar em contato com ele. Além disso, eu não conseguiria encontrá-lo nem se quisesse. Ele sempre veio até mim."

"E quando ele foi falar com você?" perguntou Aiden.

"Quando o bastardo precisava de minha ajuda, ele simplesmente aparecia. Ele veio primeiro quando precisou de ajuda para limpar a propriedade, depois quando o hospital estava sendo invadido. Depois, novamente em Seaforth, mas você sabe tudo sobre isso."

"Sim, bem, talvez tudo o que eu tenha que fazer é ficar por aqui e ele aparecerá."

Robert refletiu sobre isso por um momento.

Talvez. Talvez Sean detectasse a quiddidade e aparecesse, eventualmente. Mas ele não podia esperar por isso.

"Mas talvez fosse melhor se fôssemos proativos. Afinal de contas, ele tem algo que você quer, não tem?" disse Aiden, como se fosse ele quem estivesse dentro de sua cabeça lendo seus pensamentos em vez de Helen.

"O que ele tem, Rob?" perguntou Shelly.

Robert a ignorou.

"Sim, não graças a você."

Aiden deu de ombros, como se a terrível provação pela qual ele havia feito Robert passar na igreja de Callahan fosse apenas uma reflexão tardia. De certa forma, Robert supôs que sim, considerando o que havia acontecido na propriedade depois disso.

De repente, Aiden estalou os dedos, um som estranho e oco que, assim como o resto dele, não era muito *real*.

"Sabe de uma coisa? Tenho uma ideia melhor. Em vez de fazer com que Sean venha até nós, por que não vamos vê-lo?"

"Espere, você sabe onde ele mora?" perguntou Shelly, incrédula.

Aiden balançou a cabeça.

"Não, mas tenho um número para o qual posso ligar. Ele geralmente escolhe um lugar para nos encontrarmos".

Robert olhou para a quiddity à sua frente. Embora estivesse desbotado e a luz incidisse estranhamente sobre ele, de alguma forma ele parecia mais real do que no helicóptero ou em Seaforth. Como se naquela época ele tivesse sido inibido e sua morte o tivesse liberado de alguma forma.

Robert não sabia se Aiden poderia realmente contatar Sean, ou mesmo se queria que ele o fizesse. Só o fato de pensar no homem já lhe dava um gosto amargo na boca.

As palavras de Leland de repente ecoaram em sua cabeça como uma trilha sonora para as imagens de Sean em Seaforth, atirando na cabeça do homem amarrado.

Você me olha com tanto desgosto, desdém, que me faz pensar se você olha para ele da mesma forma?

Os dois homens haviam jogado com ele, ao que parecia, e Robert tinha a suspeita incômoda de que ele era apenas um peão em seu jogo

de longa data.

Um jogo que ele nunca quis jogar, mas que, mesmo assim, estava determinado a vencer.

Sim, encontraremos o desgraçado do Sean e, desta vez, ele responderá a todas as minhas perguntas.

Seus olhos se voltaram para Aiden, e ele se perguntou como Sean reagiria ao ver sua arma contratada daquele jeito, já que ele se opusera tanto a que Robert o tocasse depois que Leland agarrara sua panturrilha.

Ou nós, Robert, lembrou-lhe Helen. Como ele reagirá a nós. Se esse cara tem toda essa experiência, talvez ele consiga me ver também.

Robert mastigou a parte interna do lábio. Helen tinha razão.

Mas, no final, ele não tinha escolha. Ele tinha que encontrar Carson, tinha que encontrar o livro e, pelo amor de Deus, tinha que trazer Amy de volta.

Robert se sentou na cadeira e balançou a cabeça.

"Faça a ligação, Aiden. Faça a ligação antes que eu mude de ideia".

Capítulo 9

"Pare o retrocesso da fita."

Hugh fez o que lhe foi pedido, e Ed se aproximou.

"Role para frente, devagar, devagar."

Ele prestou muita atenção em Michael quando ele entrou no quadro.

"Ali! Está vendo isso?"

Hugh aproximou o rosto a poucos centímetros da tela.

"Está vendo o quê? Esse é o nosso cara, nosso psicopata canibal residente. O que há com ele?"

Ed terminou sua terceira Coca-Cola em um grande gole. Em seguida, levou o punho ao peito e soltou um pequeno arrote.

"Você sabe por que nos chamam de 'detetives', Hugh?"

"Acho que..."

"Não, não é preciso adivinhar. É porque *detectamos* coisas, entendeu?"

Hugh se virou em sua cadeira giratória e olhou para Ed.

"A única coisa que estou detectando no momento é o aumento da minha pressão arterial."

Ed riu. Esse era um lado de Hugh que ele nunca tinha visto antes - sarcástico, engraçado. Crua.

Ele gostou.

"Apenas assista à fita, Hugh. Rebobine-a mais uma vez."

Hugh ergueu as mãos, mas fez o que lhe foi instruído.

"Aaaaaaaaand, right there", disse Ed, com a voz cheia de pretensão.

"Ele disse alguma coisa."

Ed bateu palmas.

"Bravo! Ele *disse alguma* coisa, mas o mais importante é que ele disse alguma coisa para *alguém*. E esse Michael não me parece ser o tipo de pessoa que conversa com um estranho aleatório, não é?"

Hugh deu de ombros.

"Não, mas ele pode estar falando sozinho... ele é um pouco estranho, esse Michael. Afinal de contas, ele come pessoas, para que não nos esqueçamos."

Ed levantou um dedo.

"Ou, espertinho, a mulher no parque está certa, e nosso amigo estava com outras duas pessoas."

Hugh deixou a fita tocar. No vídeo, Michael parecia muito com o que a mulher com Tootsie havia contado, dando ainda mais credibilidade à história dela: seu cabelo estava bagunçado, a gravata solta e o botão superior da camisa estava aberto. A câmera não era HD, e ele não podia ter certeza, mas Ed achou que o homem estava suando. O resto do vídeo não teve nenhuma intercorrência e mostrou

a maior parte do que o vídeo do caixa eletrônico mostrou. Michael simplesmente foi até a máquina, colocou o cartão, sacou algum dinheiro e saiu pelo mesmo caminho, desaparecendo do quadro.

Quando o vídeo veio à tona, a reação inicial da polícia foi fechar as contas bancárias de Michael e bloquear seus cartões. A teoria era simples: cortar o suprimento de dinheiro e cruzar os dedos, torcer para que ele fizesse alguma besteira que o denunciasse.

O problema é que Michael era tudo menos estúpido.

Não é preciso dizer que Ed se opôs muito a essa ideia, apesar do óbvio risco de fuga que o homem representava. O homem era um egomaníaco, *tinha* de ser um egomaníaco, e quanto mais tempo passasse sem saber que estavam atrás dele, melhor. Além disso, Michael Young havia ganhado 1,2 milhão no ano passado e, no entanto, as intimações de suas contas bancárias haviam revelado um saldo combinado insignificante de 323 mil. Havia muito dinheiro que não havia sido contabilizado, e Michael não parecia ser o tipo de homem que gastava frivolamente, ou jogava, ou estourou seu dinheiro em um quilo de cocaína.

Não, o homem tinha atividades extracurriculares diferentes e decididamente mais baratas. Se cortassem seu suprimento de dinheiro, ele simplesmente usaria suas outras contas que não poderiam ser rastreadas.

"O que você está pensando, Ed?"

Ed balançou a cabeça.

"Estou achando que o Michael não vai usar esse cartão de novo de jeito nenhum."

Hugh lhe lançou um olhar, mas Ed o ignorou.

"Vamos olhar para outra câmera, então. Só que agora temos três pessoas para espionar e não apenas uma. Talvez tenhamos sorte; talvez o Michael tenha entrado para cumprimentar seus co-conspiradores e pegado um saco de Cheetos e nosso amigo bigodudo lá fora tenha se esquecido. *O que está pensando, Hugh?*"

Hugh revirou os olhos.

"Acho que é melhor você comprar uma Coca-Cola Diet desta vez, porque isso aqui é muito material para analisar."

Hugh estava certo, eles levaram três horas para examinar cada uma das fitas de terça-feira. Ed contou oito pessoas que entraram e saíram do posto de gasolina ou dos arredores durante a hora em que Michael estava no caixa eletrônico.

Dois deles se destacaram para ele: uma mulher e dois homens carecas.

"Bem, em qual delas devemos nos concentrar, Hugh?"

Hugh fez uma careta, mas respondeu imediatamente.

"A mulher está fora, não importa o quanto ela pareça suspeita. A mulher no parque foi clara sobre o fato de Michael estar com dois homens. Também não há sinal de um magricela com olhos não sorridentes. Então, restam os dois homens carecas."

Hugh mexeu no vídeo, mostrando a imagem de um homem redondo em uma camiseta que entrava pela porta. Ele coçou os testículos em uma calça de moletom manchada e depois se dirigiu ao caixa. Ele usava um boné de malha com a inscrição "Make America Great Again" e, quando o Sr. Edmonds olhou para baixo para pegar o troco, o homem virou o pássaro para a câmera.

Ed balançou a cabeça.

A que diabos este mundo está chegando?

"Esse cara é uma verdadeira delícia, isso é claro."

"E o outro?"

Hugh rapidamente trocou as fitas e executou a outra gravação. Essa foi gravada dezessete minutos depois que Michael chegou ao caixa eletrônico.

O vídeo foi feito do lado de fora do prédio, e o sol brilhou na lente, apagando a imagem. Ainda assim, Ed conseguia distinguir claramente a silhueta de um homem acima do peso, baixo e careca, caminhando em direção ao banheiro pela lateral. Ele abriu a porta do banheiro, bloqueando o sol por uma fração de segundo, e depois desapareceu lá dentro. Quatro minutos depois, ele saiu novamente e foi embora pelo mesmo caminho que tinha vindo.

"E tem esse cara", disse Hugh. "Ele não diz nem faz nada ofensivo, só vai até a privada e esfrega uma ou caga e depois vai embora. Mas não compra gasolina."

Ed acenou com a cabeça.

"Qual deles é o nosso homem, Hugh? O republicano número um ou o McGee das palmas peludas?"

Hugh brincou.

"Jesus, estou me sentindo como a Miss Marple aqui."

"Fale sobre isso, fale sobre isso."

Hugh revirou os olhos.

"Agora estou me sentindo como um daqueles perdedores de Who Wants To Be A Millionaire. Essa pergunta é um truque? Você viu um castiçal em uma das mãos deles? O Sr. Mustard na sala de jantar com a máquina de waffles? Vamos, Ed. Estou cansado, meus olhos doem, minha *bunda dói*. Apenas me diga o que você viu".

Ed fez uma careta.

"Vou lhe dar uma dica. Recue esta fita para quando ele abrir a porta e ela bloqueará o sol - limitando o reflexo na lente."

Hugh levou a fita para o local apropriado.

"O que você está vendo?"

E isso é frustração, Bebê Hughey. Mantenha-a sob controle.

E, felizmente, Hugh conseguiu de alguma forma. Apesar de todos os seus comentários sarcásticos, Hugh parecia geralmente interessado em aprender.

Depois de um momento de observação aguçada, Hugh disse: "Vejo um homem gordo com uma camisa dois números menor e...". Ele parou no meio da frase e retrocedeu a fita um quarto de segundo. Depois, começou a sorrir. "Droga, vou me danar. Eu vejo uma camiseta com a porra do Mickey Mouse nela."

"*E o homem gordo estava usando uma camiseta da Disney*", disse Ed em sua melhor imitação da mulher com várias cirurgias de rinoplastia. "Tire uma foto e envie-a para o Mac na delegacia. Veja se alguém o reconhece, passe-a pelo banco de dados de reconhecimento da polícia e todas essas coisas sofisticadas."

Hugh, ainda olhando para a tela, sacou o celular e tirou uma foto. Em seguida, clicou loucamente no pequeno teclado antes de colocá-lo de volta no bolso.

"Eu vou ser condenado, Ed; o Nariz está trabalhando bem hoje. *Está havendo um trabalho de detetive muito bom*", acrescentou com o canto da boca, acompanhado de um exagerado bater de punho. "E agora, *ossífero?*"

Ed recolheu suas latas de Coca-Cola e se preparou para deixar o escritório.

"Ora, meu bom homem, nós detectamos; os detetives *detectam*, Hugh. Que essa seja sua primeira lição do dia."

Hugh riu e se levantou.

"Primeira? Esta é minha primeira lição, Papa Pio?"

Capítulo 10

"Não, não aqui - não podemos nos encontrar aqui."

Rob, Cal e Shelly estavam todos agachados na sala de estar dos Harlop, os dois primeiros bebendo uísque, com os olhos arregalados e os ouvidos atentos.

Todos eles estavam prendendo a respiração.

Sean atendeu no quinto toque, exatamente como Aiden havia dito que faria.

O som da voz de Sean no alto-falante do celular trouxe de volta sentimentos de raiva e repulsa profundamente enraizados em Robert. O homem era um idiota egoísta que havia colocado Cal, Shelly e Allan em risco, usando-os como um stratagema para fazer com que Robert cumprisse suas ordens. E isso sem falar na merda que ele o havia feito passar na igreja.

Aiden não era culpado por isso; pelo menos, ele não era o *único* culpado. Mas ele também não estava isento de culpa.

Mas o que ele poderia fazer com um homem que já estava morto?

Vou fazer mais do que pegar o maldito livro de volta de você, Sean. Isso é uma promessa.

"E o Robert? Ele está bem?"

Até mesmo essa pergunta o deixou furioso - nem mesmo um sussurro de menção a qualquer um dos outros. Para Sean, eles não importavam. Para Sean, somente Robert, o filho de Leland Black, importava em seu maldito jogo.

A torre encontra o peão.

"Ele está bem. Os outros também estão bem."

"Aconteceu alguma coisa?"

Aiden hesitou e Robert se encolheu, pensando que o homem havia se entregado.

"Não. Tudo limpo."

"Tem certeza?"

"Claro."

Agora foi a vez de Sean fazer uma pausa.

"Sim, devemos nos encontrar."

"Concordo."

Sean começou a dar a Aiden um endereço que Robert não reconheceu, e ele rapidamente olhou para Cal, que já estava em seu telefone, procurando o endereço.

"Você pode estar na Torre às oito?"

A pergunta claramente pegou Aiden de surpresa.

"Esta noite?"

"Esta noite."

Robert consultou seu relógio. As discussões os haviam levado até

altas horas da madrugada, e seu relógio marcava quinze para as cinco da manhã. Só de ver esses números, suas pálpebras caíram. Por instinto, ele olhou para Shelly, que parecia ainda pior.

Grávida de quatro meses... ela não deveria estar acordada até tão tarde.

Ele podia sentir Helen se encolher com isso, como se o lembrasse, pelo que parecia ser a centésima vez, que Shelly era uma mulher adulta e perfeitamente capaz de tomar suas próprias decisões. Embora Robert concordasse em princípio, ele não tinha certeza de que ela estava qualificada para tomar as decisões certas.

Especialmente devido ao histórico dela na igreja, um cartão que Robert ainda mantinha junto ao peito.

"Oito. Eu estarei lá."

"Ótimo. Encontre-me nos fundos. Tenho outro trabalho para você."

Aiden foi clicar em *END* no telefone, mas Cal se levantou e o tirou de perto dele antes que ele o tocasse, ao mesmo tempo em que tomava cuidado para não entrar em contato com o próprio Aiden.

Eles usaram o telefone de Cal, sem saber como ou se o de Aiden funcionaria, o que era uma opção apenas porque ambos eram queimadores, como o que Robert havia usado na igreja.

Eles ficaram sentados em silêncio por cerca de um minuto até que Cal bocejou alto.

"Preciso dormir um pouco."

"Eu também", disse Shelly, lutando para se levantar. Robert percebeu que a barriga dela era mais do que apenas grossa. Com ela de pé do jeito que estava, ele pensou ter visto um arredondamento ali, uma barriga de grávida que estava esperando para nascer, e quase sorriu.

Quase.

A verdade é que ele não tinha certeza de como se sentia em relação a toda essa gravidez, ou mesmo se havia se conformado totalmente com ela.

Parecia errado, da mesma forma que parecia errado ter dormido com Shelly em primeiro lugar.

Como se ele estivesse traindo a Amy e a Wendy.

Wendy está morta, lembrou-lhe Helen, e Robert fez uma careta, tentando desligá-la, para mantê-la fora de seus pensamentos mais íntimos.

Quando ele atraiu a quiddity da mulher para dentro de si pela primeira vez, ela estava confinada em seu próprio espaço, uma pressão monótona localizada no lado esquerdo de sua cabeça. Mas agora que ela parecia ter ficado mais confortável, parecia estar em todos os lugares, permeando seus neurônios como um impulso elétrico rebelde. E ter alguém, vivo ou morto, capaz de examinar seus

pensamentos, suas lembranças e seus sentimentos no momento em que eles aconteciam era mais do que um pouco desconcertante.

Ainda assim, Helen ocasionalmente oferecia uma pepita de sabedoria que ele não teria conseguido sozinho.

Ocasionalmente.

Até mesmo pensar nisso agora o deixava desconfortável, sabendo que ela poderia, e provavelmente estava, ouvindo. Por mais incômodo que fosse, ele achava que poderia tolerar isso por enquanto.

Ele acabaria descobrindo como fazer Helen seguir seu caminho. Ele só esperava que o processo estivesse enterrado em algum lugar do livro.

Ele havia prometido.

E ainda havia a questão de Shelly e o fato de que, assim como ele, ela havia estado na igreja com o padre Callahan.

Como se também estivesse em sua cabeça, Shelly se virou para ele naquele instante.

"Você vem?"

Robert colocou a mão no bolso e sentiu o canto duro da foto de Shelly quando criança. Era estranho, pois a última vez que ele havia feito a mesma coisa foi com uma foto de Amy.

Droga, sinto sua falta, Amy. Eu vou te trazer de volta, eu prometo.

"Sim, estou indo", disse ele suavemente. Em seguida, foi até ela, passou o braço ao redor de sua cintura e juntos subiram as escadas.

No caminho, ele ouviu Cal perguntar a Aiden o que ele iria fazer.

"Quero dizer, os quiddity precisam dormir?"

Não houve resposta.

"E essa arma, o que ela dispara? Balas fantasmas?"

Não é de surpreender que Aiden também não tenha respondido a essa pergunta.

Cal disse mais alguma coisa, mas Shelly e Robert já estavam tão longe na escada que ele não conseguiu entender as palavras.

Em poucos minutos, os dois estavam deitados de costas, roncando.

Capítulo 11

"**Cara, se você** me disser o que está procurando, talvez eu possa ajudar."

Ed não havia respondido à pergunta na primeira vez que Hugh a fez, e também não estava disposto a respondê-la dessa vez.

Detectar, detectar, detectar. Os detetives detectam, Hugh.

"Vire aqui", ele instruiu.

Hugh hesitou.

"O que está esperando?" perguntou Ed. Agora ele estava ficando irritado. Ele odiava deixar de dirigir, mas era a única maneira de ficar olhando pela janela o tempo todo.

"Você disse para virar, Ed. Este é um cruzamento - desculpe, mas não tenho o seu nariz".

Ed olhou fixamente para seu parceiro.

"O quê?"

"Para que lado? Para que lado você quer que eu vire, Ed?"

Ed olhou para a direita e depois para a esquerda, percebendo que não havia escolhido essa rua por nenhum motivo específico, apenas porque estava ficando entediado de dirigir em linha reta.

A noite já estava avançada e eles já tinham ido a mais de duas dúzias de bares, casas de strip-tease, casas de jogos de azar, etc., nos subúrbios de Nova York. Só de pensar em alguns desses lugares, Ed se sentia sujo, por dentro e por fora.

Seus esforços, de forma bastante previsível, não os levaram a lugar algum. Ed sabia que era uma caça aos gambozinos, mas não era completamente infundada. Depois que Hugh enviou a foto para Mac na delegacia, o homem mandou um ping para Ed para ver o que estava acontecendo. E então ele sussurrou um pequeno detalhe no ouvido de Ed: uma das contas de Michael em um banco menor havia sido registrada naquela mesma terça-feira. Outro saque havia sido feito em um caixa eletrônico, um mais antigo que ainda não havia sido equipado com uma câmera. A polícia havia feito sua diligência, mas não havia descoberto nada.

Mas eles estavam procurando um homem de terno, não um homem com uma camisa do Mickey.

Ainda assim, foi uma caça aos gambozinos, com certeza.

No mínimo, era uma maneira de passar o tempo, uma maneira de conhecer um pouco melhor esse tal de Hugh Freeman.

"Certo", disse ele por fim, só porque parecia *certo*.

Hugh não disse nada, mas mesmo assim se virou. Se o homem já estava com os nervos à flor da pele no posto de gasolina, agora ele era um fio elétrico.

"Hugh, você sabe por que - espere! Espere, pare aqui."

"Aqui? Não há..."

"Pare! Pare o carro!"

O carro sacudiu ao bater no meio-fio, e Ed jurou.

"Sério?", disse ele, voltando-se para Hugh.

Hugh deu de ombros e estacionou o carro.

"O quê? Você gritou para eu parar como se houvesse um ladrão de bolsas à espreita."

Ed balançou a cabeça e olhou pela janela. O carro estava estacionado em frente a um bar com luzes de neon brilhantes onde se lia: *Panty Snatcher*.

"Um lugar de classe. Esse é o seu tipo de lugar, Ed?"

"Cerveja", disse Ed.

O barman parou de limpar um copo e olhou para ele.

"Bud ou Coors?"

"Coors."

Antes de fazer o pedido, o barman voltou-se para Hugh, enquanto esfregava o interior de um copo de cerveja com um pano de prato sujo.

"Você?"

"Cerveja não faz mal."

O barman suspirou.

"Que tipo de cerveja?"

Ed não gostou da atitude do homem.

"Coors."

O barman acenou com a cabeça e, incredivelmente, levou mais dois minutos para terminar de "limpar" o copo antes de pegar as cervejas. Quando as colocou sobre a mesa, ele ficou parado, olhando para elas.

"Sim?" perguntou Ed, confuso e irritado com toda essa situação. Esse seria o último bar do dia antes de voltarem para a estação, então decidir tomar uma cerveja em vez de simplesmente sair e perguntar sobre Michael ou o outro cara parecia ser a coisa certa a fazer. Mas Ed estava começando a se arrepender rapidamente dessa decisão.

"Três e cinquenta."

Ed olhou fixamente para o homem.

"Mais a gorjeta."

Hugh falou antes que Ed atacasse o homem.

"Se quiser ser pago, mande a conta para nós."

O barman apertou os lábios.

"Sem conta. Somente dinheiro."

O que você quer dizer com "sem conta"? Você tem..."

Ed se aproximou e tocou o braço de seu parceiro, acalmando-o.

Depois, calmamente, tomou um gole de sua cerveja. Depois, calmamente, tomou um gole de sua cerveja. Ela estava sem gás. Em seguida, foi até o bolso, mas em vez de pegar a carteira, tirou o escudo de detetive e o colocou no balcão.

Aquele não era o momento para o tato e o charme de Hugh. Era tarde demais, e ele estava cansado demais para isso.

A expressão já azeda do barman se transformou em algo parecido com repulsa ao ver o escudo.

"Ouça, amigo, esqueça a conta por enquanto, está bem?"

Seus olhos se estreitaram.

"O que você quer?"

Ed respirou fundo. Ao contrário da mulher no parque, lidar com suburbanos mal-humorados de Nova York era seu domínio.

"Estamos procurando por dois homens."

O barman, ainda carrancudo, estendeu a mão e fez um gesto de "me dê".

Ed se virou para Hugh e indicou que ele entregasse o celular com a imagem do homem da filmagem de segurança do posto de gasolina e, ao mesmo tempo, tirou do bolso a foto da identidade de trabalho de Michael.

O homem deu uma olhada rápida no telefone primeiro e depois na fotografia.

"Nunca vi nenhum deles", disse ele com um encolher de ombros.

Ed ficou olhando para o rosto dele o tempo todo, sabendo que o homem responderia exatamente da mesma forma que ele, independentemente da pergunta que fizessem. Mas ele não se contorceu, não pareceu perturbado por nenhuma das fotos.

Ele estava dizendo a verdade.

Ed olhou em volta. Era um bar de merda, um dos piores em que já haviam estado hoje. Pouco iluminado, o bar em si era um pedaço de madeira amassado que, segundo ele, estava apenas um pouco acima da madeira compensada, e as banquetas em que ele e Hugh se sentaram, duas de apenas seis, pareciam ter sido feitas de blocos de concreto. Atrás deles, havia um punhado de cabines cobertas com o que parecia ser couro rachado e rasgado, mas era muito mais provável que fosse alguma variante sintética, e as paredes eram cobertas com papel de parede bege descascado.

Ed não sabia dizer se havia um padrão no papel ou se as marcas eram apenas manchas aleatórias. Se ele fosse um homem de apostas, teria apostado na segunda opção. Mas de todas essas atrações, foi o "u" em neon de um letreiro da Budweiser que chamou sua atenção. Ou, mais especificamente, foi o pequeno olho negro embutido dentro dele que ele achou interessante.

Se o homem tivesse sido educado, demonstrado um mínimo de

respeito, Ed teria deixado tudo como estava. Mas não foi o caso.

Ele era um idiota.

"Vamos ter que ver a filmagem da sua câmera", disse ele simplesmente, engasgando com um gole enorme da cerveja quente e sem gás.

A resposta do homem foi imediata, mas, ao contrário de antes, quando questionado sobre os dois homens, ele desviou o olhar enquanto falava.

"Não funciona."

"Acho que sim, amigo", respondeu Ed. "Olhe, eu não quero ter nada a ver com você, com esse bar de merda ou com essa -" Ele pegou o que restava da cerveja e jogou no copo. "- ou essa cerveja horrível. Estamos investigando um homicídio, vários homicídios, e preciso ver as imagens de duas terças-feiras atrás. É só isso. Não quero saber de mais nada."

O homem cruzou os braços sobre o peito estreito.

"Não funciona."

Ed se virou para Hugh e lhe deu uma olhada. Em seguida, voltou-se para o barman e, em um movimento, derrubou sua cerveja no balcão.

"O que...?"

Quando o homem se moveu para pegar o copo, Ed se aproximou, agarrou seu braço e o puxou para perto. A cerveja pingou do outro lado do bar e encharcou a frente da camisa e da calça do barman.

"A porra da câmera funciona, amigo. Agora me dê essa filmagem antes que eu chame meu amigo da Receita Federal para verificar seus livros, que tal?"

O homem estava tremendo nas mãos de Ed, o que lhe deu uma pausa. Um homem como esse, no *Ladrão de Calcinhas* de todos os lugares, deve ter se deparado com muitos personagens desagradáveis em seu tempo. De fato, com base nas tatuagens grosseiras que marcavam seus antebraços, o próprio homem provavelmente tinha um passado sombrio.

No entanto, o fato de Ed ter agarrado seu pulso do jeito que estava agora causou medo diretamente em seu coração.

Talvez essa não seja uma caça aos gambás, afinal de contas.

Capítulo 12

"Do que você se lembra sobre sua infância, Shel?"

Robert estava deitado na cama ao lado dela, com a mão traçando um círculo em sua barriga. Eles haviam dormido até o meio-dia e teriam dormido ainda mais se o sol não estivesse entrando pela única janela do quarto.

A pergunta pegou Shelly desprevenida, e ela se virou de lado, afastando-se dele. Os dedos dele fizeram cócegas suaves em suas costas pálidas.

"Por que você pergunta?"

Robert deu de ombros, tentando parecer natural.

"Não sei, só estava pensando... vamos ter um filho juntos e, no entanto, percebo que não sei quase nada sobre você."

Shelly se virou novamente, com uma expressão severa.

"Você sabe tudo sobre mim, Rob. Não importa onde eu nasci, com quem fui criado - o que importa é quem eu sou agora, e isso você sabe - e isso deveria ser suficiente."

Robert olhou para ela com os olhos arregalados. A pergunta dele tinha sido inócua o suficiente, mas a reação dela não correspondeu.

Ele sondou um pouco mais.

"Eu não quis dizer nada com isso. Só queria saber onde você nasceu, como foi sua infância. Você nunca fala de seus pais. Quero dizer, esse bebê vai ter avós? Essa é uma pergunta razoável, não é?"

Robert detectou uma ponta de tristeza em suas feições, mas ela desapareceu rapidamente.

"Tudo o que você precisa saber, Robert, é que seremos bons e ótimos pais para a criança que está na minha barriga. Isso é tudo o que importa. Se, é claro, você parar de *me tratar* como uma criança."

Robert ignorou o comentário e ficou olhando, tentando descobrir se Shelly estava mentindo para proteger seu segredo de estar na igreja ou se, como ele, ela estava envergonhada por não conseguir se lembrar de sua infância.

"Por que diabos você está me encarando assim?"

Ela não se lembra"*, disse Helen com convicção. *Ela está agindo dessa forma porque não se lembra.

"Desculpe, mas não sei por que você está tão irritada", resmungou ele.

Shelly suspirou.

"Não, eu sinto muito. É que foram dois dias muito ruins, Robert. Eu não queria ser curto com você. As coisas estão... bem, fodidas."

Ela se inclinou e o beijou nos lábios.

"Mas chega de falar de mim; não é como se houvesse algo acontecendo com meu corpo, hormônios e tudo mais. Você sabe, um

feto minando minhas forças, roubando minha comida." Ela deu um sorriso fraco. "Como você está? Como está sua mão? O arranhão? O tornozelo?"

Robert deu de ombros. Para ser honesto, ele não havia pensado em seus ferimentos desde que acordou.

Com um gemido, ele tirou as cobertas e se sentou.

Ele não havia pensado nelas até agora. O arranhão em seu peito não era tão grave quanto ele havia pensado inicialmente e, embora a gaze que Shelly havia colocado sobre ele estivesse descascando em alguns lugares, parecia ter parado de sangrar. Ia deixar uma cicatriz feia, mas era só isso - nenhum dano permanente. Uma rápida rolagem do tornozelo revelou uma amplitude de movimento limitada, mas ele duvidava que estivesse quebrado.

Isso deixou sua orelha e seu dedo.

Sua orelha havia perdido um pequeno pedaço da parte superior, onde a bala o atingiu de raspão, mas era apenas uma orelha e ele ainda podia ouvir muito bem.

Seu dedo, por outro lado...

Robert aproximou o dígito mutilado de seu rosto e examinou o invólucro rudimentar que há muito tempo havia se tornado um carmesim profundo. A visão dele terminando muito antes do que deveria foi bizarra, e Robert instintivamente tentou dobrá-lo.

Foi um erro do qual ele logo se arrependeu, e foi tudo o que pôde fazer para não gritar.

"Porra!"

Shelly ficou de pé em um instante, movendo-se com fluidez apesar de sua nova figura.

Robert ficou olhando enquanto o pano começava a se encharcar de sangue. A dor subiu por seu braço.

"Vamos precisar suturar isso, Rob", informou Shelly suavemente.

Robert balançou a cabeça enquanto endireitava o dedo mais uma vez. Relutantemente, o nó voltou à sua posição original.

"Não há tempo."

"Você vai perder mais do que a porra do seu dedo se não tomar cuidado com isso."

"Você pode pegar uma tigela de água morna, algumas toalhas, desinfetante e um pouco de supercola?"

Shelly fez uma careta.

"Com que porra eu me pareço? Uma farmácia?"

Robert não conseguiu sorrir. Em vez disso, ele apenas balançou a cabeça.

"Está embaixo da pia. Eu a coloquei lá quando Amy estava - quando Amy - Amy..."

Shelly o envolveu com os braços e o abraçou com força. Só o fato

de mencionar o nome dela já se tornava um desafio, pois ele imaginava Leland agarrando os ombros dela, com o rosto horrível olhando para ela.

E o bode... o bode está chegando...

Robert estremeceu e depois se recompôs.

"Coloquei alguns suprimentos de primeiros socorros embaixo da pia quando nos mudamos para cá. Talvez você possa pegá-los para mim? Acho que coloquei um pouco de cola lá também. Podemos colar, espero que isso reduza o inchaço e estanque o sangramento. Há um pouco de ibuprofeno lá também - poderia usar talvez duas dúzias desses também."

"Claro", disse Shelly, e se levantou.

Em algum momento da noite - ou da manhã, quando eles realmente foram para a cama - ela tirou todas as roupas e, enquanto se dirigia ao banheiro para pegar os suprimentos, ele se maravilhou com o corpo dela.

Mesmo com a barriga crescendo, ele a achava quase irresistível, e a carne extra nas coxas e na bunda parecia ainda mais bonita para ele agora.

E muito diferente da Wendy.

O pensamento veio do nada, mas isso não o tornou menos verdadeiro. Enquanto Wendy era magra e forte, com todos os ângulos, Shelly era curvilínea.

Enquanto observava a bunda dela enquanto ela chegava ao banheiro, e apesar de tudo, ele sentiu a parte da frente da cueca começar a apertar.

Do lado de fora da porta do banheiro, Shelly se virou e olhou de volta para ele.

"Seu perverso", disse ela com uma risada. "Olhando para uma mulher grávida. Muito fetiche?"

Robert ficou corado.

De certa forma, a resposta dela foi um alívio. Não importava o quanto as coisas tivessem mudado nos últimos seis meses, era bom ter algumas constantes, algo confiável.

Algo real.

Estava ruim, muito ruim. Tão ruim, na verdade, que assim que Robert viu o osso branco brilhante aparecendo através da pele que parecia carne moída, onde os dentes de Michael o haviam roído, ele teve que desviar o olhar.

"Oh, Deus... acabe logo com isso", disse ele com os dentes cerrados. Shelly trabalhou rapidamente, primeiro limpando o ferimento e depois aplicando a loção antisséptica. Mas logo ficou claro que ela estava fora

de seu alcance. Ela seria uma ótima mãe, limpando joelhos arranhados e lidando com pequenos cortes, mas não estava preparada para ferimentos de canibais.

Na verdade, a mordida estava tão irregular que o plano inicial de Robert de colar o nó não ia funcionar. Simplesmente não havia pele suficiente para cobrir o osso exposto - ele precisava de um enxerto de pele, e ambos sabiam disso.

"Robert, você precisa ir para o hospital - você precisa consertar isso. E você precisa de antibióticos de amplo espectro - quem sabe que tipo de bactéria esse cara, essa *aberração* maldita, tem em seu sistema. Você precisa cuidar disso agora."

Os olhos de Robert se voltaram para o rosto dela e depois para o estômago.

De jeito nenhum no inferno - de jeito nenhum no Marrow - ele a deixaria ir com eles para ver Sean, muito menos para confrontar Carson.

E com essa constatação, um plano começou a se formar em sua mente.

"Você está certo. E estes" - ele balançou o frasco de Advil na outra mão - "não vão servir por muito mais tempo."

Era sempre melhor colocar a verdade em cima das mentiras. Como quando ele estava olhando para o cadáver em chamas de Jonah, essa insensibilidade o entristeceu.

Mas isso não o fez mudar de ideia. Ele já havia perdido uma esposa e um filho; não estava disposto a perder mais pessoas que amava.

Os ombros de Shelly caíram de alívio. Encorajado pela resposta dela, ele começou a acenar com a cabeça e continuou: "Vou ao hospital, para ver se eles podem me curar rapidamente".

A postura de Shelly mudou novamente.

"Uma solução rápida? Você acha que isso é uma solução rápida?"

"Provavelmente não", ele admitiu. "Mas não posso deixar as coisas assim."

"E a reunião com Sean? E quanto a isso?"

Robert se esforçou ao máximo para parecer abatido.

"Não sei. Vou dizer ao Aiden para ligar de volta para o Sean e dizer a ele que surgiu um imprevisto."

Shelly parecia duvidoso.

"Aconteceu alguma coisa? Sean vai mesmo comprar isso?"

"Porra, eu não sei, Shelly, eu *só-arrgh-*"

Ele agarrou o pulso de sua mão machucada e se curvou na cintura.

"- Isso mata, porra..."

Shelly se levantou rapidamente.

"Sim, estamos indo para o hospital, tudo bem. Deixe-me só..."

Robert olhou para a barriga dela, para a sujeira que cobria sua

pele.

"Vá tomar um banho rápido, limpe-se primeiro e eu vou contar ao Aiden e ao Cal. Peça a eles que liguem para o Sean."

Shelly o encarou por um momento, e ele pôde literalmente ver as engrenagens dela girando.

Ela não está acreditando, pensou Helen. *Ela sabe que você está mentindo.*

Mas, pela primeira vez, Helen estava errada. Shelly assentiu com a cabeça, estendeu a mão e pegou a gaze da cesta. Então, com o máximo de cuidado possível, ela a enrolou frouxamente sobre o osso exposto e a carne brilhante.

"Coloque isso nele por enquanto."

Com isso, ela se levantou e foi para o chuveiro.

"Desço em dez", disse ela, passando a mão pelo cabelo loiro curto. Quando seus dedos se enroscaram, ela se corrigiu: "Em quinze".

Robert sorriu ao vê-la sair. Quando ela fechou a porta, o rosto dele ficou abatido.

"Sinto muito, Shelly", ele sussurrou enquanto se levantava e se vestia rapidamente. "Mas eu simplesmente não posso arriscar."

Ao colocar o frasco de Advil no bolso, seus dedos tocaram o canto duro de uma fotografia.

Capítulo 13

Agarrar o braço do barman havia quebrado seu verniz de dureza. Esse simples ato, desconsiderando, é claro, o fato de que Ed havia tecnicamente agredido o homem, foi sem dúvida o melhor "trabalho policial" do dia: o homem havia se aberto como uma represa com vazamento e agora não queria mais se calar.

O barman descreveu detalhadamente um homem que entrou aqui, sentou-se ao lado de um dos clientes habituais, pediu algumas doses de tequila e, sem aviso prévio, agarrou seu braço como Ed havia feito há pouco.

"Não foi a primeira vez que um cara me agarrou no bar, e não será a última, mas isso foi diferente... foram os olhos dele..."

O barman passou a descrevê-los como olhos frios e mortos, além de três dúzias de outros adjetivos, e Ed lembrou-se instantaneamente do que a mulher do parque havia dito a eles.

Seus olhos definitivamente não estavam sorrindo.

"Acho que ele teria me cortado ali mesmo, me fatiado e cortado em cubos sem pensar duas vezes."

Ed assentiu, e Hugh lhe lançou um olhar.

Afinal, parecia que eles tinham tido sorte.

Não há coincidências.

Parecia que eles poderiam ter pegado o ganso.

"A câmera de vídeo é uma alimentação simples, funciona em VHS", disse o barman ao levá-los para a cozinha. "Grava aqui mesmo."

"Jesus, o que há com esses sistemas de segurança arcaicos hoje em dia?" murmurou Hugh. Mas pelo modo como ele levantou uma panela imunda, Ed não tinha certeza se o homem estava mais surpreso com o equipamento ou com o fato de que o *Ladrão de Calcinhas* realmente tinha uma cozinha.

"O quê?"

"Nada."

O homem tirou uma chave do bolso e abriu a gaveta embaixo da unidade combinada de TV/VCR que ficava ao lado de dois barris de cerveja.

"Normalmente, só guardo as filmagens por alguns dias - as fitas são caras, você sabe, e não faz sentido guardar essa merda se não aconteceu nada."

Ed acenou com a cabeça.

"Mas algo *aconteceu* na última terça-feira, então você o manteve."

"Sim."

Ele retirou a fita - sem rótulo, Ed notou - e a colocou na unidade. Ela zuniu e ficou escura por um momento, mas depois o monitor se acendeu. O bartender avançou algumas horas, mas quando uma

mulher de cabelos escuros em uma roupa de couro apertada sentou-se e pediu uma bebida, Ed pediu que ele a reproduzisse em tempo real.

"Algum áudio sobre isso?"

O barman balançou a cabeça.

"Quem está falando?" perguntou Hugh, tocando a parte de trás da cabeça da mulher na tela.

"Uma cliente regular, que vem pelo menos uma vez por semana. Nunca diz uma palavra; os homens a abordam o tempo todo e dão em cima dela, mas ela simplesmente os afasta. Uma garota bonita como essa, você pensaria que este não é o lugar para ela. Mas acho que ela se encaixa perfeitamente, se é que me entende."

De repente, um homem entrou na cena, um homem magro com uma pequena barba preta na cabeça recentemente raspada.

"Ela nunca diz uma palavra; até hoje, é claro."

Hugh o silenciou, pelo que Ed ficou grato. As divagações do homem rapidamente passaram de úteis a irritantes.

No vídeo, o homem se dirigiu diretamente ao bar e se instalou ao lado da mulher. A princípio, ele parecia estar se afastando dela, mas depois pediu uma bebida e o barman incrivelmente animado da vizinhança o serviu após um breve atraso. Em seguida, o homem se aproximou da mulher. Ela se virou e imediatamente deixou cair o copo, com uma mistura de choque e reconhecimento em seu rosto pálido. O homem levou vários minutos tentando convencê-la de alguma coisa, mas ela não estava entendendo nada.

Em seguida, veio a discussão com o barman, exatamente como ele havia descrito, com a adição de tequila derramada.

Por uma fração de segundo, os olhos do homem no bar se arregalaram e ele pareceu encarar a câmera. Em seguida, a imagem explodiu em estática, e Ed instintivamente se afastou do monitor.

"Ficou assim até cerca de três minutos depois que eles saíram - não faço ideia do que aconteceu. Eles conversaram, se beijaram e depois foram embora", disse o barman, com a voz embargada.

O vídeo por si só foi suficiente para trazer de volta os sentimentos de medo nele.

"Volte para trás", instruiu Ed. "Volte para onde ele olhou para a câmera."

O homem apertou o botão de rebobinar e fez o backup da fita.

"Ali. Pare aí."

O homem na tela era bem parecido com o que a mulher do parque havia descrito: magro, quase doentio, com pele acinzentada e bochechas encovadas. Sua cabeça havia sido raspada recentemente, talvez há duas semanas, mas agora estava mostrando sinais de crescimento.

Mas foram os olhos dele que convenceram Ed de que aquele era o

cara deles. Seus olhos não eram frios e mortos como os de Michael, nem mesmo loucos como os do cara com a camiseta do Mickey Mouse; ao contrário, eram vivos. Dançantes, cintilantes sem luz, animados como uma criança na manhã de Natal.

Mas, paradoxalmente, eles também eram poços sem alma nos quais Ed sentia que poderia se perder se ficasse olhando por muito tempo.

Ele balançou a cabeça, tentando se livrar da estranha sensação que ameaçava dominá-lo.

"Esse é o nosso cara", ele sussurrou mais para si mesmo do que para qualquer outra pessoa. Hugh o surpreendeu ao responder.

"Sim, é ele. *Definitivamente* é ele".

"Tire uma foto, Hugh." Depois, para o barman, ele acrescentou: "Mais alguma coisa que possa me dizer sobre esses dois?"

O homem pareceu refletir sobre a pergunta por um momento. Depois de ver o homem na tela, ele aparentemente decidiu de repente que talvez fosse melhor abrandar a língua.

O medo pode fazer isso com um homem.

Ed se aprofundou um pouco mais.

"Não estou pedindo números do Seguro Social e cartões de crédito aqui. Ajude-nos". Quando esses apelos não conseguiram quebrar sua expressão severa, Ed tentou uma tática diferente. "Veja desta forma: se você nos disser algo que nos ajude a pegar esse cara, nunca mais correrá o risco de vê-lo em seu estabelecimento de classe. E quando o trouxermos, esquecerei tudo sobre a historinha que você acabou de nos contar; sobre como, oh, talvez você *não* o tenha denunciado."

O homem fez uma careta, percebendo agora que havia sido enganado. Ele não tinha escolha a não ser oferecer qualquer informação que tivesse.

"O cara mencionou algo sobre estar na prisão, em liberdade condicional, e a mulher o chamou de Carson, eu acho."

Ed assentiu com a cabeça, guardando esses fatos em seu cérebro.

Hugh se inclinou para a frente e bateu na parte de trás da cabeça da mulher.

"Você disse que a mulher é uma cliente habitual? Alguma informação sobre ela?"

O barman balançou a cabeça.

"Não, como eu disse, ela nunca fala muito. Seu nome é Bella, mas isso é tudo o que sei."

"Tire mais algumas fotos, Hugh."

Enquanto o homem se afastava, Ed se virou para o barman.

"Vamos precisar da fita - você não se importa, não é?"

O homem deu de ombros e pareceu quase aliviado com a ideia de se livrar dele, de deixar todo o encontro para trás.

"Tanto faz."

"Estamos bem aqui", disse Hugh.

"Envie as fotos para o Mac e veja se ele consegue descobrir alguma coisa. Diga a ele sobre o nome Carson e para verificar os bancos de dados da prisão."

O barman pressionou ejetar e, quando foi pegar a fita, Ed a pegou. O homem recuou, claramente com medo de ser agarrado novamente.

Ed sorriu e pegou a fita.

"Vamos, Hugh, vamos voltar para a estação. Obrigado pela ajuda, amigo. E obrigado pela cerveja", acrescentou ao se virar e sair com Hugh a reboque.

"São três e cinquenta para cada um!", gritou o barman.

Sem se virar, Ed disse: "Acho que sua cerveja estragou. É melhor verificar isso antes que o inspetor chegue".

Ao passar pelos dois barris, Ed estendeu a mão e puxou o tubo do que estava mais próximo, e a cerveja começou a espirrar no chão atrás deles.

"Que merda! Que merda!"

Capítulo 14

"Você tem certeza disso, Robbo?"

Robert abriu a porta do carro enquanto balançava a cabeça. A familiaridade de seu carro era estranhamente reconfortante para ele. Em um mundo completamente estranho, era bom ter algo do tempo anterior.

Isso foi só depois que ele desconsiderou as emoções que vieram com a constatação de que o carro havia sido roubado dele na Carolina do Sul, e a única razão pela qual ele o recuperou foi porque Aiden lhe disse onde ele o havia estacionado.

"Não", acrescentou ele, antes de entrar. "Não tenho certeza de nada disso."

"Estou falando da Shelly."

Robert sentou-se no banco do motorista e fechou a porta. Ele esperou que Aiden entrasse no banco de trás e Cal no banco da frente antes de responder.

"Eu lhe disse que ela teve um enjoo matinal. Estava se sentindo péssima. Ela vai ficar bem - ela virá conosco quando formos buscar o Carson", mentiu ele. "Vamos nos mexer, porra."

Cal fechou a porta e Robert olhou para ele pelo espelho retrovisor.

A expressão de seu amigo era de tamanha descrença que, se a situação fosse diferente, Robert poderia ter rido. Cal sabia que ele estava mentindo - afinal, ele conhecia a *Shelly* - mas, por alguma razão, ele se absteve de chamá-lo à atenção. Talvez Cal tivesse caído em si e percebido que o que eles estavam prestes a fazer não deveria - não poderia - *envolver* uma mulher grávida, pelo amor de Deus.

Não importava suas motivações. O que importava era que eles tinham menos de uma hora antes de se encontrarem com Sean, e Shelly estaria segura aqui na propriedade.

Por alguma razão, apesar do que aconteceu aqui ontem, ele sabia que essa última parte era verdadeira.

Robert colocou o carro na direção, deu a volta na estátua e parou no portão.

"Você quer abrir, Cal?"

Cal saiu sem dizer uma palavra, e Robert olhou nervosamente pelo espelho retrovisor, esperando ansiosamente. O barulho horrível do portão se abrindo o fez recuar. De todas as coisas erradas na Harlop Estate, a que ele mais odiava era o portão. Não importava o que eles fizessem - engraxá-lo, lubrificá-lo, trocar as engrenagens - ele continuava sendo uma peça obstinada de ferro forjado que era como uma dor física em seu lado.

Robert se inclinou para fora da janela.

"Vamos, Cal, eu consigo passar. Vamos lá!"

Cal voltou correndo e entrou no banco do passageiro. Antes mesmo de fechar a porta, Robert saiu da entrada da garagem.

Apesar de seus esforços, ele não conseguiu resistir à vontade de dar uma última olhada no retrovisor.

A porta da Estate foi repentinamente escancarada e uma figura familiar com uma barriga redonda estava na entrada, com as mãos nos quadris. O carro sacudiu e um som de raspagem encheu o ar da noite.

"Porra", resmungou Cal.

Ao olhar pelo espelho, Robert desviou para a direita e raspou a porta do lado do passageiro no portão.

"Vamos dar o fora daqui", disse Robert antes que qualquer um deles pudesse mudar de ideia.

"Eu me sinto como a porra de uma criança", disse Cal, distraidamente, depois de dirigirem por cerca de uma hora.

"Como assim?"

"Bem, você sabe como uma criança queima a mão no fogão e depois faz isso de novo e de novo?"

Robert pensou em Amy, em como ela era doce e em como gostava de desenhar. Ele se lembrou do desenho incrivelmente detalhado que ela havia feito no bar no dia do funeral de Wendy.

É o oceano, papai. Eu o desenhei para você.

Cal não tinha filhos, então não podia culpar o homem por estar tão errado a respeito deles. Eles não eram criaturas indefesas e sem mente.

Eles eram, de fato, muito mais inteligentes do que as pessoas lhes davam crédito. E Amy estava definitivamente no topo dessa escala. Ainda assim, ele entendeu o que Cal estava dizendo, apesar de não compreender o contexto.

"O que você quer dizer com isso?"

Cal suspirou e esfregou os olhos. Claramente, ele não tinha tido o mesmo tipo de descanso que Robert e Shelly tiveram.

"Temos um plano? Sério, fizemos a mesma coisa em Pinedale e Seaforth: entramos lá como comandos de soldados retardados, sem o treinamento". Ele se virou para Aiden no banco de trás, que tinha adquirido sua típica expressão impassível. "Sem querer ofender. Mas, Robert, o que devemos fazer desta vez quando encontrarmos o Sean? Sequestrá-lo?"

Robert não disse nada e, em vez disso, deu uma resposta ao "comando GI retardado". Quando Aiden percebeu que os dois estavam esperando que ele falasse, ele passou a língua de um lado para o outro do lábio. Naquele momento, Robert teve um pensamento estranho.

O que acontece quando ele cospe? Ele precisa cuspir?

As palavras do homem renovaram o foco.

"Você trouxe as coisas que eu lhe disse para trazer? Colocou-as no porta-malas?"

Cal acenou com a cabeça.

"Pá, corda, saco pesado? Jarro de água? Coloque tudo lá dentro".

Aiden respirou fundo.

"Então, sim, é exatamente isso que vamos fazer. Sequestrar o homem. Fazê-lo falar. Faça-o nos dizer onde Carson está".

"E você tem certeza de que isso vai funcionar?" perguntou Robert, hesitante.

Aiden pegou a xícara de café vazia entre os bancos da frente, fazendo com que Robert e Cal se afastassem dramaticamente em direção às suas respectivas portas. Era a mesma xícara que ele havia usado para cuspir quando apontou uma arma para a cabeça de Robert do lado de fora da igreja de Callahan. Aiden o girou um pouco, fez uma careta e, em seguida, cuspiu um jato grosso de suco de tabaco.

E isso responde a isso.

"Porra, não. Não tenho mais certeza de nada. Mas é tudo o que temos."

Capítulo 15

"**Muito bem, Hughey, deixe-me** ouvir o que você tem".

Hugh levantou uma sobrancelha.

"*Hughey? O que eu tenho?* Muito bem, Martin Riggs."

Ed continuou sorrindo e indicou as fotografias dispostas sobre a mesa à frente deles. Levou uma boa hora para ir do Ladrão de *Calcinhas* até a delegacia, apesar do pouco trânsito para uma noite de terça-feira. Quando voltaram, eles se instalaram na sala de almoço vazia. Hugh tinha feito sua mágica com os computadores e conseguiu imprimir imagens maiores e aparentemente de melhor qualidade dos quatro suspeitos, que eles prontamente chamaram de Larry (homem com a camisa do Mickey), Curly (homem com os olhos mortos), Mo (a garota) e Mike (Michael Young), e as colocaram sobre a mesa. Mike estava no meio, com Larry e Mo de um lado e Curly do outro.

"Sério", disse Ed, finalmente, quando ficou claro que não haveria uma hipótese por parte de Hugh. "O que você acha que aconteceu com o nosso garoto Mike?"

Ed observou atentamente seu novo parceiro, mesmo antes de ele começar a falar. O fato de que, por trás de todo o seu sarcasmo e sagacidade, Hugh realmente gostava do desafio e se divertia montando essas peças do quebra-cabeça humano era algo a ser admirado.

Ao longo de sua carreira como detetive e, antes disso, como policial de ronda, Ed tinha visto muitos tipos diferentes de policiais: o tipo machão, o policial agressivo, geralmente baixo e imbecil; o tipo quieto, contemplativo e inseguro; o tipo que recebe o salário; e o menos comum, o intrigante.

O Hugh era um quebra-cabeça, sem dúvida. Com uma pitada do tipo de pagamento e uma pitada de contemplação.

"Não sei, Ed. Não faço ideia de por que esse cara, um psicopata rico de Wall Street" - ele deu um soco no nariz de Mike - "andaria com esse cara". Ele apontou para o gordo com a camiseta da Disney.

"Bem..."

Hugh ergueu o dedo, impedindo Ed.

"Então, restam o Curly e o Mo. *Huh*. Eles têm de ser o elo entre os dois; não há cenário que eu possa imaginar - correção, nenhum cenário *razoável* que eu possa imaginar - em que Michael interaja com Larry."

"Não em uma vida passada? Na infância?"

Hugh balançou a cabeça.

"Não. De jeito nenhum. Mike tem mantido seu demônio em segredo. Desde o dia em que ele nasceu, eu acho. Falar com esse homem aqui é apenas uma receita para ser pego."

"Você viu o esquema dele, certo? A gaiola, o calabouço no subsolo?"

"Sim."

"Por que ele deixaria isso? O que o faria desistir de tudo isso? Quero dizer, para um doente como ele, ele parecia ser como um porco na merda."

Hugh suspirou.

"Já falamos sobre isso. Chantagem, morte, prisão."

"Não podem ser os dois últimos; nós o vimos no vídeo."

"O que deixa a chantagem, mas..."

Ed se aproximou e serviu-se de mais dois dedos de Crown Royal Northern Harvest. Ele não gostava de beber no trabalho, mas não havia ninguém por perto e o dia tinha sido longo e atarefado. Uma rápida olhada revelou que Hugh ainda estava trabalhando em sua bebida.

Ele tomou um gole.

"Nosso garoto Mike parece ser alguém suscetível à chantagem?"

Hugh fez uma careta.

"Talvez. Mas duvido."

"Então, por quê?"

Hugh pegou seu drinque, terminou-o e estendeu a caneca vazia para que ele a enchesse. O Nariz agradeceu.

"Não sei. Eu não sei, porra."

"Não fique frustrado. Deixe-me perguntar uma coisa: por que um alcoólatra sai do bar?"

Hugh revirou os olhos de forma tão dramática que Ed não ficaria surpreso se eles tivessem saído de sua cabeça e caído sobre a mesa como dois rolamentos de cerâmica.

"Putá que pariu, você é como as palavras cruzadas de domingo com essa merda. Porra, eu não sei. Por que o alcoólatra sai do bar? Mais bebida? Bebida *de graça*?"

Ed deu um grande e largo sorriso.

"Você é mais inteligente do que parece."

"É melhor do que parecer mais inteligente do que sou, eu acho. Mas eu não entendo."

Ed ficou apenas olhando, sabendo que o homem iria se dar conta disso.

E foi o que aconteceu.

"Espere, você acha que - o que - um desses dois está dando a ele garotas? Um bufê de canibais?"

Ed deu de ombros.

"Acho que não, eu *sei*. Por que outra razão ele deixaria sua configuração de calabouço para trás sem aquecimento?"

Ed se inclinou para a frente e tomou outro gole de seu Rye.

"Foi a garota ou o cara, o Carson?"

"É impossível que Mike receba ordens ou mesmo instruções dessa querida aqui. É mais provável que ele a coma, eu diria."

Ed se inclinou para a frente de repente e enfiou um dedo bem no meio dos olhos de Carson.

"Então, esse cara é a nossa chave."

Hugh se recostou, com um sorriso no rosto. Ele estava obviamente satisfeito, impressionado consigo mesmo. Mas Ed não o culpava. Para falar a verdade, ele também estava impressionado com seu parceiro. Enigmático ou não, ele não esperava que Hugh fizesse as conexões tão rapidamente quanto ele, independentemente das migalhas de pão que Ed havia deixado cair ao longo do caminho.

De repente, Hugh ficou sério novamente.

"Certo, montamos nosso organograma, com certeza. Mas ainda não sabemos quem são essas pessoas, nem como encontrá-las. Que é o que *realmente precisamos descobrir*."

"Ah, essa é a parte mais fácil."

Hugh zombou e revirou os olhos novamente.

"A parte fácil? Claro, claro que é. Coronel Mustard in-"

"Não, de fato. Mac me ligou há uma hora. O nome do cara gordo com a camiseta do Mickey Mouse é Jonah Silvers."

Hugh zombou.

"Me dê um tempo. Você sabia disso o tempo todo?"

Ed deu uma risadinha.

"Claro que sim. E veja só: último local de trabalho conhecido? Um crematório, a não mais de duas horas daqui."

Hugh praticamente se levantou em um pulo.

"Bem, por que diabos estamos esperando? Vamos lá."

"Calma, Tonto. O que vamos fazer? Correr para lá, com as armas em punho? Vamos descansar um pouco esta noite e partir amanhã. Vou fazer algumas ligações e ver se consigo ajuda do FBI."

"O FBI? Esqueça-os, este caso é *nosso*."

"Calma, Hugh. Lembre-se de sua primeira lição do dia: somos detetives, *detectamos*. Deixe o resto para os grunhidos".

Mas, apesar de suas palavras, no fundo de sua mente, a ideia de realmente entrar em ação agradava a Ed em algum nível.

Talvez... talvez façamos mais do que detectar desta vez.

PARTE II - Capas e fantasmas

Capítulo 16

"Não... não é o suficiente. Simplesmente não é suficiente", disse Carson, examinando a pilha de corpos ao lado do forno. Ele contou doze, sem contar o bebê.

Jonah estava certo: seu parceiro Vinny tinha ido e voltado sem sequer questionar a estranha história de Carson sobre a substituição de Jonah no porão de Scarsdale. O homem magro e parecido com um pássaro nem sequer pediu para ver a identificação ou se preocupou em perguntar por que Carson estava empilhando os corpos em vez de queimá-los.

Ainda assim, ele sabia que Vinny tinha mais uma ou duas remessas antes que alguém tão sem graça quanto ele começasse a fazer perguntas. E Carson pretendia lidar com ele antes que isso acontecesse.

Se o homem trouxesse mais cinco ou seis corpos e acrescentasse o próprio Vinny a esse número, então talvez - talvez - fosse suficiente. Mas, por outro lado, talvez não fosse. O que Robert havia conseguido fazer na propriedade Harlop - de alguma forma controlar os mortos, não apenas com ordens verbais, mas de alguma forma entrar profundamente neles, controlá-los com sua mente - bem, isso era *algo extraordinário*.

E, devido ao pedigree semelhante, Carson imaginou que ele poderia fazer o mesmo. Ele só precisava descobrir como.

À sua esquerda, Michael respirava pesadamente, e Carson se virou a tempo de vê-lo limpar um pouco de suor sujo da testa com as costas da mão. O homem tinha um hematoma feio que ia da têmpora até o olho esquerdo, onde o desgraçado do Allan o havia chutado, e parecia que não dormia há cerca de um mês.

"De quantos precisamos? Quando será o suficiente, Carson? Cinquenta? Cem corpos? Isso será suficiente?"

Carson deu de ombros.

"Quanto mais, melhor, como dizem. Robert pode ter levado a melhor sobre nós da última vez, mas isso não acontecerá novamente. Precisamos trabalhar rápido, abrir a fenda antes que Sean e os outros Guardiões nos bloqueiem."

"Bloquear-nos?"

Carson deu de ombros.

"Não me surpreenderia se Robert e seu bando de desajustados

estivessem adotando uma abordagem mais proativa. Apenas continue empilhando os corpos, Michael." Ele mordeu o lábio inferior. Ele podia dizer que seu cachorrinho estava ficando ansioso, que Carson precisava lhe dar um osso para mantê-lo satisfeito em breve. "Da próxima vez que Vinny voltar com os corpos, ajude-o a trazê-los para cá. Então você poderá ficar com ele."

Michael levantou uma sobancelha e até Bella se afastou um pouco dele.

"Tê-lo?"

Carson deu uma risadinha.

"Um lanche, você sabe. Um aperitivo antes do prato principal."

Michael sorriu e, quando voltou a empilhar os cadáveres, o fez com um pouco mais de vigor.

"Você se lembra de quando nos conhecemos, Bella?" perguntou Carson, distraidamente. Ele estava deitado ao lado dela no chão, com os corpos encharcados de suor.

Ela se virou para olhar para ele. Depois que o cadáver arrancou um grande pedaço de seu cabelo, ela não teve escolha a não ser cortar tudo. Apesar de seus melhores esforços e de sua incrível destreza com uma lâmina, Bella havia feito um trabalho ruim ao cobrir a área calva. E, sem seu lindo cabelo preto, ela foi imediatamente rebaixada em um grau na escala de atratividade. Suas sobancelhas severas e os sulcos profundos ao redor de sua boca eram mais óbvios, a cicatriz em sua têmpora era mais perceptível sem a distração daquelas madeixas brilhantes.

"É claro. Você era um bastardo arrogante do reformatório, sabia?"

Carson sorriu. Ele se lembrava bem daquela época.

Depois de assassinar seus pais adotivos, o estado fez o possível para julgá-lo como adulto, mas o sistema não tinha culpa disso. Ele confessou ter esfaqueado no peito o padrasto, que também era cafetão e traficante da madrastra. Quando a madrastra o encontrou, ele cortou a garganta dela sem hesitar. E, no entanto, ele só havia sido condenado a um centro psiquiátrico juvenil dos onze anos de idade até a maturidade.

Era uma piada, na verdade. Todos sabiam que Carson voltaria a matar, da mesma forma que ele sabia que Robert faria o mesmo depois de sentir o gosto do assassinato em Seaforth.

Apesar do que Robert pensava, ou do que o homem lutava para se convencer, eles eram feitos do mesmo tecido, da mesma composição genética.

Carson se aproximou e passou uma mecha de cabelo de Bella sobre a área calva, que ainda estava vermelha e brilhante.

Na época do reformatório, ela era heterossexual, perfeita. Naquela época, um jovem Dr. George Mansfield, barulhento e desagradável, havia sido tão negligente a ponto de permitir que a ingênua Bella, apenas no primeiro ano de seu estágio em psiquiatria, passasse um tempo sozinha com Carson.

Naquela época, Carson estava apenas começando a perceber seu potencial, a entender seu papel neste mundo e no outro. E, evidentemente, Bella também.

"Lembra quando você me ensinou a meditar? A entrar completamente em minha própria cabeça?"

Bella assentiu com a cabeça. Ao fazer isso, o cabelo que ele havia escovado sobre a careca caiu, e ela rapidamente o empurrou para trás.

"Você pode me ajudar a ir mais fundo, Bella?"

Bella pareceu contemplar isso por um momento, com a língua pressionando a bochecha.

"Talvez", admitiu ela por fim. "Você vai falar com seu pai de novo?"

Carson balançou a cabeça.

"Quero ir até lá, Bella; desta vez, quero entrar na Medula".

Bella sentou-se ereta.

"Você não pode. Você..."

Carson riu.

"Olhe para você! Tão sensível de repente... está preocupada comigo? Preocupado que eu não volte? *Ah!* Eu só quero ir lá com minha *mente*. Eu quero ir *e* quero voltar, Bella. *Preciso* voltar -eland não consegue abrir a fenda da Medula. Ele precisa de nós para ajudá-lo."

"E precisamos do Robert."

Carson acenou com a cabeça.

"É isso mesmo; precisamos de um Guardião". Ele olhou para um lado, pensando no que Leland havia lhe dito na última vez em que conversaram, quando ele estava preso em Seaforth. Havia outros Guardiões por aí, inclusive o maldito Sean, mas Robert era a escolha mais lógica. Talvez a única escolha. "Precisamos encontrá-lo, antes que ele nos encontre."

Bella o encarou com seus vibrantes olhos verdes pelo que pareceu uma eternidade.

"Sim", disse ela finalmente. "Posso ajudá-lo a ir mais fundo. Mas devo avisá-lo que, quanto mais fundo você for, maior será o risco de se perder."

Carson riu novamente.

"Oh, minha querida Bella, é exatamente por isso que eu *tenho* que ir ao Marrow - para garantir que isso não aconteça comigo, com você, com mais ninguém."

Capítulo 17

Algo não estava bem com Sean Sommers. Não era apenas a estranha conversa com Aiden, embora isso definitivamente fizesse parte, mas também algo que o homem de manto havia dito - ou, como ele o chamava, *o Manto*. As palavras do homem soaram estranhas, um pouco estranhas, mas ele estava tão fascinado pelo livro que, na época, não pensou em nada.

Mas agora isso o incomodava, puxava os cantos de sua mente. Não o deixava ir embora.

Sean tirou um cigarro do maço e o levou aos lábios. Ele o acendeu e, em seguida, saiu de debaixo da luz da rua e entrou na escuridão que a lateral do prédio oferecia. Ao tragar, ele voltou seus pensamentos para os acontecimentos da última semana.

Por mais de seis décadas, ele foi um Guardião, imbuído da responsabilidade de manter o status quo, de manter a Medula como uma via de mão única. E, durante a maior parte desse tempo, seu trabalho foi tranquilo. Como um cano bem usado, havia vazamentos ocasionais, mas Sean havia conseguido estancá-los antes que se tornassem uma inundação. Mas desde que Leland se transformou, as coisas pioraram progressivamente. O homem de capa estava certo; Robert nunca deveria ter sido trazido para lidar com tudo isso. Era perigoso demais envolvê-lo. A profecia decretava que era necessário um Guardião para abrir a fenda e, com o número deles diminuindo a um novo patamar, encontrar um estava se tornando uma proposta cada vez mais difícil até mesmo para alguém tão poderoso quanto Leland.

Havia o próprio Sean, mas ele nunca se deixaria ser usado como um recipiente. Ele podia ser idoso como o Padre Callahan, mas não era fraco como o homem era. Ele era forte; Sean tinha visto muita coisa e tinha vivido ainda mais, que passou raspando um pouco abaixo do limiar de detecção pelo olho humano.

Não, ele nunca permitiria que Carson ou qualquer pessoa antes ou depois dele usasse seu corpo ou sua quiddidade para abrir a fenda.

Robert, por outro lado...

Ele ainda não tinha certeza do motivo pelo qual havia procurado o homem em primeiro lugar. Ele havia dito ao Manto que não tinha escolha, que havia muitas questões para ele resolver sozinho.

Mas isso era apenas parcialmente verdadeiro.

Certamente, havia mais quiddity, mas Robert não era sua única opção. Mas, assim como as palavras que o Manto havia dito ao ler a profecia, algo não estava certo e o incomodava, em sua mente, em seus pensamentos, algo que ele não conseguia compreender totalmente.

Algo que o convenceu de que era Robert que ele precisava recrutar, apesar dos riscos óbvios. Apesar de saber que Carson estava preso e que Sean raramente tinha visto uma maçã cair a centenas de quilômetros da árvore.

Sean deu outra tragada, sentindo o ar quente girar em seus pulmões. Com o cigarro quase pronto, ele tirou outro e usou a ponta do primeiro para acendê-lo.

Em seguida, sua mente se voltou para o que havia dado errado na Seaforth. Pelo que ele pôde perceber, foi Peter, o cara da TI, aquele que Sean e o homem de capuz, como os membros mais influentes da diretoria da Seaforth, haviam recomendado pessoalmente, que havia quebrado. A quem Carson e/ou Leland haviam chegado.

Mas tudo isso poderia ter sido discutível se o Manto o tivesse deixado matar Carson quando teve a chance. Mas os pedidos de Sean, por mais racionais e claros que fossem, não foram ratificados.

Isto é, até seu encontro com Carson em Seaforth... mas que outra escolha ele tinha? Trancado, Carson não podia fazer muita coisa. Mas solto? Não havia como ele deixar isso acontecer. Até mesmo o Manto percebeu isso, pois, apesar de suas inclinações para os irmãos Black, sua reação à morte do homem foi inesperadamente moderada.

E Sean não havia deixado nada ao acaso. Ele acreditava que Robert mataria Carson em sua cela, caso contrário, nunca os teria deixado sozinhos juntos. Parte dele esperava que eles tivessem se matado - dois coelhos com uma cajadada só -, mas Sean nunca teve essa sorte.

Em vez disso, ele ordenou que Aiden explodisse a prisão como medida de segurança, e Aiden não hesitou.

Isso o fez completar o círculo.

Não era do feitio de Aiden ser obtuso ao telefone; o homem era o mais direto possível. Ele seguia suas ordens sem questionar.

Algo não está certo...

Um carro parou no estacionamento do complexo de prédios, e Sean jogou o cigarro para trás e se escondeu completamente nas sombras. O veículo era um sedã azul-escuro, que ele reconheceu de algum lugar, mas não conseguiu localizar imediatamente. Sean apertou os olhos com força. Ele podia ver o contorno de um motorista e de alguém no banco do passageiro, mas ele...

"Sean", disse uma voz à sua esquerda, e Sean se virou, levando a mão à arma em seu quadril. Ele se acalmou quando viu que era apenas Aiden, parado a uns doze metros dele. As mãos do homem estavam ao lado do corpo e sua expressão, como sempre, era impassível. Como Sean, Aiden estava parado nas sombras e ele não conseguiu distinguir muitas de suas características. No entanto, a postura, o formato da cabeça e o comportamento confirmaram que era ele.

"Aiden", respondeu Sean, de forma brusca. "O que aconteceu na propriedade?"

Aiden hesitou, e Sean apertou os olhos com mais força. Não era do feitio do homem não ter certeza das coisas, especialmente quando se tratava de responder às perguntas diretas de Sean.

Há algo diferente nele.

"Houve um... incidente".

"Incidente? Que tipo de incidente?"

"Um ataque. Alguém atacou a propriedade. Mas eu cuidei deles."

Sean não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

"O quê? De quem? Do que está falando, Aiden? Alguém atacou o Robert? Por que diabos você não me contou isso antes?"

Ele deu um passo à frente e Aiden abaixou a cabeça.

"Era o Carson - ele voltou e quer o Robert."

O queixo de Sean caiu. Se qualquer outra pessoa tivesse dito aquelas palavras, ele saberia que era uma mentira ou, pior, uma piada de mau gosto.

Mas não o Aiden.

Aiden não mentia, e definitivamente não brincava.

"Como... como isso é possível? Eu pensei..."

Sua mente se voltou para a explosão em Seaforth, para as chamas iluminando as nuvens de tempestade, refletindo a forte chuva.

Não pode ser.

Quando Sean voltou a falar, sua voz mal passava de um sussurro.

"Que porra aconteceu, Aiden? O que...?"

Então, Aiden entrou na luz e Sean quase caiu para trás.

"Fuuuuuck..."

O contorno do homem não estava totalmente sólido, e a luz ao seu redor estava tremendo ligeiramente.

Sean estendeu um dedo e apontou-o acusadoramente para o homem.

"Você está... você está..."

"Morto", terminou Aiden por ele.

Algo passou por trás de sua cabeça, um tecido grosso e áspero, cegando-o. Sean tentou se virar, mas antes que pudesse se mover, algo foi enfiado em sua coluna vertebral - um punho, talvez, ou um pé - e ele caiu de joelhos. Em seguida, uma corda foi enrolada em sua garganta, apertando o capuz com força e, ao mesmo tempo, cortando seu suprimento de ar.

Sua mão procurou a arma, mas encontrou o coldre.

"É isso mesmo, Sean", uma voz familiar sussurrou em seu ouvido através do tecido grosso. "Aiden está morto, e você também estará se não fizer exatamente o que eu disser."

Sean sibilou, tentando, mas não conseguindo, respirar fundo.

"Robert?", ele ofegou.

Capítulo 18

"**Quantos você** tem desta vez?" perguntou Michael. O homem que estava diante dele era alto e magro, com nariz em forma de bico e olhos redondos.

Para Michael, ele parecia um rato de tamanho grande.

"Oito. Mais oito."

"Oito?"

O homem assentiu e foi para a parte de trás do caminhão. Era um veículo simples, não como os carros funerários vistos nos filmes. Isso era para a viagem até a igreja, para as aparências. Depois de exibidos no caixão, os corpos eram removidos, as caixas de pinho eram vendidas ou recicladas, e os corpos eram transportados para cá, para o crematório, em uma van branca simples.

Pelo menos foi o que Ratman lhe disse.

O estômago de Michael roncou enquanto ele esperava que Vinny destravasse a traseira da caminhonete. Parecia que fazia cem anos desde que ele havia mordido o dedo indicador de Robert, e eras antes disso, quando ele havia mordiscado a garota na gaiola.

Sua próxima refeição demorou a chegar, mas agora ele estava diante dele. A carne de macho não era a sua favorita - a testosterona fazia algo para azedar o sabor -, mas com certeza o ajudaria a sobreviver.

Mais oito corpos. Carson vai ficar feliz com o número - ele tem que ficar.

Pensar em Carson fez com que Michael se lembrasse do primeiro encontro deles do lado de fora do prédio do escritório e das conversas subsequentes no parque e depois em seu carro. Sua impressão inicial de que o homem era um psicopata iludido foi dissipada quase no momento em que Carson abriu a boca. O homem tinha uma maneira de falar, de atrair Michael, e não era ruim que o que ele dizia fosse verdade; Michael via algo nos rostos de suas vítimas quando seus últimos suspiros saíam delas. E aquele ar, aquele ar viciado, muitas vezes fétido, expelido de suas bocas sem lábios, era uma espécie de éter para ele que rivalizava com o gosto da carne delas em sua língua.

Era um éter nocivo e viciante que ele acreditava que Carson poderia adquirir para ele em grande quantidade.

E tudo isso foi antes de ele realmente ver os mortos ganharem vida, testemunhar uma mulher com uma garrafa de uísque saindo da cabeça cambaleando enquanto Bella a esfolava com uma de suas muitas facas minúsculas.

Se o que Carson havia dito sobre o Marrow era verdade, então era de seu interesse ajudar o homem da maneira que pudesse. E se isso significasse que ele ganharia um pouco - só um pouquinho - pelo

caminho, tudo bem também.

O sorriso em seu rosto começou a crescer, apesar do fato de que isso fazia com que a pele inchada na lateral do rosto e ao redor do olho doesse.

"Apreste-se, Vinny. Abra o caminhão e vamos começar a jogar os corpos lá embaixo." Michael esfregou as palmas das mãos suadas nas calças enquanto esperava impacientemente que o homem agisse. Ele não tinha certeza de por que esse homem, Vinny, que, pelo que tudo indicava, era um dos *outros*, concordava com o que Carson dizia, mas não se importava muito. Se ele pensasse bem, poderia ter chegado à conclusão de que era o estranho charme de Carson ou sua crença inabalável em uma história, um mito do qual Michael nunca tinha ouvido falar.

Vinny pegou as chaves em seu cinto para destravar a traseira da caminhonete, mas deixou-as cair no chão lamacento.

Suas mãos estavam tremendo.

"Me dê a porra das chaves", Michael resmungou, empurrando Vinny para fora do caminho. Foi apenas um leve empurrão, mas o homem se desequilibrou e caiu de bunda no chão.

Ele gritou, e Michael se virou para encará-lo.

"Levante-se", ele instruiu. Um som vindo da parte de trás da caminhonete chamou sua atenção para a porta branca simples.

Seus olhos se estreitaram enquanto ele ouvia atentamente.

"Está bem, está bem! Vou me levantar", Vinny respondeu rapidamente, mas Michael o silenciou e se concentrou na traseira da caminhonete.

Os quiddity já estão aqui?

Carson havia avisado que eles estariam vindo mais rápido agora, especialmente depois do que Robert havia feito com o corpo da mulher, se apossando de seu cadáver. Mas Michael não tinha tanta certeza.

De qualquer forma, não havia mais sons vindos da parte de trás do caminhão, o que ele não tinha certeza de como interpretar.

Sem dúvida, ele havia ouvido um baque surdo momentos atrás.

"O que você está fazendo?"

"Shhh."

Enquanto esperava, ele pegou as chaves no chão e as pegou. Ele as tocou um pouco e esperou mais um pouco.

O único som que ele ouviu foi o do estômago roncando.

"Venha até aqui", disse ele a Vinny. O homem estava pálido, com o nariz de rato se contorcendo loucamente. "Vamos, venha até aqui, porra."

Ele jogou as chaves em Vinny e elas o atingiram no peito. Para a surpresa de ambos, ele conseguiu pegá-las.

Michael indicou a porta com um movimento do pulso.

"Abra-o."

O homem piscou rapidamente e entrou na frente de Michael, que se afastou vários passos da caminhonete.

Por precaução, por precaução.

Em caso de quê, ele não sabia.

Robert, talvez? Ou quem quer que tenha surpreendido Jonah?

Quando Vinny retirou a fechadura e agarrou a parte inferior da porta, pronto para arremessá-la para cima, Michael ficou tenso, preparando-se para o pior.

Não aconteceu nada.

Vinny abriu a porta e deu um pulo para trás, como se também estivesse esperando que algo acontecesse.

Ainda nada.

"Maldito rato", resmungou Michael, finalmente convencido de que devia ser apenas o motor morrendo ou um pedaço de lama se desprendendo da roda. "Vinny, pegue o primeiro corpo e leve-o para baixo.

Vinny entrou na caminhonete, abaixou-se e pegou o primeiro corpo. Três vezes o homem havia chegado com corpos desde que Michael estava em Scarsdale, e todas as três vezes os corpos estavam em grossos sacos pretos. Dessa vez, no entanto, o primeiro corpo que Vinny pegou não estava embrulhado em nada. Era apenas um cara magro e loiro, com a pele cinza, deitado de costas ao acaso, com os olhos sem vida olhando para o teto da caminhonete. Vinny virou o corpo para cima de seu ombro, a cabeça do cadáver virando para trás de forma não natural.

Fresco - muito fresco.

"Ei, onde estão as malas?" Michael exigiu quando Vinny grunhiu e passou por ele.

"Medidas de redução de custos", disse ele simplesmente. Ele deu um passo cambaleante em direção à porta e depois outro.

Michael balançou a cabeça.

Reutilizar e vender caixões era algo que ele conseguia entender, mas economizar em sacos para corpos?

Selvagens de merda.

Mais dores de fome o atingiram e ele sacudiu os pensamentos da cabeça. Quanto mais cedo eles tirassem os corpos do caminhão, mais cedo ele poderia comer seu "lanche".

Michael foi em direção à caminhonete e entrou nela.

O cheiro era melhor do que ele esperava. Não cheirava muito bem - muito parecido com um banheiro público, cheirava fortemente a produtos químicos que mal faziam um trabalho adequado para encobrir o cheiro de fezes - mas também não era horrível.

Michael olhou rapidamente para os corpos na caminhonete. Havia nove deles, incluindo dois que não podiam ter mais de dez anos de idade. Como Vinny havia dito, nenhum deles estava em sacos; estavam apenas deitados no chão sujo de madeira compensada. Alguns tinham claramente rolado durante o trajeto de onde quer que Vinny tivesse vindo - uma funerária, talvez, ou um cemitério - e um estava encostado na parede interna, comprimido pelo corpo de um cadáver quase nu e muito mais gordo.

Vinny pode levar essa, pensou Michael.

Ele alcançou um dos cadáveres mais jovens, um homem que parecia ter uns vinte e poucos anos, e o agarrou pelo tornozelo. Ele estava prestes a arrastá-lo para a borda da caminhonete e saltar, para puxá-lo para o seu ombro como Vinny havia feito momentos atrás, quando de repente parou.

Oito. Mais oito.

Os olhos de Michael se arregalaram. Havia nove corpos na caminhonete e, se ele incluísse o que Vinny havia levado, seriam dez.

E então um dos corpos se sentou e Michael tropeçou para trás. Ele caiu da parte de trás da caminhonete, aterrissando com força e com um *ruído* audível no chão lamacento. Ele se esforçou para se levantar, para se livrar da lama, quando uma figura apareceu na traseira da caminhonete.

Ele estava segurando uma pistola em uma mão e um escudo de ouro na outra.

"Oh, olá, Michael. Estávamos procurando por você."

Capítulo 19

"**Que diabos está** acontecendo? Aiden, você os trouxe *aqui*? Para este lugar? E você morreu? *Que porra está acontecendo?*"

Sean rosnou e moveu os pulsos para cima e para baixo contra a corda que os prendia. O capuz era, na verdade, uma espécie de saco grosso, e estava sufocantemente quente por dentro. O suor escorria por seu rosto e começava a encharcar o material em volta de seu pescoço, que ainda estava firmemente amarrado por uma segunda corda.

Quando ele gritava, o som era incrivelmente alto em seus ouvidos.

"Como você pode trazer Robert para cá? Ele foi tocado pelo Leland, seu idiota! Ele pode rastreá-lo agora. E se ele o encontrar, se ele..."

"Se ele encontrar quem?", perguntou outra voz que Sean reconheceu como a de Cal.

"Você! Cal, eu deveria ter deixado você apodrecer em Seaforth".

Algo o atingiu no alto da cabeça e estrelas se espalharam pelo mar de escuridão que era sua visão. Respirando pesadamente, ele grunhiu e tentou manter a mente clara, apesar do golpe.

Que diabos eles pensam que estão fazendo? Como... o quê... Carson está vivo?

Ele engoliu com força, pensando no que havia dito à Capa.

Carson está morto. Sim, eu mesmo fiz isso.

"Porra", ele jurou, decidindo mudar de tática. "O que você quer de mim, Robert? Para onde está me levando?"

Dessa vez, não houve resposta.

Sean fechou os olhos e tentou manter a calma.

Só que ele não conseguia fazer isso. A raiva que se acumulava dentro dele era muito grande.

Como pude ser tão estúpido? Enganada por Robert e seus amigos delinquentes? Pelo Aiden?

Sean se debateu contra suas amarras e, em seguida, jogou o corpo para frente. Completamente cego, seu rosto se chocou contra o que poderia ter sido apenas o encosto do banco da frente. Mas isso não o deteve.

Ele teve que fazer com que parassem o carro e tirassem o capô. Para falar com ele.

Ele imediatamente se inclinou para a esquerda, empurrando o ombro contra a porta. Algo rangeu, e ele sentiu a janela se inclinar. Encorajado, ele jogou seu corpo contra a janela novamente, e ela se curvou ainda mais.

"Ele vai quebrar a porra da janela! Pegue-o!"

Sean sentiu as mãos agarrarem seus braços, mas sacudiu violentamente os ombros para frente e para trás, impedindo que as

mãos agarrassem com firmeza. Ele lançou a cabeça cegamente como se fosse uma arma, usando a testa, e ela acabou se chocando contra algo duro.

Alguém gritou, e ele sentiu algo quente e úmido encharcar a parte superior da bolsa. Por um breve momento, as mãos em seus pulsos se soltaram, e Sean aproveitou a oportunidade para se jogar na janela pela terceira vez.

Foi um ato de raiva simples e cega. Seu único objetivo era que eles parassem o carro, que parassem de se afastar cada vez mais da única pessoa que poderia ajudá-los. O homem que poderia protegê-los contra Carson.

O Manto.

A janela se estilhaçou e o capô foi salpicado de pequenos cubos que ricocheteavam como granizo. O som do vento ficou subitamente ensurdecedor e Sean voltou à sua posição original. Atordoados, eles tentou se mover novamente, mas, antes que conseguisse, algo se chocou contra o topo de sua cabeça.

Só que, dessa vez, foi com força suficiente para fazer um estalo audível.

O último pensamento que passou pela mente de Sean antes de perder a consciência foi que ele esperava que Aiden não o tivesse tocado. Que ele não estivesse a caminho da Medula para encontrar o homem que ele havia enviado para lá há mais de três décadas.

Luzes. Halos. Suor ardente em seus olhos.

Sean piscou e virou a cabeça para um lado, causando uma dor no topo da cabeça até os tornozelos. Ele gemeu, longa e baixinho, e depois desmaiou novamente.

Dessa vez, Sean manteve os olhos fechados e estalou a língua. Sua boca estava tão seca que ele não conseguia engolir. Ele tentou lamber os lábios, mas sua língua era como velcro.

"Água", ele murmurou. "Água."

Uma mão agarrou seu queixo e o inclinou para trás, fazendo com que uma pulsação surda espiralasse dentro de seu crânio. A água entrou em sua boca, mas foi tão inesperada que ele engasgou e tentou inclinar a cabeça para frente e cuspi-la. A mão em seu queixo, no entanto, se manteve firme e ele engasgou mais um pouco.

Por fim, ele recebeu uma pausa para respirar e engoliu. Veio mais água, agora em uma quantidade mais razoável, e ele a engoliu com avidez.

Com um suspiro, Sean finalmente abriu os olhos, piscando contra a

luz forte e, ao mesmo tempo, tentando observar o ambiente ao seu redor.

Para planejar uma fuga.

Ele estava em uma espécie de sala cinza feita de paredes de cimento, talvez, ou de tijolos, com uma única lâmpada solitária pendurada no centro da sala. Seu ombro direito doía por ter sido esmagado contra a porta e a janela e, quando tentou mover os braços, percebeu que eles estavam amarrados atrás de si e presos no encosto de uma cadeira de metal.

Dessa vez, eles não estavam se arriscando.

Aiden estava parado perto da porta, encostado na parede. Quando seus olhos se encontraram, ele cuspiu um fino jato cinza de suco de tabaco no chão.

Então, ele sentiu uma tontura e Sean fechou os olhos.

"Precisamos encontrar Carson", exigiu Robert. Sean abriu os olhos lentamente e olhou para o homem, maravilhado com a diferença entre ele agora e quando se conheceram, meses atrás.

Naquela época, Robert era manso, obediente, tímido e hesitante. Ele não confiava em ninguém e relutava em aceitar a carta, muito menos em se mudar para a propriedade. Naquela época, tudo girava em torno de Amy, embora Sean soubesse que a garota estava morta antes mesmo de ela se mijar. O que ele não sabia, no entanto, era a importância do papel que a menina morta de nove anos teria nos eventos que estavam por vir.

Mas agora, Robert estava endurecido, por dentro e por fora. Seu rosto estava machucado e a parte superior de sua orelha estava cheia de sangue. Um de seus pés estava apontado estranhamente para um lado e sua mão direita estava coberta por uma gaze que havia se tornado marrom escuro.

Naquela época, talvez fosse por causa de Amy, mas não mais. Apesar do que ele poderia dizer, agora era sobre *ele*.

Tratava-se de Robert, e somente de Robert.

De repente, um calafrio subiu e desceu pela espinha de Sean quando Robert Watts deu um passo à frente e ficou a centímetros de seu rosto.

"Precisamos encontrar o Carson, e você vai nos ajudar."

Capítulo 20

A respiração de Carson era lenta e rítmica, e foi nisso que ele se concentrou primeiro. Ele imaginou seus pulmões se inflando, o ar enchendo-o como uma espécie de balão orgânico, antes de ser expelido novamente. Como de costume, os pensamentos começaram a entrar em sua cabeça: lembranças misturadas com fantasia, da morte de seu padrasto, de sua primeira morte na floresta naquele dia com Buddy. Em sua mente, as pessoas que ele matou eram monstros de verdade, do tipo verde e escamoso, com pescoços e gargantas enormes, capazes de devorar pessoas inteiras.

"Se um pensamento aparecer", disse Bella em uma voz monótona, "não lute contra ele. Em vez disso, concentre-se nele. Tente descobrir onde ele está em seu cérebro. Tente capturá-lo apenas com sua mente".

Carson fez exatamente isso e descobriu que perseguir os pensamentos em seus neurônios fazia com que eles desaparecessem.

Afinal, eles não eram reais; os pensamentos não eram coisas reais e tangíveis. Eles surgiam do nada e desapareciam no vazio.

Ele respirou fundo mais uma vez. Depois outra. A cada respiração sucessiva, uma escuridão mais profunda e completa começava a se fechar sobre ele e os pensamentos dispersos se tornavam cada vez menos frequentes.

"Respire mais fundo, Carson. Mais fundo... deixe o ar preencher não apenas seus pulmões, mas todo o seu ser."

Carson inspirou pelo nariz até sentir que seu peito tinha a circunferência da Terra.

"Quando você achar que seus pulmões estão cheios, inspire mais um pouco."

Ele estava começando a se sentir tonto e todo o seu corpo parecia estar hiper-oxigenado; seus dedos estavam formigando, os dedos dos pés dormentes.

"E mais profundo", Bella sussurrou em seu ouvido.

Sua mente começou a se separar do corpo, a ficar sem corpo, como se ele tivesse injetado uma dose maciça de quetamina e estivesse entrando no buraco K.

Só que isso foi diferente.

Carson ainda estava presente, mas não como antes; apenas sua essência permaneceu, sua quiddidade. Todo o resto havia se dissolvido.

Seu id, ego e superego estavam todos embrulhados em um pacote apertado, dobrado sobre si mesmo como o DNA em um nucleossomo.

Ele foi mais fundo, não ouvindo mais Bella ou sentindo seu próprio corpo.

Um período de tempo se passou, mas ele não tinha noção de quanto tempo. Poderia ter sido um minuto, uma hora, um dia.

E então até mesmo uma compreensão básica e rudimentar do tempo desapareceu.

Apenas a identidade de Carson Black permaneceu.

E então, do nada, surgiu o mar.

A areia era macia e quente em seus pés.

"Leland? Você está aqui?"

Era tão tranquilo que Carson não queria se mexer, muito menos andar. A única coisa que ele queria fazer era ficar de pé e tomar sol.

"Leland?"

Ele piscou lentamente e, cada vez que suas pálpebras se separavam, em vez de ficarem claras, sua visão ficava embaçada, como se ele estivesse abaixando a cabeça na água.

Na quinta ou sexta piscada, o borrão desapareceu e Carson se concentrou em um homem de chapéu preto. Sombras cobriam seu rosto, e sua jaqueta jeans desgastada estava coberta por uma fina camada de areia.

"Carson... é ótimo ver você, meu filho."

E então ele começou a rir, um som áspero que até fez Carson se encolher.

"Pai, preciso de sua ajuda novamente."

O céu subitamente explodiu em chamas, e o brilho suave e casual do sol se transformou em um inferno quase insuportável.

O suor brotou imediatamente na testa de Carson.

Carson abaixou a cabeça, mas o rugido das chamas atraiu os olhos de Carson para cima. No fogo crepitante, ele viu o rosto de James Harlop, o de Andrew Shaw e, finalmente, o de Jonah.

A visão do último homem fez seu sangue ferver quase tão quente quanto o céu acima.

"Robert é forte, muito forte... ele assumiu o controle de um dos mortos."

Ao mencionar o nome de seu outro filho, a cabeça de Leland se inclinou ligeiramente para cima. Por baixo da aba, Carson viu seu queixo, mas ele não tinha cicatrizes e queimaduras de sol como ele imaginava. Em vez disso, era macio e suave. Quando a cabeça se inclinou um pouco mais, ele viu um lábio inferior carnudo, vermelho e cheio.

Mas que diabos?

Mas então Leland abaixou a cabeça novamente e a imagem fugaz desapareceu.

"Robert assumiu o controle?"

"Sim, preciso que você... me ensine a fazer o mesmo.

Houve uma pausa, e Carson enxugou o suor de sua testa. Ele tentou mover os pés, mas eles estavam grudados no chão de piche. Ele não entrou em pânico. Na verdade, um pequeno sorriso cruzou seu rosto. Era ali que ele pertencia e para onde voltaria um dia com Leland em corpo e alma.

Para governar como a profecia previu.

"Carson, eu posso lhe ensinar, mas o que Robert fez... não é isento de riscos e consequências. Se você for longe demais..."

Carson ergueu uma sobrancelha diante da apreensão de seu pai; esse receio não era típico dele. Nas poucas ocasiões anteriores em que ele havia se aprofundado o suficiente para transportar sua mente para a Medula, o homem havia sido implacável em sua necessidade de gerar uma fenda. Seu desejo era abrangente.

Os olhos de Carson se desviaram para cima e ele olhou para os rostos moldados em fogo.

Todos os outros antes de mim fracassaram.

"Não vou decepcioná-lo, pai. Abrirei a fenda."

Leland não respondeu imediatamente, deixando Carson ouvindo o fogo crepitante acima e o mar agitado atrás dele.

"Quanto mais tempo você ficar aqui, maior a probabilidade de eles sentirem isso", disse Leland por fim. "E quanto mais esperarmos para abrir a fenda, mais provável será que *ele* frustre nossos planos."

Carson assentiu; não havia necessidade de esclarecer quem era o "ele" de que seu pai falava.

Sean Sommers.

O chapéu preto de Leland baixou e, quando ele voltou a falar, sua voz havia caído várias oitavas.

"Deixe o Sean comigo".

Carson engoliu com força e assentiu.

"Onde está Robert agora?"

"Ele... ele deixou a propriedade Harlop, indo para o leste. Mas há algo mais... *alguém* mais com ele, *dentro* dele. Bloqueando-me. Não consigo... não consigo localizá-lo."

Leland estendeu a mão direita e, por uma fração de segundo, o que Carson viu não era mais uma mão humana. Em seu lugar, havia uma mão escura e de couro, que se estendia em três garras longas e pontiagudas.

"Alguém está me bloqueando", repetiu Leland, e fechou o punho, sua mão voltando à sua forma humana típica.

A mente de Carson se voltou para a cena da mulher agarrando o garoto de óculos na Harlop Estate e a maneira como ela foi atraída por Robert pouco antes de Carson perder o controle sobre ela.

E Robert assumiu o controle.

Ele cerrou os dentes. Ele tinha certeza de que era a rapidez daquela mulher que estava bloqueando Leland.

De alguma forma, Robert a havia implantado em sua cabeça.

"Não falharei com você, pai. Agora me diga como controlar os mortos... diga-me como posso libertar você e todos os nossos irmãos e irmãs deste lugar."

Capítulo 21

"**Vocês acham que sabem alguma coisa?** Acham que sabem o que está em jogo aqui?" Sean sibilou. "Vocês não sabem de nada. Eu deveria ter matado você quando tive a chance. Se eu soubesse que você ficaria assim tão fodido, Robert, que procuraria o mesmo homem que quer usar você para destruir o mundo, eu teria matado você na porta da sua casa na primeira vez que nos encontramos."

Robert estava de costas quando ele falou com ele, mas a menção daquele primeiro encontro deve tê-lo tocado, porque ele se virou. Em um segundo, ele estava em cima de Sean, com as mãos cravadas em suas coxas enquanto se inclinava para perto dele.

"Bem, você não fez isso, fez?"

Sean tentou desviar o olhar, mas Robert agarrou seu rosto, apertando suas bochechas com força. Ele o encarou diretamente nos olhos.

"Não foi?"

"Não", Sean conseguiu, e depois sacudiu o rosto.

"Não, não, você não fez isso. Agora você vai nos ajudar a encontrar o Carson, ou o Aiden vai lhe dar um abraço bem grande e gostoso. Que tal isso?"

Sean olhou para Aiden, mas o homem não reagiu, além de dar o que estava rapidamente se tornando sua resposta patente: cuspir no chão. Sean respirou fundo.

"Ele não pode estar aqui, Robert. Você sabe disso. Quanto mais tempo ele ficar, mais..."

"Não estou nem aí!" Robert gritou de repente, e Sean recuou.

O homem havia mudado, isso era certo, mas isso era insano. Era uma pessoa completamente diferente que estava diante dele.

O que diabos aconteceu com ele?

Ele havia ficado irritado quando todos deixaram Seaforth, mas não tinha ficado assim.

Que diabos aconteceu com ele?

Cal, que até então estava observando de lado com os braços cruzados sobre o peito, de repente deu um passo à frente e pegou o braço de Robert.

Robert deu de ombros para ele.

"Onde está o Carson, Sean? Você vai me dizer onde diabos ele está?"

Sean deu de ombros da melhor forma que pôde, dadas as restrições.

"Como eu poderia saber? Achei que ele estava morto! *Você* disse que ele estava morto! Você disse que atirou nele em Seaforth, lembra-se? Droga, Robert, eu queria ter deixado você naquela ilha. Cada minuto - cada *segundo* que você ainda está vivo é um segundo a mais

que o Leland está perto de abrir a fenda."

"Sim, talvez você não devesse tê-lo matado, então, já pensou nisso?"

Sean fez uma careta.

"Você acha que sabe o que aconteceu? Acha que sabe de *alguma coisa*? Vou lhe dizer uma coisa, seu desgraçado, se não fosse pela Capa, então..." Sean fechou a boca com força. Ele havia começado a divagar; havia deixado que esse homem, esse *zé-ninguém*, o afetasse. E ele havia falado demais.

Talvez Robert não fosse o único que tivesse mudado.

Robert tinha começado a se afastar quando Sean começou a falar, mas agora voltou atrás.

"A capa? Você quer dizer o homem de chapéu? Você quer dizer Leland?"

Sean permaneceu calado.

"De quem você está falando, Sean?"

Robert ergueu os braços.

"Aiden, alguma ideia de como fazer esse homem falar?"

Assim como Sean, Aiden não disse nada.

"Sean, as coisas mudaram. Precisamos chegar a Carson antes que ele venha nos buscar. Você entende isso? Não podemos mais ficar parados enquanto ele recolhe mais de suas aberrações e manipula mais mortos. Na verdade, se não fosse pelo Aiden ali, já estaríamos mortos", disse Cal, com a voz surpreendentemente calma.

"Sim, e quem você acha que disse a ele para tomar cuidado com você, hein? Sim, foi o que eu pensei."

Alguma coisa passou pelo rosto de Robert e, quando ele falou em seguida, havia recuperado algum tipo de controle.

"Se você não vai encontrar o Carson, então me diga onde está o livro."

Sean apertou ainda mais os lábios, como se permitir que eles se abrissem pudesse, de alguma forma, deixá-lo mais tentado a realmente falar. Os punhos de Robert se fechavam e se abriam, e Sean sabia que o homem estava prestes a atacar fisicamente.

Para ele, tudo bem. Não seria a primeira vez que ele seria derrotado, e isso havia sido feito por homens maiores e piores do que esse maldito contador que estava diante dele.

Mas, em vez de dar um soco nele, Robert se virou e foi até a porta. Ele passou por Aiden sem dizer uma única palavra e saiu da sala.

A porta se fechou atrás dele e os três ficaram em silêncio. Por um longo tempo, ninguém disse nada, mas, como Sean havia previsto, Cal não poderia ficar calado para sempre.

"Porra, Sean, apenas nos ajude a encontrar o Carson. Confie em mim, sabemos o que está em jogo. Por favor."

Sean olhou para o homem.

"Por que essa mudança de opinião de repente? Há duas semanas, vocês queriam deixar essa merda para trás. E agora? Estão com uma coceira?"

Cal suspirou e girou os ombros.

"Para constar, eu sempre participei. Mas agora... as coisas estão diferentes, desde que a Shelly..."

E então foi a vez de Cal se fechar.

Foi só então que Sean percebeu que o garoto de óculos e Shelly estavam ausentes de toda a cena.

Todo esse bando de delinquentes caça-fantasmas.

"O quê? Eles desistiram? Shelly e o garoto?"

O rosto de Cal se endureceu.

"Não. O garoto se foi. O imbecil do Carson o matou e o mandou para a medula."

Sean não disse nada. O garoto conhecia os riscos; ele mesmo os havia explicado a ele antes de transportar Allan para Seaforth.

Ainda assim, mais um morto significava mais um entalhe no cinturão de Leland, mais um soldado em potencial para ele usar na grande guerra que estava por vir.

Quanto à Shelly...

"O que aconteceu com a Shelly?"

Cal desviou o olhar e, naquele instante, Sean soube que algo *havia* acontecido com ela. Ela não havia sido enviada para a Medula, isso era certo, mas algo mais havia acontecido. Algo que fez Robert entrar em parafuso. Sean se esforçou, lembrando-se de como os dois interagiam quando ele estava na presença deles. Eles eram próximos, *eram* próximos; ele sabia disso com base na forma como Robert havia protegido Shelly tanto no helicóptero quanto em Seaforth.

Ela o havia deixado? Foi isso?

Ele fez a pergunta a Cal, que de repente ficou furioso, da mesma forma que Robert havia agido momentos atrás.

"Diga-nos onde ele está, Sean! Diga-nos onde Carson está se escondendo! Sabemos que você pode entrar em contato com ele. *Agora, diga-nos onde ele está!*"

Sean observou o homem cuidadosamente. As mãos de Cal estavam se contorcendo ao lado do corpo, mas não de forma agressiva, como as de Robert. Isso era diferente.

Frustração, talvez? Ou ciúme? Por que Robert está tão bravo? Ele só ficou tão chateado quando descobriu sobre a Amy, quando...

Sean sentou-se ereto e puxou com força contra suas amarras.

"Ela está grávida, não está? Pelo amor de Deus, me diga que a Shelly não está grávida!" As cordas se cravaram profundamente em seus pulsos, mas isso só o fez puxar com mais força. "Diga-me que ele não foi tão estúpido assim!"

Quando Cal desviou o olhar brevemente, Sean soube que suas palavras eram verdadeiras.

E, então, outra revelação veio a ele, a coisa que o havia incomodado sobre o que a Capa havia dito, quando ele leu a profecia.

Somente a quiddidade de uma criança, de uma criança poderosa nascida de dois Guardiões, será capaz de mantê-la aberta e permitir que as almas passem para o mundo dos vivos.

Dois Guardiões.

Dois malditos Guardiões, não um.

A visão de Sean ficou vermelha de repente.

Não era Amy que Leland pretendia usar para manter a fenda aberta, mas essa criança que estava para nascer. O filho de Shelly e Robert, o filho de *dois* Guardiões.

"Onde está a Shelly agora?", perguntou ele, com o coração tão acelerado no peito que mal conseguia pronunciar as palavras.

Cal ficou paralisado, mas não se virou.

Sean puxou as cordas com tanta força que a cadeira de madeira rangeu. Em seguida, deu um salto para a frente, com as quatro pernas da cadeira se afastando do chão em um centímetro. Aiden finalmente percebeu e se afastou da parede.

"Shelly! Onde está a Shelly?!", ele gritou. Ele pulou novamente e, dessa vez, sentiu as pernas embaixo dele se flexionarem um pouco.

"Robert! Robert! Volte para cá, porra! *Onde está a Shelly?!*"

Capítulo 22

O diretor Ben Tristan não tinha certeza de onde estava. Na verdade, ele não tinha certeza do que havia acontecido com ele. A última coisa de que se lembrava era da cena horrível de seu amigo, o padre Callahan, sendo despedaçado, e Carson Ford realizando algum tipo de magia negra e vodu para mantê-lo vivo.

E então o bastardo de cabeça quadrada o empurrou para o vazio, e ele acordou em uma praia, entre todos os lugares.

Estou morto? Isso é o céu?

Certamente parecia o paraíso. Fazia muito tempo que ele não ia a uma praia - ou seja, uma praia fora das margens rochosas da Prisão de Seaforth. Por ter passado a maior parte da última década enclausurado dentro das paredes de cimento cinza da prisão, Ben era pálido como tudo e não se dava bem com o calor. Mas o clima aqui, onde quer que ele estivesse, era simplesmente perfeito: quente e ensolarado, sem ser excessivamente quente.

E a areia era como pérolas de veludo sob seus pés e entre os dedos. Ele olhou para baixo e ficou surpreso ao ver que estava descalço. Ele ainda estava usando seu uniforme de diretor, que estranhamente não era desconfortável, apesar de ter sido projetado para um clima muito mais frio. Suas calças estavam enroladas até a parte inferior da panturrilha - suas panturrilhas eram grossas demais para serem enroladas mais alto -, mas ele não se lembrava de ter feito isso.

Ben virou a cabeça para as ondas em seguida, seu sorriso lentamente se transformando em uma careta. Mesmo que ele tivesse esquecido tudo o que havia acontecido antes de chegar à praia, mesmo que se lembrasse de ter dirigido até a praia, olhando para as ondas, ele saberia que algo não estava certo.

Eram as ondas; a água quebrava exatamente da mesma forma em todas as ondas. Ao olhar para o que parecia ser uma costa infinita, Ben viu que, como algum tipo de ilusão de ótica bizarra, as ondas eram sempre as mesmas. *Exatamente iguais.*

Ben piscou com força e depois esfregou os olhos com as pontas das mãos.

Estou morto ou inconsciente; em coma, talvez.

Ele deu de ombros. De qualquer forma, não havia muito que ele pudesse fazer a respeito disso agora.

"Alô? Olá?" Sua voz se refletiu nas ondas brancas idênticas e voltou para ele. Ele tapou a boca com as mãos. "Alô? *Tem alguém aí fora?*"

Como era de se esperar, sua ligação não foi atendida.

Ben se aproximou da água, testando-a primeiro com o dedão do pé. Ela era incrivelmente quente e convidativa, como a água do banho.

Em seguida, colocou todo o pé e, quando se deu conta, estava com

o pé até os tornozelos.

De repente, um pensamento passou por sua mente.

Reabasteça o estoque, renuncie a si mesmo em prol de um bem maior.

Ben franziu o rosto. Foi uma coisa tão estranha que surgiu em sua cabeça naquele momento, tão estranha, que o fez parar de avançar e olhar em volta.

A água ondulava em seus tornozelos, embora ele não estivesse mais se movendo, e as ondas perpétuas pareciam ter se acalmado ao seu redor.

Ben balançou a cabeça e deu mais um passo à frente. Parecia que quanto mais se afundava, menos sentia as pernas, como se a água morna fosse uma espécie de Novocaína para sua pele.

No início, foi agradável, mas, à medida que ele continuou a se mover, tornou-se enervante, uma sensação que o fez parar.

Que diabos estou fazendo aqui?

A água estava perto de sua calça enrolada e, quando ele olhou para baixo para ver se a bainha havia se molhado, notou algo na água.

A princípio, Ben pensou que fosse um peixe, uma espécie de peixe verde brilhante. Intrigado, ele se curvou na cintura, tentando ver os detalhes. Certamente tinha o mesmo formato de um peixe; tinha cerca de 15 ou 20 centímetros de comprimento, com uma cabeça grande e uma cauda fina. A cauda em si era composta de barbatanas amarelas brilhantes, com teias iridescentes entre os espinhos individuais. Em seu pouco tempo livre, Ben era um ávido pescador, embora, com seu cargo na Seaforth, não saísse há muito tempo. A última vez que pescou foi no início de fevereiro, quando ele e Quinn abriram um buraco no gelo e tomaram algumas cervejas. A única coisa que conseguiram foi um zumbido e um calafrio.

Quinn...

Ben balançou a cabeça, não querendo se lembrar de nada nesse lugar estranho. Em vez disso, ele se concentrou no peixe, que, quanto mais ele olhava, parecia cada vez menos com algo que ele já havia visto antes. Por um lado, não parecia intimidado por ele; em vez disso, parecia energizado por sua presença, entrando e saindo do espaço entre suas pernas. Era um peixe largo e, de seu ponto de vista, parecia a Ben ter apenas a largura de uma fatia de pão. Era hipnótica a maneira como ele flutuava na água, vibrando ao longo de seu comprimento, mas quando passou na frente dele dessa vez, parou de se mover e pareceu pairar. De repente, uma estranha compulsão tomou conta de Ben, e ele tentou agarrá-la.

Mas ele nunca a tocou. Em vez disso, assim que seus dedos se aproximaram da superfície da água, algo mudou.

De repente, o peixe se virou de lado e sua cor mudou para um verde esbranquiçado. Por uma fração de segundo, Ben pensou que o

peixe tivesse morrido, que tivesse passado pelo processo de empalidecimento que todos os peixes mortos passavam ao flutuar na superfície.

Mas, em seguida, a lateral do peixe tremeluziu e uma dúzia de olhos se abriu de repente.

E não eram olhos de peixe. Eram olhos humanos. Na verdade, eles se pareciam muito com os olhos azuis que Carson havia segurado nas palmas das mãos há quase uma década.

Os olhos de Quinn.

Ben retirou a mão e ficou de pé, com o coração acelerado e suor instantâneo na testa. O peixe se endireitou e, com uma velocidade surpreendente, saiu de vista.

Engolindo com dificuldade, Ben tentou entender o que tinha acabado de ver. Mas nada do que ele conseguia pensar o ajudava a racionalizar a experiência. De repente, sentindo-se desconfortável na água quente, ele começou a recuar em direção à margem. Ele estava quase na areia novamente quando ouviu uma voz atrás dele e se virou.

"Oi."

Ben apertou os olhos contra o sol forte e saiu completamente da água.

Uma miragem?

No entanto, o garoto diante dele parecia real o suficiente, com óculos de garrafa de Coca-Cola. Magro, jovem e pálido, apesar do sol.

"Oi", repetiu ele, sua expressão neutra. "Meu nome é Allan. Allan Knox."

Capítulo 23

"Acorde! Carson, acorde, porra!"

As palavras foram filtradas até ele como se estivessem em um longo túnel ou em uma lata.

"Carson!"

Ele sentiu seu corpo balançar, como se estivesse surfando nas mesmas ondas que ele e seu pai estavam tão desesperados para evitar.

Eu posso lhe ensinar... mas não é sem riscos e consequências.

Um sorriso surgiu nos lábios de Carson, e ele abriu os olhos lentamente. Bella estava pairando sobre ele, com o rosto a centímetros do seu. Os dedos dela estavam cravados na parte superior dos braços dele.

"Carson?", disse ela, dessa vez repetindo o nome dele como uma pergunta. Ela o soltou e tentou se afastar, mas Carson se aproximou e colocou os braços em volta da cintura dela. Em seguida, ele a beijou com força nos lábios. Ela grunhiu e então se soltou.

"Carson, que diabos você está fazendo? Levante-se!"

Ela se levantou e Carson ficou ao seu lado. Ele estava nu e pegou a cueca que estava sobre sua pilha de roupas. Enquanto ele as vestia, Bella começou a divagar.

"Puta que pariu, você não vai acreditar no que aconteceu quando você estava fora. O maldito Vinny trouxe os policiais de volta com ele! Eles estão lá em cima agora e estão com o Michael."

Ela estava respirando pesadamente, à beira da hiperventilação. Ele não se lembrava de tê-la visto assim antes.

"Acalme-se, Bella. Acalme-se - mal consigo entender você. Os policiais? Eles estão lá em cima?"

Bella assentiu com a cabeça, com os olhos ainda arregalados.

"Michael os está empatando, mas posso ouvi-los conversando do lado de fora da porta. Eles vão entrar, Carson. Não sei que porra o Vinny disse a eles, mas eles estão aqui - e sabem que você está aqui também. Não sei como, mas eles *sabem*."

Carson franziu a testa. Ele não gostava de policiais por motivos óbvios.

"Quantos são?"

"Dois, dois que eu saiba. Mas você conhece os policiais. Sempre chamam seus amigos. Pode haver mais a caminho."

Isso aliviou um pouco a ansiedade de Carson. Na última vez em que ele foi preso, foi necessária uma dúzia de rapazes de azul.

"Dois homens." Ele respirou fundo, depois sacudiu todo o corpo.

"Ok, Bella, vamos lá."

Ela franziu o rosto.

"Ir para onde? Você não me ouviu? Você perdeu a cabeça falando

com o bode?" Ela fez um gesto sobre o crematório coberto de fuligem. "Estamos presos aqui embaixo. Eles estão lá em cima, do lado de fora da porta. A menos que você saiba de uma passagem secreta, estamos *ferrados*."

Carson olhou para Bella.

"Você não tem fé, Bella?"

"Faith? *Faith*?"

Carson ignorou a incredulidade dela. Em seguida, ele se dirigiu para a escada.

"Carson? *Carson*? Porra!" Bella gritou.

Mas quando ele subiu as escadas, ela o seguiu de perto.

Seu sorriso voltou.

"Mantenha as mãos para cima", Carson ouviu alguém dizer do lado de fora da porta. O vidro era unidirecional, projetado para manter os olhos curiosos fora do crematório. De seu ponto de vista, Carson só conseguia ver Michael de lado, com as mãos para o alto, conforme as instruções. Ele não conseguia ver quem havia ordenado que ele ficasse parado.

Carson se voltou para Bella.

"Tem certeza de que Vinny trouxe os corpos de volta?"

Bella assentiu com a cabeça.

"O que você vai fazer?"

"Você verá. Apenas fique atrás de mim".

Antes que ela tivesse a chance de protestar, Carson escancarou a porta e saiu para a tarde lamacenta.

"Senhores", ele proclamou, com os braços abertos, mostrando que não tinha armas. "Qual parece ser o problema aqui?"

"Quieto!"

Carson ignorou a ordem e continuou andando até ficar ao lado de Michael, que estava olhando para ele com uma expressão estranha no rosto.

"Quieto ou eu vou atirar!"

Dessa vez, Carson parou e examinou a cena.

Dois homens estavam a cerca de três metros de distância dele e de Michael. Eram policiais típicos, ou talvez detetives. Um deles era mais velho, com cerca de 50 anos, talvez, usando um blazer xadrez feio. O outro era mais jovem, bonito e obviamente verde pela maneira como segurava a pistola, como se ela lhe devesse dinheiro. Claramente, eles estavam esperando que Carson saísse do prédio, caso contrário, já o teriam levado sob custódia.

"E agora, o homem obrigatório de cueca aparece", disse o homem mais jovem com uma careta. Carson ouviu a porta se abrir atrás dele,

mas não se virou. Ele manteve os olhos fixos nos do detetive mais jovem.

"Ah, e é claro, aí está você. Corte de cabelo brutal, a propósito. Por que não vai para a fila ao lado de seus namorados?"

Bella fez o que lhe foi instruído, com os braços preventivamente erguidos. Carson lançou-lhe um olhar, um sorriso tranquilizador, fazendo-a saber que tudo estava indo como planejado. Ela balançou a cabeça.

"E agora só precisamos do pedófilo com a camiseta do Mickey e estará tudo pronto." O jovem lançou um olhar para a porta pela qual Bella e Carson haviam saído momentos atrás. "Ele está aí com você?"

"Quem? Jonah? Sim, ele sofreu um pequeno acidente."

"Acidente?"

Carson deu de ombros.

"Alguém fez um buraco em seu peito."

Nenhum dos detetives reagiu ao comentário.

"Deixem-me perguntar-lhes algo, detetives - está certo? Vocês *são* detetives, não são?"

Eles não responderam, mas a expressão do homem mais velho relaxou por uma fração de segundo.

"Ah, sim, detetives. Ouçam, vocês lidam com muitas mortes, certo? Quero dizer, você" - ele indicou o homem mais jovem com o queixo - "parece alguém de Nova York ou talvez de Chicago? É isso mesmo? Sim, posso ver isso em seu rosto. Portanto, você deve ter visto muitas mortes em seu tempo. Você já?"

"Chega de conversa fiada", instruiu o homem mais velho. "Fique de joelhos e entrelace os dedos atrás da cabeça."

"É falta de educação interromper", disse Carson ao homem. Mas ele fez o que lhe foi ordenado, com os joelhos fazendo um som de sucção na lama. Em sua periferia, ele viu Bella e Michael fazerem o mesmo.

"Espero que você tenha um maldito plano", Michael resmungou alto o suficiente para que ele pudesse ouvir.

"Quando você é jovem, eles lhe dizem coisas, ensinam o que acham certo, sobre a vida e a morte. Eles lhe dizem..."

"Ei, Pregador Tom, cale a boca e coloque as mãos atrás da cabeça, ok?"

Carson entrelaçou os dedos. Ele deixou os olhos vagarem entre os dois detetives, concentrando-se agora na parte de trás do caminhão-cubo, cuja porta ainda estava levantada. Lá dentro, ele podia ver o contorno de vários corpos. Havia sombras pesadas, indistintas, mas ele contou pelo menos seis deles.

Mais do que suficiente.

E, por alguma razão, eles não estavam nem mesmo em sacos para cadáveres.

Melhor ainda.

"Quando você cresce, dizem que a vida é preciosa, única, que você deve aproveitar cada momento. Dizem que, quando você morre, é uma rua de mão única." Enquanto falava, ele fechou os olhos e começou a respirar profundamente, como Leland havia lhe dito. O detetive disse algo, mas ele se concentrou em seu interior e não captou as palavras. Ele estendeu a mão para o tutano, lembrando-se da salmoura no ar, do som suave das ondas batendo.

"Eles lhe dizem que, quando você chegar à vida após a morte, será recompensado, receberá sua pequena fatia do céu. Mas o que eles *não* lhe dizem é que o que você experimenta é, na verdade, o inferno."

A mente de Carson saltou ao longo das ondas e ele lentamente começou a desenhar uma imagem da traseira do caminhão, os contornos dos corpos. À medida que seu foco se aprofundava, ele começou a distinguir formas na praia; não seis, mas oito figuras, todas em pé, de cabeça baixa, sem falar, sem se mover.

Peguei você, pensou ele. Peguei todos vocês.

"Eles mentiram", continuou ele. "A morte não é uma rua de mão única."

Com sua mente, Carson se fixou na quiddidade perdida e, em seguida, respirou fundo e voltou ao seu corpo.

Só que ele não voltou sozinho.

"Jesus, porra!", ele ouviu alguém gritar, seguido pelo som de passos pesados na caçamba da caminhonete. Ele abriu os olhos bem a tempo de ver o detetive mais jovem se virar enquanto um dos mortos literalmente caía da caminhonete. Sem jeito, como um bezerro recém-nascido, ele tentou se levantar, mas caiu novamente.

"Que porra é essa!", ele gritou, caindo para trás enquanto o resto dos mortos no caminhão se levantava.

Ele disparou dois tiros, um dos quais atingiu o cadáver mais próximo com um baque surdo, enquanto o outro ricocheteou em algo metálico.

"Ed! Jesus Cristo, que merda!"

O outro detetive, o mais experiente, tinha sido diligente, controlado, mantendo a mira em Michael durante todo o tempo em que seu parceiro gritava e atirava. Mas agora ele cometeu um erro fatal.

O homem que o jovem havia chamado de Ed olhou para testemunhar os horrores que saíam da traseira do caminhão. Foi um gesto sutil; ele nem sequer virou a cabeça.

Mas ainda era muito longe.

Bella se levantou e literalmente voou pela distância entre eles, tão graciosa quanto uma bailarina, só que muito mais mortal.

Ela agarrou o ombro dianteiro do homem e o girou, ao mesmo

tempo em que se posicionou atrás dele. O homem se dobrou em um joelho e foi nesse momento que ela tirou a lâmina e a pressionou na base da garganta dele.

O homem largou a arma.

"Greenhorn?" disse Carson, levantando-se. "Acho que você deveria seguir o exemplo do seu parceiro e largar a arma, não acha?"

"Carson ouviu o detetive mais jovem dizer antes de deixar sua arma cair no chão.

Capítulo 24

"Robert, você tem que me deixar ir. Por favor, preciso ir ver a Capa. Houve algum tipo de... erro", implorou Sean. Sua mente estava trabalhando a milha por minuto, tentando descobrir e entender as implicações do erro.

Desde então, Robert voltou correndo para a sala onde Sean era mantido em cativeiro, mesmo que não fosse por outra razão senão para fazê-lo parar de gritar. Só que, quando ele apareceu, seu rosto não estava marcado pelo medo, como Sean esperava que estivesse; em vez disso, suas sobrancelhas estavam erguidas no alto da testa, sua reação era de surpresa.

"Quem diabos é o Manto?", perguntou ele, ao que Sean apenas balançou a cabeça.

"Por favor, preciso falar com ele. Preciso ver o livro novamente."

A menção do livro claramente despertou seu interesse, mas Sean decidiu adotar uma abordagem diferente.

"Olhe, você me leva para ver a Capa, me deixa ler o livro e, se depois de tudo isso você ainda quiser caçar seu irmão, eu o ajudarei."

Os olhos de Robert se estreitaram, e Sean se perguntou se ele conseguia ver através de suas mentiras.

"Então você sabe onde ele está."

Sean balançou a cabeça.

"Eu não disse isso. Mas eu posso... Sou muito bom em encontrar pessoas, Robert. Você, mais do que ninguém, deveria saber disso."

Robert parecia refletir sobre isso, mastigando o lábio. Mas antes que ele chegasse a uma decisão, Cal se aproximou dele e sussurrou algo em seu ouvido. Robert acenou com a cabeça para o amigo.

"E então? Você vai me deixar ir?"

Robert olhou para Aiden em seguida, que havia retomado seu posto perto da porta. Houve uma espécie de troca silenciosa, da qual Sean não estava a par.

"Quem diabos é esse 'Cloak'? É mais um de seus capangas? Isso tudo é uma manobra para que um de seus capangas venha e nos mate?"

Sean suspirou.

"Robert, é..."

Robert se aproximou dele novamente.

"Há alguns minutos, você estava gritando que deveria ter me matado" - ele gesticulou para os outros na sala - "que deveria ter matado todos nós. E agora? Devo acreditar que você mudou de ideia? O que está acontecendo, Sean?"

Sean apertou os lábios desafiadoramente, e Robert se voltou para Cal.

"O que você disse a ele?", disse ele, com as palavras cheias de acusação. Cal desviou os olhos e deu de ombros.

"Não disse nada, apenas..."

As palavras de Cal desapareceram quando uma súbita pressão no peito de Sean atraiu toda a sua atenção. Ele apertou os olhos com força, e a sala de cimento em que estava preso desapareceu imediatamente e uma cena estranha passou por sua visão.

Dois tiros, um grito. Um homem com uma incisão em "Y" cambaleando desajeitadamente, caindo no chão lamacento.

Um sorriso largo, com proporções de Cheshire.

Mais gritos.

Os olhos de Sean se abriram e se concentraram em Robert. O homem também estava fazendo uma careta, e era óbvio que ele também havia sentido algo.

Havia outra ondulação na medula, algo que não estava certo. Só que essa era mais poderosa do que a dos Harlops, ou mesmo a de Seaforth.

Carson *estava* vivo; Sean tinha certeza disso agora. Somente um Guardião poderia ter causado tamanho alvoroço.

"Você está sentindo isso?", ele ofegou, sabendo a resposta antes mesmo de fazer a pergunta. Robert assentiu com a cabeça e o homem limpou a garganta, tentando disfarçar a dor.

Isso surpreendeu Sean; a maioria dos outros Guardiões que ele conhecera ao longo dos anos sentia essas ondulações na medula como uma pontada, uma palpitação ou apenas uma sensação de que algo *não estava certo*. Mas Robert era diferente; como Sean, Robert sentia isso em seu *âmbito*.

"Ele não pode ficar aqui", disse Sean por fim, claramente se referindo a Aiden. "Carson fez algo, *está* fazendo algo, e não temos muito tempo. Quanto mais tempo..."

"Ele fica, pelo menos até que você nos diga o que quer, até que nos diga onde está o Carson."

Sean fechou os olhos novamente e balançou a cabeça. Apesar da revelação, ele não podia dar a Robert as informações que ele tanto procurava. Pelo menos, não até falar com o Manto.

O Manto saberia o que fazer.

Sean se resignou a abaixar a cabeça. Estava claro que ele não chegaria a lugar algum com esses homens, pelo menos não com sua abordagem atual.

"Robert, o Manto é um Guardião, assim como você e eu. Existe há mais tempo do que eu, se você pode imaginar. E eu preciso ir falar com ele."

Robert cruzou os braços sobre o peito, mas, apesar do gesto, Sean sabia que havia captado o interesse do homem.

Mas Cal foi o primeiro a se manifestar.

"E por que, por favor, você precisa tão desesperadamente ver esse misterioso cruzado de capa de repente?"

Sean não tirou os olhos de Robert quando ele respondeu.

"Porque... porque não é da Amy que o Leland precisa, mas do bebê da Shelly".

Robert parou de andar e se virou para encarar Sean.

"Do que você está falando? Ele já tem a Amy, *minha* filha".

Sean suspirou.

"Robert, você não entende... a profecia, a profecia não diz que *um filho de um guardião manterá a fenda aberta*, mas *um filho de Guardiões. Guardiões, no plural*."

Robert interrompeu seu avanço.

"O que você está dizendo, Sean?"

"O que estou dizendo é que Shelly é uma Guardiã, Robert. E Leland não precisa de Amy, mas precisa do bebê que ainda não nasceu na barriga de Shelly."

Capítulo 25

A arma do detetive aterrissou na lama com um barulho audível.

"Que diabos está acontecendo?" gaguejou Hugh. Ele tentou se afastar da caminhonete, mas seu calcanhar se prendeu e ele caiu de bunda no chão. Então, ele congelou e ficou olhando enquanto os sete cadáveres saíam da traseira da caminhonete. Alguns aterrissaram desajeitadamente sobre os pés, enquanto outros simplesmente caíram de cara no chão, sem sequer se preocupar em se preparar para o impacto. Embora todos tenham seguido um caminho único e descoordenado da caçamba do caminhão até o chão, eles tinham mais em comum do que a carne horivelmente pálida, os ferimentos e a maquiagem borrada das exibições fúnebres: não importava o quanto caíssem desajeitadamente, eles acabavam se levantando.

Mesmo para Carson, esses mortos eram uma visão horrível. Havia cinco homens e uma mulher, além de dois cujo gênero era difícil de distinguir com base no nível de decomposição.

Jesus, será que o Vinny desenterrou essas coisas sozinho?

O detetive Hugh havia colocado uma bala no peito da única mulher, mas isso não a perturbou.

"Corra, Hugh! Corra!", gritou o policial mais velho, mas já era tarde demais para o pequeno Hugh.

Michael passou um braço ao redor de sua cintura e o levantou. O detetive não se debateu, nem mesmo se opôs ao fato de estar sendo manipulado. Carson vislumbrou os rostos dos dois detetives, ambos imobilizados, e ficou maravilhado com a palidez deles.

"Bem, acho que não foi assim que você imaginou que aconteceria", disse Carson, rindo.

"Devemos deixá-los com eles?" perguntou Bella, indicando os mortos que haviam se levantado desde então.

Era uma visão com a qual Carson duvidava que algum dia se sentiria confortável, não importava quantas vezes a presenciasse: os cadáveres parados ali, com as cabeças baixas, as mãos penduradas frouxamente ao lado do corpo, ocasionalmente se contorcendo como alguém com Tourette avançado.

Esperando por instruções. Por *suas* instruções.

"Não, acho que não, Bella. Acho que devemos manter esses caras vivos por mais algum tempo. Pode vir a ser útil."

A expressão de Michael ficou amarga, e Carson se lembrou de sua promessa ao homem.

"Eu disse que você poderia ficar com o Vinny, não com esses homens. Onde ele está?"

Michael balançou a cabeça, com o cenho franzido permanentemente em seu rosto agora.

"Não sei. O desgraçado nos armou uma cilada e depois saiu. Acho que ele entrou, mas não tenho certeza. Você não o viu?"

Carson balançou a cabeça. Ele e Bella estavam no andar de baixo, e há muitos lugares para até mesmo o Ratman se esconder no térreo. Ele deu um passo à frente e se dirigiu aos detetives - Vinny podia esperar.

"Digam-me, senhores, vocês estão aqui sozinhos ou estão esperando amigos?"

Hugh estava pálido, à beira da translucidez, e tinha recorrido a olhar para a lama à sua frente. O segundo detetive, Ed, parecia envergonhado por ter sido ultrapassado por Bella.

Não se preocupe, amigo, você não é o primeiro e não será o último.

Quando não houve resposta imediata, Carson caminhou até o homem com o horrível paletó esportivo que agora poderia listar manchas de lama em sua lista de atributos cativantes. Quando ele se aproximou, o aperto de Bella em seu cabelo ficou mais forte e a lâmina fez cócegas em seu pomo de Adão. Carson se agachou para ficar na altura dos olhos. Quando ele estendeu a mão, o homem recuou o máximo que pôde devido ao aperto de Bella.

Carson afastou gentilmente alguns fios de cabelo salpicados de sal e pimenta da têmpora do homem.

"É melhor você me responder, detetive. E é melhor que diga a verdade, porque, acredite, não precisarei dizer à doce Bella duas vezes para cortar sua traqueia. Então, o que você acha? Tem alguém a caminho? Mais policiais, talvez? FBI?"

Ao mencionar o FBI, o homem baixou os olhos dos de Carson, o que, para ele, era o mesmo que um aceno de cabeça.

"Ah, tudo bem. FBI. Quantos são, então? Um, dois? Dez?"

O homem não respondeu e Carson balançou a cabeça.

"Isso não é uma brincadeira, detetive. É melhor você me responder, ou farei com que a Bella-espere, sabe de uma coisa?" Ele se virou para Michael, que tinha Hugh em uma espécie de mata-leão modificado. "Michael? Acho que nossos amigos detetives não acreditam que estamos falando sério. Por que você não mostra a eles? Só uma pequena amostra?"

Michael não hesitou. Ele se inclinou para frente e prendeu os incisivos na orelha de Hugh. O homem uivou e finalmente começou a se debater, mas o aperto de Michael o manteve firme. Enquanto ele gritava, os mortos começaram a se contorcer mais freneticamente, mas Carson os manteve afastados com seus pensamentos.

Michael levantou o queixo e Carson viu a orelha de Hugh começar a se esticar de forma não natural. Os gritos do homem se intensificaram quando todo o seu couro cabeludo começou a se levantar e, pelo canto do olho, Carson percebeu que o outro detetive, imobilizado pela faca de Bella, abaixou a cabeça.

Com um último puxão e um último uivo de Hugh, o terço superior da orelha do homem foi arrancado. Havia muito menos sangue do que Carson esperava, mas o suficiente para deixar suas costeletas e têmporas vermelhas.

Carson teve que dar crédito ao homem; para sua surpresa, ele se absteve de mais do que um gemido depois que o pedaço foi removido. Quando Michael começou a mastigar ruidosamente, com a boca parcialmente aberta, Carson voltou sua atenção para Ed e indicou que Bella levantasse a cabeça.

Ela agradeceu, com um sorriso em seu belo rosto. Quando ela estava sorrindo, ele quase podia ignorar o pedaço de cabelo que faltava.

"Agora você acredita que estamos falando sério? Hmm? Aposto que sim. Então me diga, bom senhor, quantos agentes do FBI devemos esperar?"

Quando o homem respondeu, sua voz era baixa, quase um sussurro.

"Apenas um", ele admitiu. "Apenas um."

"Ótimo. Agora não foi tão difícil, foi?"

Capítulo 26

Shelly sabia, antes mesmo que o vapor do chuveiro se dissipasse, que Robert tinha ido embora. Ela sentiu isso em suas entranhas. Ao contrário do que acontecia quando a quiddity estava próxima, não era um aperto *propriamente dito*, mas mais uma liberação, uma estranha sensação de calma que a dominou.

E, ironicamente, isso foi enervante.

A fina camada de calma não durou muito tempo.

"Maldição!", gritou ela, jogando a escova de cabelo no espelho. Ele se quebrou, mas os fragmentos permaneceram colados no lugar. O barulho alto a fez parar e ela parou um pouco para olhar seu reflexo, sabendo que sua reação foi, pelo menos em parte, causada por suas mudanças hormonais.

Seus seios, que já eram fartos, ficaram mais grossos e cheios, e seus mamilos estavam escuros e inchados. Sua barriga não era tão grande quanto ela poderia ter esperado com quase cinco meses de gestação, mas ela atribuiu isso ao fato de já ser bem torneada.

Com um suspiro pesado, ela recuperou o controle de si mesma. Uma parte dela sabia que Robert estava certo, que ela não deveria estar perseguindo fantasmas em seu estado atual.

Era muito arriscado.

Mas outra parte dela não suportava ficar sozinha, não fazer mais parte da equipe.

E daí se eu estiver grávida? Ainda sou importante. Ainda sou um membro valioso da equipe. Ainda tenho a porra de um cérebro, não tenho?

Em algum lugar do lado de fora, ela ouviu o portão na parte inferior da garagem se abrir com um rangido. Respirando fundo, Shelly resistiu ao impulso de correr até lá, sacudir um cabo de vassoura na porta como uma bruxa louca e implorar a Robert, Cal e Aiden, que ela sabia que tinham ido com ele como um maldito grupo de escoteiros, que a levassem com eles.

Ela conhecia Robert muito bem.

Ele simplesmente iria embora sem ela, deixando-a constrangida, envergonhada e sozinha, em vez de apenas a última opção.

Em vez disso, ela executou sua rotina pós-banho, tentando recuperar alguma aparência de normalidade. Ela secou o corpo com as toalhas ásperas que pareciam ter sido feitas de espinhos de porco-espinho e depois escovou os cabelos loiros e curtos.

Vestir-se foi uma aventura, pois ela ainda não havia comprado roupas novas. Ela disse a si mesma que não tinha tido tempo, o que, dadas as atividades do último tempo, não era mentira, mas no fundo ela sabia que grande parte disso era porque estava em negação.

Afinal de contas, Shelly nunca teve nenhum projeto de se tornar

mãe. Não, ela estava bastante satisfeita em viver sua vida como um espírito livre, uma hippie transplantada, se preferir.

De passar suas horas banindo a quiddidade para o outro lado.

Seu relacionamento tumultuado com a mãe biológica antes do processo de adoção havia azedado a noção de maternidade há muito tempo. E, além disso, quem queria ser responsável por um bebê? Um bebê que mama e que, se fosse deixado sozinho por um dia, talvez até menos, pereceria? Uma maldita ameoba que, se você cutucasse, ela reagia, mas que, fora isso, apenas se cagava e chorava quando estava com fome? Quem poderia amar *isso*?

Ser mãe era a coisa mais antifeminista do mundo.

No entanto, seus sentimentos pela criança, pelas crianças em geral, agora que uma havia sido implantada nela, haviam se aquecido um pouco, e sua retórica era usada mais como um mecanismo de defesa do que como um credo pelo qual viver. Não era amor, não muito - o amor era algo que deveria ser trabalhado, como uma planta, cuidada, florescida, com espaço e tempo para crescer -, mas era *algo*.

Algo novo, algo estranho, algo estranhamente *bom*, em um mundo envolto em coisas *ruins*.

Shelly vestiu a calça de couro, jogou uma blusa folgada por cima e estava prestes a sair do quarto quando viu algo no criado-mudo, o criado-mudo *dela*, que não estava lá antes.

Era uma fotografia antiga, e a imagem, embora em preto e branco, estava levemente amarelada nas bordas.

Quando Shelly se dirigiu a ele, percebeu que suas mãos estavam começando a tremer, embora ainda não conseguisse distinguir os detalhes.

Havia algo na forma como estava apoiada no despertador, na maneira como havia sido dobrada e agora estava amassada...

Quando Shelly o pegou, começou a chorar.

Era ela, é claro, e tudo de repente fez sentido: a pressão que ela sentia quando os quiddity estavam por perto, a maneira como ela sabia intrinsecamente como banir os quiddity do Harlop Estate antes mesmo de lhe ser mostrado como fazê-lo.

A lacuna em sua infância era tão parecida com a de Robert que era incrível que ela não tivesse notado as semelhanças antes.

Ou talvez ela *tenha* percebido, mas tenha bloqueado essas lembranças dolorosas em seu íntimo.

Shelly se lembrou de quando estavam no helicóptero, quando ela estava quase dormindo e gritou atrás de Robert quando ele correu em direção à prisão de Seaforth.

"Eu sei."

Por que eu disse isso? Por quê?

As lágrimas escorreram por seu rosto e pingaram na fotografia. Elas

distorceram a versão muito mais jovem de si mesma, sentada no chão da igreja, o que era apropriado, considerando como ela se sentia agora. Era como se sua vida tivesse sido arrancada de debaixo dela.

Uma série de imagens inundou sua mente, materializando-se lentamente no início, mas rapidamente ganhando força. Ela viu seus pais adotivos, seus rostos gentis e amorosos, suas risadas. Em seguida, foi transportada para trás no tempo e agora era a garota da foto, sentada no chão da igreja, esperando que o padre Callahan viesse buscá-la. Em seguida, ela estava nas enormes portas de madeira da igreja, um homem segurando sua mão, oferecendo-a ao padre. Os flashes de seu passado começaram a se acelerar, retrocedendo, culminando na imagem de uma sala de aula monótona, com carteiras simples. De partículas de poeira circulando no ar viciado.

Ela era uma Guardiã, sabia disso com tanta convicção quanto sabia que estava grávida. Ela estava lá, no orfanato, quando tudo começou. Antes...

Shelly fechou os olhos com força, tentando se lembrar, mas ao mesmo tempo esperando que não conseguisse. Algo horrível havia acontecido naquele orfanato, algo que havia deixado muitos deles mortos. Mas, por mais que tentasse, ela não conseguia se lembrar de nenhum dos detalhes. As carteiras ruins, a sala de aula monótona, as velas piscando nos rostos assustados; ela se lembrava de todas essas coisas. Ela se lembrava dos ensinamentos, dos pedaços de alguém que a instruíam - e ela se deu conta de que provavelmente era por isso que ela havia sido tão inflexível em negar a existência do livro *Inter vivos et mortuos*.

Porque o bloqueio mental que havia sido erguido em sua mente a convenceu de que aquilo não existia - que aquela *época não existia*. Não poderia existir, pois nada tão ruim, tão horrível, poderia acontecer com crianças.

Essa vida não era *ela*.

De repente, Shelly sentiu pena de Robert, pelo que ele deve ter passado quando o tapete lhe foi puxado.

Pelo que ele deve ter sentido ao perceber que tudo o que ele pensava sobre sua origem, sobre quem ele era, não passava de uma mentira, perpetrada pelo padre Callahan e Sean Sommers.

E Robert não era o único.

O orfanato, eu preciso ir ao orfanato. Há respostas lá.

Shelly enxugou as lágrimas do rosto e colocou a foto no bolso. Ela sentiu um movimento na barriga e colocou a mão lá, esperando sentir o chute do bebê.

Mas era muito cedo para isso.

Provavelmente era apenas uma indigestão.

E então ela fez exatamente o que havia prometido a si mesma que

nunca faria. Shelly desceu correndo as escadas, abriu a enorme porta e gritou para a noite.

"Robert! Robert, volte aqui, porra! Eu sinto muito! *Eu não sabia!*"

Mas a única resposta era o vento e o chilrear de um melro embutido no céu escuro.

Soluçando agora, dominada pela emoção e pelas mudanças hormonais, Shelly voltou para dentro da propriedade, onde pegou um lápis e um pedaço de papel e começou a escrever.

Capítulo 27

"E aí? O que vamos fazer agora? Apenas sentar e esperar o FBI chegar?" Bella exigiu.

Carson olhou para Michael, que estava olhando para fora da porta do crematório, para os oito cadáveres que aguardavam mais instruções. Havia uma gota de sangue no canto de sua boca, e seu lábio inferior estava circunscrito por uma linha vermelha escura.

"Um; um agente do FBI. Como o detetive mais velho disse que o homem se chamava?"

"Agente Brett Cherry", respondeu Michael, sem tirar os olhos dos mortos. Carson não o culpava.

"Sim, é isso mesmo. Agente Cherry."

"Não podemos manter os dois detetives na traseira da caminhonete para sempre", disse Bella.

"Eu sei."

"Você sabe onde eles estacionaram o carro?" perguntou Michael.

"Eu pensei que você tinha dito que eles vieram no caminhão?"

"Eles fizeram isso. Mas se eles pegaram o Vinny perto daqui e entraram, isso significa que o carro deles está por perto. Cada um desses malditos carros de polícia tem GPS - se os dois detetives não fizerem o check-in depois de um certo período de tempo, eles vão rastreá-los até aqui. E então teremos um problema muito maior para lidar do que um agente do FBI".

Carson coçou o queixo.

"Onde está aquele filho da puta do Vinny, afinal? Você disse que ele foi para dentro?"

"Eu disse que acho *que* ele foi para dentro. Os detetives me emboscaram e eu não vi para onde ele foi."

Carson se voltou para Bella.

"Dê uma olhada por aí, veja se consegue encontrá-lo."

Bella o encarou; ela não era o tipo de mulher que aceitava bem que lhe dissessem o que fazer. Nem por Carson, nem por ninguém.

"E quanto a ele?", ela perguntou, apontando para Michael, que não percebeu, pois seus olhos ainda estavam fixos nos mortos que se contorciam.

"E quanto a ele?"

"Por que ele não procura o Vinny?"

Carson deu uma risadinha.

"Porque ele vai comê-lo, é por isso."

Quando se falou em comer, Michael virou o pescoço para trás.

"Você disse que eu poderia ficar com ele."

"E agora mudei de ideia. Você poderia tê-lo, mas fez merda ao deixar que os policiais o pegassem."

Michael se virou para encará-lo completamente, com o dedo apontado para o centro do peito e uma carranca no rosto.

"Eu fiz merda? *Eu fiz merda?*"

"Bem, sim. Você fez merda."

Michael deu um passo à frente, e Bella instantaneamente deslizou para flanqueá-lo.

"Eu estava aqui em cima transportando corpos, enquanto vocês dois estavam lá embaixo fazendo suas besteiras hippies. E aquele Vinny? Foi *você quem* disse a ele para conseguir mais corpos; eu queria matá-lo na hora."

Carson mastigou a parte interna do lábio, mas antes que pudesse responder, Michael deu outro passo agressivo para frente.

"Qual é o seu plano principal, Carson? Quer me contar? Porque" - ele gesticulou para os mortos se contorcendo na lama - "embora tudo isso seja muito fascinante, eu estava me saindo muito bem sozinho antes de você chegar ao local. E daí? Qual é o próximo passo? Vamos atrás do Robert de novo? Fazemos com que ele abra a fenda?"

Carson não disse nada por alguns segundos. Ele não tinha tido a chance de compartilhar com Bella o que seu pai havia lhe contado, e queria contar a ela antes que Michael descobrisse.

Mas agora parecia que isso não seria possível.

Ele suspirou.

"Isso não é suficiente. E, além disso, acho que não preciso mais do Robert."

Bella ficou olhando para ele.

"Espere? Não é suficiente? E os outros que estão no porão? Isso faz o quê? Dezoito? Dezenove?"

"Vinte", Carson a corrigiu. Ele balançou a cabeça. "Mas ainda não é o suficiente."

Michael zombou.

"De quantos você precisa? Um exército?"

Carson sorriu, embora sentisse como se já tivesse tido essa discussão antes. Em breve, seria a hora de compartilhar tudo o que ele sabia e, quando esse momento chegasse, tanto Bella quanto Michael entenderiam. Mas até lá, eles teriam que confiar nele.

Confie nele e ouça-o.

"Sim, algo parecido com isso. Ou talvez apenas soldados melhores."

Bella desceu as escadas rapidamente, seus pés mal passavam por cada degrau antes de seguir para o próximo.

Vinny estava aqui embaixo, ela sabia que ele estava. O homem era um bastardo esguio e esguio que não sabia nada além de seu trabalho. Ele não sairia de Scarsdale, não importava o que visse ou o que

acontecesse aqui. Droga, o homem nem sequer havia perguntado onde Jonah estava, e ele era provavelmente a coisa mais próxima de um amigo que Vinny tinha.

Não, ele estava aqui em algum lugar. Ele não podia sair deste lugar.

Enquanto Bella entrava no porão, com os olhos vagando pelo espaço escuro, ela refletiu sobre o que Carson havia dito no andar de cima.

Precisamos ir a um orfanato. Orfanato Sagrado Coração.

Bella havia concordado com ele até aquele momento, mas temia pela sanidade do homem agora, especialmente depois do quão profundo ele havia ido durante a última sessão.

Ela não havia lhe contado, mas ele estava tendo convulsões pouco antes de acordar e havia parado de respirar. Não por muito tempo, mas o suficiente para deixar claro que, se fosse mais fundo, ele provavelmente não conseguiria voltar.

E ainda havia a questão dos corpos... como vinte cadáveres não seriam suficientes? Robert havia tido bastante dificuldade para manter apenas oito deles afastados na propriedade. E agora que eles estavam cientes de seu pequeno talento, não seriam pegos de surpresa novamente.

Isso era o pior de tudo; Bella *odiava* ser pega de surpresa. Ela odiava até mesmo que Carson se aproximasse dela no Ladrão *de Calcinhas*, mas ela havia lhe dado um passe.

Não, desta vez ela não seria pega de surpresa. Desta vez, seriam *eles* que a surpreenderiam.

Um orfanato.

Claramente, Carson não havia lhe contado tudo o que Leland havia compartilhado com ele, caso contrário, ela saberia qual era o problema com um orfanato abandonado.

Quando eles se conheceram, todos aqueles anos atrás, ela se apaixonou por ele rapidamente. Ele não era um homem normal, e seu cérebro não funcionava como o de um homem normal. No início, ela pensou que ele fosse apenas um psicopata demente como todos os outros, mas quando começou a entrevistá-lo, a ouvir o que ele realmente dizia, ela percebeu que ele era diferente.

Naquela época, ele era apenas um garoto, mas tinha percepções sobre a condição humana que excediam em muito sua idade ou experiência.

E depois havia a medula.

Um som à esquerda de Bella de repente chamou sua atenção. Ela havia propositalmente mantido o porão escuro, para aprimorar seus outros sentidos. Os olhos, ela havia descoberto, eram os mais facilmente enganados, muitas vezes dominados por emoções, pensamentos e sentimentos.

O som foi uma inspiração quase inaudível. Sua localização era indistinta, mas tinha um leve eco.

Bella deslizou silenciosamente para a direita, captando a opacidade de um objeto diretamente à sua frente. Ela estendeu a mão e a colocou sobre o ladrilho de argila. Então ela escutou.

Com certeza, ela podia ouvir o som fraco de alguém respirando.

Um sorriso cruzou seu rosto quando ela percebeu o que sua mão estava tocando.

O forno.

Vinny, aquele maldito idiota, decidiu se esconder dentro do forno.

Eu adoro estar certo - essa é a única coisa que o homem sabe. Eu sabia que ele não sairia daqui.

Não detectando nenhuma mudança no padrão de respiração, ela se inclinou para um lado, abrindo caminho ao longo do exterior duro, enquanto as palavras de Carson se repetiam em sua mente.

Se você o encontrar, deixe-o para o Michael. Ele merece um lanchinho, e uma orelha não vai ser suficiente... estou certo, Michael? Mas não o suficiente para matá-lo... apenas um lanche.

Sua mão encontrou algo redondo que se projetava da superfície da cerâmica.

Bem, que se dane, eu também mereço algo.

Um sorriso cruzou seu belo rosto quando ela se inclinou para trás e pressionou a palma da mão contra o botão.

Sua visão foi repentinamente preenchida com o brilho de um fogo.

Um segundo depois, começaram os gritos.

Capítulo 28

"De **que diabos** você está falando?" exigiu Robert.

Sean olhou para o homem em frente a ele.

"Por favor, Robert. Eu li o livro - eu li esse livro de capa a capa tantas vezes que o sei de cor. Você tem que confiar em mim, o livro..."

"Confiar em você? *Confiar em* você? Desde que o conheci, você sempre mentiu, enganou ou escondeu algo de mim. Por que, em nome de Deus, eu confiaria em você agora?"

Sean abaixou a cabeça.

"Eu sei, Robert, eu sei. Não fui honesto com você desde o início. Mas você tem que entender que não pude lhe contar tudo; simplesmente não pude."

Robert levantou as mãos.

"Por que não? Jesus Cristo, por que você não pode simplesmente dizer a verdade de uma vez, Sean? Por que você tem que deixar migalhas de pão - Ruth Harlop é minha tia, o maldito Leland é meu pai, ele precisa da Amy para abrir a fenda, ah, não a Amy, mas o bebê da Shelly - que merda!"

Sean ficou curioso com a escolha de palavras de Robert - *o bebê de Shelly* - *mas* guardou isso para mais tarde.

"Eu não pude lhe contar porque a Capa não me deixou, é por isso."

Robert deu as costas para Sean, com sua frustração chegando ao ápice.

"A capa? *Capa*? Cal, você já ouviu falar da Capa?"

Cal deu de ombros.

"The Cloak soa como algo do *The Skulls*... ou é apenas uma besteira inventada por um homem que está desesperado para salvar a própria vida."

Sean balançou a cabeça.

"Aiden?"

Aiden hesitou antes de responder, e Sean o encarou. Apenas alguns dias atrás, Aiden era um de seus melhores homens, se não o melhor, um ex-militar que seguia todas as suas ordens. O homem nem sequer pestanejou quando Sean lhe disse que eles iriam invadir uma prisão de segurança máxima. Mas agora...

Mas agora Aiden estava morto, por mais foda que isso parecesse. Morto e ainda aqui. O que significava que Leland e seu filho criminoso estavam ganhando força.

E essa era uma preocupação real.

E ainda havia a nova atitude de Aiden. Isso também era um grande problema. Mas se Sean tivesse alguma palavra a dizer sobre isso, não seria um problema por muito tempo.

"Aiden, por favor, conte a eles sobre a Capa".

Aiden cuspiu no chão.

"Não sei muito, mas Sean está dizendo a verdade; pelas minhas observações, ele parecia estar recebendo ordens de alguém. Eu vi uma pessoa uma vez, pequena, feminina. Usava um manto."

Feminino?

"Olhe, Robert, precisamos nos apressar. Leland pode rastreá-lo - você sabe disso."

Ele viu Robert dar uma olhada rápida em sua panturrilha.

"Por favor, não há muito tempo."

Enquanto Sean observava, Robert agarrou o braço de Cal e o puxou para perto. Eles trocaram sussurros e, em seguida, Robert se voltou para ele, com o rosto franzido.

"Tudo bem, vou jogar seu maldito jogo. Vamos ver o seu contato, mas quando terminarmos, diga-nos onde está o Carson".

Sean assentiu vigorosamente com a cabeça.

"Sim, sim, por favor - está combinado."

"E eu posso ficar com o livro."

Sean jurou.

"Não. Não posso..."

"Carson e o livro ou nada feito".

Ele fechou os olhos e imaginou a capa de couro áspera em sua mente. Depois de alguns instantes, percebeu que seus dedos estavam se movendo, traçando as letras em relevo - *Inter vivos et mortuos* - na capa imaginária. Ele não podia deixar isso de lado; não *queria* deixar isso de lado.

"Tudo bem", ele mentiu. "Apenas me tire daqui."

Robert assentiu e fez um gesto para que Aiden desse um passo à frente.

"Não estamos brincando, Sean. Se eu sentir que você está se retraindo ou tentando alguma coisa, Aiden vai lhe dar um grande abraço de urso, entendeu?"

Sean assentiu novamente, com os braços tensos contra as cordas que o prendiam.

"Sim, sim, eu entendo."

Mas quando o Manto ouvir o que tenho a dizer, nem mesmo Aiden - vivo ou morto - será capaz de salvá-la.

"Não acho que isso seja uma boa ideia", Cal sussurrou para Robert. Apesar de sua cabeça estar coberta novamente, Sean conseguia entender as palavras muito bem. "Pode ser um truque."

Houve uma pausa.

"Ele não dirá nada se não o levarmos - eu vi isso em seus olhos."

"Sim, mas qual é a garantia de que ele dirá alguma coisa depois que

o levarmos? Hein, Robbo?"

Outra pausa e o carro passou por uma lombada de algum tipo, sacudindo Sean. Ele se manteve o mais próximo possível da porta à sua direita para evitar tocar em Aiden, que estava sentado ao seu lado no banco de trás, com apenas um lugar vazio entre eles.

"Ei, cabeça de merda? Tem certeza de que é aqui? Essa maldita torre? Parece um prédio de escritórios para mim."

Sean limpou a garganta.

"A Torre Trellis?"

"Sim", respondeu Cal rapidamente. "Estamos aqui."

"Ótimo, ótimo, é isso. Agora me deixe sair, eu preciso..."

"Sem chance", Robert o interrompeu, parando o carro. "Diga-nos como nos comunicar com a Capa, e ele virá até aqui."

Sean balançou a cabeça, a bolsa de tecido grosso arranhando suas bochechas e nariz.

"Ele nunca sai. Ele está sempre lá em cima, no quarto do último andar. Quarto 21. E ele não responde a vocês, só a mim."

Sean sentiu a pressão mudar e o ar frio atingiu seus braços quando alguém abriu a porta. Mãos deslizaram por suas axilas e ele foi puxado para fora do veículo. Desorientado, ele quase caiu para trás, mas alguém o empurrou por trás e ele se endireitou. Um momento depois, o capô foi arrancado sem cerimônia de sua cabeça.

Sean piscou rapidamente, tentando forçar seus olhos a se ajustarem à luz fraca. Eles estavam em um estacionamento quase vazio, em frente à Trellis Tower, um edifício alto e negro que se estendia até o céu noturno. Era um prédio com o qual ele estava familiarizado, em parte porque era onde os membros da diretoria da Seaforth se reuniam, mas principalmente porque esse era o único lugar em que a Capa o veria.

"É isso", ele sussurrou. Seu coração estava acelerado no peito.

O filho de dois Guardiões...

"Sim, é isso mesmo. E agora? Você tem algum código secreto ou algo assim para entrar? Chaves em um grande anel de latão, talvez?"

Sean se virou para encarar Cal e imediatamente franziu a testa ao ver que Aiden estava de pé atrás dele, com os braços cruzados sobre o peito e o rifle ainda preso às costas.

Por quanto tempo ele pode ficar aqui antes que a medula tente prendê-lo?

"Eh, Sean!" Cal estalou os dedos. "Acorde! Eu lhe perguntei como você entra. Você tem as chaves?"

Sean balançou a cabeça e encolheu os ombros tensos.

"Desamarre-me", instruiu ele, olhando para Robert.

"Sem chance."

Sean rangeu os dentes em sinal de frustração.

"Tudo bem", disse ele, caminhando em direção à entrada da frente. Cal o seguiu de perto, enquanto Robert se colocou ao lado dele. Ele supôs que Aiden estava na retaguarda, mas não viu o homem se mover.

"Você não deveria estar aqui", disse ele a Robert quando se aproximaram da porta. "Nenhum de vocês deveria estar aqui. Você deveria estar com a Shelly. Se o Carson..." Ele deixou a frase cair, repreendendo-se por ter falado demais.

"Se Carson o quê?" exigiu Robert.

"Nada." Sean indicou o teclado com o queixo. "Pronto."

De repente, Robert o agarrou pelos ombros e Sean foi jogado de um lado para o outro. Os olhos do homem estavam vermelhos e havia bolsas pesadas penduradas embaixo deles.

"É por isso que precisamos encontrá-lo antes que ele nos encontre", ele sibilou. "E você vai nos ajudar."

Sean engoliu com força.

Robert não estava vendo isso.

"Tudo bem." Ele sinalizou novamente para o teclado. "Digite 212121."

Quando Robert apenas manteve o olhar fixo, Cal deu um passo à frente e digitou o código.

Robert estava cego, não estava vendo a verdade; o fato de que, se *não houvesse* bebê, a fenda nunca poderia ser aberta.

"Sim", gritou o interfone. A voz já era abatida, mas, pelo interfone, era quase irreconhecível como humana. Sean viu Robert e Cal trocarem um olhar. Ele deu um passo à frente.

"É o Sean. Preciso subir, e não estou sozinho."

Capítulo 29

"Você estava lá, não estava? Em Seaforth?" perguntou Ben em voz baixa. Ele chutou a areia sob seus pés.

Allan acenou com a cabeça.

"Eu estava lá, eu vi."

Ben suspirou e balançou a cabeça.

"Todos os meus homens, mortos. E o padre Callahan, ele também foi morto." Ele lutou contra as lágrimas. "Todos sob minha supervisão. Meu turno..."

Ben abaixou a cabeça. Um segundo depois, ele ofegou quando os braços do rapaz o envolveram. Seu primeiro instinto foi se afastar, mas ele estava cansado demais para isso. Muito cansado e muito triste. Ben teve que se abaixar, mas quando o fez, começou a soluçar no ombro do menino como um bebê.

Por algum tempo, ele apenas chorou; chorou enquanto as imagens de seus homens pendurados no refeitório, de Quinn com os olhos arrancados, de Callahan dividido ao meio, com aquela luz horrível atravessando seu peito, permaneceram fixas em sua mente.

E dele caindo, caindo sem parar, apenas para cair na água morna.

Quando essas imagens finalmente desapareceram, ele levantou a cabeça e enxugou o rosto. O ombro do garoto estava encharcado de lágrimas.

"Desculpe", ele conseguiu balbuciar, com a garganta seca.

Allan acenou com a cabeça.

"Eu também perdi. Sei como é a sensação."

Ben olhou para o céu, para o sol brilhante acima, depois voltou sua atenção para as ondas estranhas e simétricas.

"Que lugar é esse? É o céu? O inferno? Purgatório?"

Quando Allan não respondeu, Ben abaixou a cabeça. O garoto havia se adiantado vários metros.

"Você sabe, não sabe? É aquele lugar que o padre Callahan mencionou. Aquele que..." Ele sentiu as lágrimas surgirem novamente, estimuladas apenas pelo pensamento de seu velho amigo.

O amigo que ele não havia escutado, que ele havia considerado um tolo.

"Que lugar é esse?", ele perguntou novamente, com a voz quase não saindo de um sussurro. Ele acelerou o passo para se aproximar de Allan.

O garoto estava com a cabeça baixa e seus passos eram letárgicos.

"Chama-se Marrow", disse ele por fim. "É para onde todos vão quando morrem."

Ben engoliu com força.

Ele sabia que estava morto, soube disso no momento em que o

homem com o terno coberto de sangue tropeçou nele e ele caiu no buraco no peito de Callahan. E, no entanto, ouvir o garoto dizer aquelas palavras fez com que elas se concentrassem. Tornou-as reais.

Tornou toda essa situação real.

E Ben não conseguiu evitar os sentimentos de pena e tristeza que o acometeram.

Ele tinha tido uma vida boa, mas o final tinha sido tão errado. Não podia ser o fim; ele não podia deixar que a morte de seus amigos ficasse impune.

Ele simplesmente não conseguia fazer isso.

Tantos homens mortos... homens bons, homens com famílias, com...

"Todos os mortos vêm para cá", disse Allan, interrompendo seus pensamentos. Ele parou abruptamente, e Ben seguiu seu olhar sobre as ondas. Por alguns segundos, isso foi tudo o que Ben viu. Mas quanto mais ele olhava, mais ele achava que podia ver algo ao longe. Era uma mancha pequena e escura no horizonte, mas, diabos o levem se ele não achava que era algum tipo de ilha.

"Os mortos vêm aqui e são submetidos a uma decisão."

Ben assentiu com a cabeça, lembrando-se do que o padre Callahan havia dito há um milhão de anos em Seaforth.

Ele esperou que Allan continuasse, mas quando olhou para ele e viu que ele estava chorando, com lágrimas silenciosas deixando rastros em seu rosto sujo, ele se aproximou do garoto e colocou o braço em volta de seu ombro.

Era sua vez de consolar.

"E você já decidiu o que vai fazer?"

Um relâmpago estalou de repente e o céu começou a escurecer como se uma tempestade tropical estivesse se formando.

Em vez de responder, Allan voltou a pergunta para ele.

"Você tem?"

Capítulo 30

"Você não pode estar falando sério", disse o Manto.

Sean deu de ombros.

"Eu não tive escolha."

O homem baixou a capa, escondendo completamente o rosto. Mas, apesar de não ser capaz de vê-lo, Sean sabia que ele os estava vendo.

"Você trouxe o Robert aqui?"

"Como você sabe quem eu sou?" Robert falou de repente. Ele tentou passar por Sean, para ficar na frente dele, mas o Manto ergueu a mão e ele parou.

"E um quiddity? Você trouxe um quiddity *para cá*? Não sente isso em seu peito, Sean? Não sabe que há algo mais acontecendo?"

Sean, de cabeça baixa, respondeu.

"Eu não tive escolha. Eu... eu *aprendi* algo, algo importante, e preciso ver o livro."

O Manto zombou.

"Você *precisa* fazer seu trabalho como Guardião, Sean. Você precisa manter a Medula segura. É isso que você precisa fazer. Você não precisa vir aqui, trazer os mortos para cá. Não me importa em que tipo de merda você se meteu."

A cabeça de Sean se ergueu. O tempo para metáforas obsequiosas havia passado.

"Carson não está morto. Ele está vivo. E Amy não é a garota que Leland precisa, é o bebê de Shelly que ainda não nasceu."

Dessa vez, foi o Cloak que parou em seu caminho.

Sean esfregou os ombros doloridos, fazendo uma careta com a tensão que havia se acumulado depois de ficar amarrado por horas. Em seguida, colocou as mãos sobre a mesa à sua frente. Todos os cinco estavam na sala, Cal, o Manto, Robert, Sean e Aiden, só que Aiden estava de pé no fundo da sala, enquanto os demais estavam sentados à mesa.

O Manto tinha o *Inter vivos* à sua frente, com as páginas abertas em uma passagem que ele e Sean conheciam bem.

"Um Guardião, ligado entre os mundos, abrirá a fenda, mas o Guardião não será capaz de mantê-la aberta. Somente a quiddidade de uma criança, de uma criança poderosa nascida de dois Guardiões, será capaz de mantê-la aberta e permitir que as almas fluam de volta para o mundo dos vivos."

"Tem certeza de que é isso que está escrito?" perguntou Sean, inclinando-se para a frente.

O Manto hesitou antes de responder.

"Esta é a minha tradução. Não sei se o Guardião tinha outra."

"Ele disse", respondeu Robert e, surpreso por ter falado, Sean se virou para ele. Robert, no entanto, estava com os olhos fixos no livro. "Eu sei que ele fez isso."

"Como é que não percebemos isso antes?", perguntou o Cloak.

Sean deu de ombros.

"Não sei; talvez pelo fato de ele já ter tido a Amy, essa é a criança que presumimos que ele precisava?" Ao mencionar o nome da filha, Robert ficou com uma expressão de dor no rosto. Sean ignorou-a e continuou: "Mas faz sentido, o poder de dois Guardiões... já existiu uma pessoa assim? Uma criança nascida de dois Guardiões?"

A capa balançava para frente e para trás; ele estava balançando a cabeça.

"Ainda não consigo acreditar que a Shelly é uma Guardiã", sussurrou Robert. Pelo canto do olho, Sean viu Cal se aproximar e confortá-lo. O homem era uma bagunça, movido por motivos que, por qualquer razão, Rob não conseguia enxergar. Ele não era um Guardião, não tinha nada que estar aqui.

Seus olhos se voltaram para Aiden.

E *ele nem* deveria estar aqui.

"Primeiro as coisas mais importantes", disse o Manto. "Robert, seu irmão ainda está vivo?"

Robert abaixou a cabeça antes de responder.

"Eu não poderia matá-lo", ele sussurrou. "Isso me tornaria igual a ele, e eu não sou ele. Não sou isso."

Os olhos de Sean se estreitaram quando ele se lembrou de Robert colocando uma bala na cabeça de Callahan.

Você é mais parecido com ele do que pensa.

O pensamento foi repentino, instintivo e assustou Sean.

Isso também o assustou, pois quanto mais ele pensava sobre isso, mais parecia verdade. Então ele voltou ao que o camuflado havia dito há muito tempo, que o mundo poderia ser melhor sem Guardiões. Que sem os Guardiões, não haveria fendas. E sem uma criança poderosa, a Medula permaneceria uma rua de mão única para sempre.

"Não tem problema, Robert. Eu entendo. E a Shelly, você tem certeza de que ela está grávida?"

Robert acenou com a cabeça.

Sean estava tendo dificuldade para entender a reação do Manto a tudo aquilo; ele esperava indignação, uma demonstração violenta, talvez, mas o que detectou foi algo semelhante à compaixão.

Eles não tinham tempo para isso.

"Acho que...", começou ele, mas o Manto ergueu a mão, interrompendo-o no meio da frase.

"Por que você permitiu que eles se juntassem? Você sabe como é importante mantê-los separados, não sabe? Como você pode esquecer

o que aconteceu com Leland?"

Antes que Sean pudesse responder, para defender sua inocência, para lembrar ao Manto que ele não sabia que Shelly era uma Guardiã, que de alguma forma havia se esquecido, algo em sua mente fez um clique.

Algo sobre o orfanato, sobre o fato de ele ter salvado três crianças, em vez de apenas duas.

Era como se uma condensação nebulosa tivesse se instalado em seus neurônios por volta da época em que Leland começou a ganhar poder, quando Ruth Harlop e sua família ficaram por lá por tempo demais. Mas agora que a névoa havia se dissipado, ele percebeu que Leland estava, de alguma forma, embaralhando todos os seus pensamentos, o que explicaria por que Robert não sabia nada sobre quando Sean o deixou na igreja, ou sobre o tempo que passou no orfanato antes disso.

Sean engoliu em seco, perguntando-se sobre o que mais Leland tinha poder.

"Leland... o que aconteceu com ele? Como ele morreu?" Robert deu uma olhada para Sean e sabia que o homem estava se lembrando do que havia admitido em Seaforth.

Que ele havia matado Leland.

E era verdade.

Mas Robert não sabia nem a metade e, se dependesse dele, continuaria assim.

"Em outro momento, Robert. Mas, por enquanto, temos um trabalho a fazer. Temos que encontrar Shelly", intercedeu o Manto.

Robert fez uma careta.

"Encontrá-la? Ela está de volta à propriedade. Ela não estava... ela não estava se sentindo bem, por causa da gravidez. O que precisamos fazer é encontrar o Carson e fazer o que eu deveria ter feito na prisão. Precisamos eliminá-lo para que possamos ser livres novamente."

O Manto não respondeu por um longo tempo. Quando o fez, sua voz estava ainda mais áspera do que há momentos atrás.

"Ela não está mais na propriedade."

"Ela não está? Ela..."

"Olhe para dentro, Robert. Você é um Guardiã. Olhe bem, bem dentro de você".

Sean viu o rosto do homem se contorcer, mas, para sua surpresa, em vez de responder, Robert permaneceu em silêncio e fechou os olhos.

Um momento depois, elas se abriram novamente.

"Orfanato Sagrado Coração", disse ele quase que roboticamente. "Ela foi para o Orfanato Sagrado Coração".

Cal soltou a respiração em um *sopro*.

"O quê? Onde? Ela está bem?"

Robert assentiu, mas foi o Manto que respondeu por ele.

"Ela está bem, por enquanto. Mas temo que ela esteja em rota de colisão com Carson."

O rosto de Cal ficou branco e ele se levantou rapidamente.

"Bem, por que diabos estamos esperando? Vamos dar o fora daqui!"

A camuflagem também se levantou, e Sean notou pela primeira vez o quanto ele era curvado. E baixo; a camuflagem tinha apenas um metro e oitenta, ele percebeu.

"Sim, temos que nos apressar."

Sean ficou surpreso com isso. Desde que conhecera o Manto, um dos Guardiões originais, ele nunca havia saído da Trellis Tower.

"Você está vindo?", ele quase ofegou.

O Manto acenou com a cabeça.

"Não tenho escolha. A barreira está enfraquecendo, e temo que esta seja nossa última chance de impedir que a fenda se abra."

PARTE III - Sagrado, corações partidos e valores familiares

Capítulo 31

O agente Brett Cherry levou o frasco à boca e tomou um gole. Era azedo, uma coisa horrível, mas ele forçou o gole mesmo assim, limpando a pequena quantidade que estava em seu lábio com as costas da mão.

Em seguida, jogou o frasco de prata no banco do passageiro e voltou a olhar para a estrada. Ele arrotou e apertou os olhos com força antes de esticar as sobrancelhas para cima. Sua testa estava rígida e dolorida.

Já estava quase anoitecendo, mas o sol ainda estava muito forte para o Agente Cherry, dada a bebedeira que ele estava fazendo ultimamente. Ele não queria nem acordar hoje de manhã e provavelmente não acordaria se Ed the Nose não tivesse ligado para ele. Fazia tanto tempo que ele não tinha notícias de seu velho amigo que, quando ele disse quem era, o Agente Cherry nem acreditou no começo.

Para Brett, a realidade havia mudado desde que sua parceira, a agente Kendra Wilson, havia sido assassinada de forma tão horrível no pântano. Antes disso, ele achava que tinha o controle da realidade, que conhecia as regras.

Que ele sabia o que estava fazendo.

Mas esse não era o mundo em que ele vivia agora. Ele tinha visto a coisa enegrecida no chão, aquela com as iniciais brilhantes JB em suas costas. Ele havia visto os mortos, o mal neste mundo, e isso o havia mudado.

Um arrepio percorreu Brett e ele imediatamente pegou o frasco.

E depois as meninas... todas aquelas meninas gritando a mesma coisa repetidamente.

Entre em contato comigo! Entre em mim! Entre em mim!

Brett fechou os olhos e tomou um bom e longo gole.

Não, hoje, como todos os dias desde o assassinato de Kendra, ele definitivamente não queria acordar.

Por um doce segundo, ele manteve os olhos fechados, debatendo se deveria ou não continuar dirigindo na estrada rural, deixar tudo de lado e permitir que o carro se movesse para onde quisesse.

Seu pé pressionou o acelerador com um pouco mais de força quando o carro começou a se desviar para um lado. O pneu dianteiro bateu em algo com força e fez com que ele abrisse os olhos. Havia

uma árvore, um carvalho grosso, no acostamento da estrada, a apenas uns 12 metros de onde ele estava agora.

Seria tão fácil simplesmente desviar e se chocar contra ele.

Para acabar com tudo isso.

Ninguém o culparia.

"Porra", ele jurou, endireitando o volante e colocando o carro de volta na estrada. "Foda-se, foda-se, foda-se."

Ao longe, ele viu a placa do crematório. Mesmo a alguns quilômetros da estrada, a visão do prédio o incomodava como se fosse um cheiro ruim.

A placa parecia o anúncio de uma casa mal-assombrada, com o "s" encaracolado de "Scarsdale" se retorcendo em uma cobra, a moldura de madeira aparecendo em vários lugares onde o decalque havia se desgastado.

Em cima do cartaz azul-escuro, outro cartaz foi colado às pressas, mas começou a descascar nos cantos.

Não há visitantes.

Ao longe, ele viu um prédio quadrado e cinza com uma grande chaminé que se projetava do telhado plano como um único dente de cavalo.

Uma espessa nuvem de fumaça preta saiu do dente, o que Brett considerou um bom sinal. Um sinal de que alguém estava aqui.

Ed, o Nariz.

Seu amigo detetive nem precisou lhe dizer sobre o que estava ligando; Brett sabia pela voz dele. Era sobre o caso Michael Young, o tarado de Nova York que gostava de comer mulheres vivas.

Brett estava familiarizado com o caso. Seu chefe, o diretor Ames, havia lhe dito para ficar em alerta, que ele poderia ter que ir a campo, por mais que o homem soubesse que seria doloroso para Brett fazer isso sem Kendra ao seu lado.

Mas seu amigo precisava de ajuda, de apoio, e agora ele estava aqui.

Brett sabia que Ed estava planejando uma emboscada, mas ele havia dito que, se não tivesse notícias dele até as quatro horas, deveria ir até lá. Considerando que Brett já havia voado da Carolina do Sul, era apenas uma curta viagem de carro até o crematório.

Uma rápida olhada no painel revelou que já faltava um quarto para as cinco horas, e seu pé pisou fundo no acelerador. Alguns minutos depois, ele encostou o Chevy alugado na porta da frente, notando os sulcos profundos na lama.

Em seguida, sacou a arma e saiu para o sol que estava se pondo.

O Crematório de Scarsdale estava vazio, exceto pelo corpo ainda

fumegante no forno. Mas alguém havia estado aqui recentemente - várias pessoas, na verdade. Embora não houvesse sinais de luta e o local fosse geralmente um depósito de lixo, ele notou várias pegadas diferentes no chão empoeirado.

E cheirava a morte.

Brett hesitou, tentando descobrir o que fazer em seguida. Ele já havia ligado para Ed, mas a ligação foi direto para o correio de voz. Ele também ligou para a delegacia, mas a central o informou que Ed e seu parceiro Hugh haviam saído naquela manhã e não haviam retornado.

Brett deu uma olhada no forno novamente e seu coração disparou. O corpo estava carbonizado, uma bagunça enegrecida e crocante que só se distinguia como humano pelo contorno.

E, por um breve momento, ele pensou que fosse Kendra, sua boca sem lábios formando uma horrível cara de beijo.

"Você me deixou queimar, Brett", ele ouviu em sua cabeça. Ou pelo menos ele achava que estava em sua cabeça. *"Você deveria ter me salvado, mas, em vez disso, só me fodeu e me deixou queimar."*

Os olhos de Brett começaram a lacrimejar, mas ele cerrou os dentes e tentou não se desmanchar novamente. Ele desejou ter seu frasco com ele e não no carro.

Afinal de contas, era para isso que o álcool servia: para esquecer, entorpecer, não sentir.

Ele se apressou em subir as escadas, tossindo e cuspiendo uma mancha preta de saliva no chão. Quando chegou ao degrau mais alto, pegou o telefone e discou o último nome de sua pequena lista de contatos mentais.

"Sim, diretor Ames. Eu estou aqui. Ed não está."

Houve uma pausa e, por um segundo, Brett pensou que talvez o telefone tivesse caído - a recepção era esporádica desde que ele começara a percorrer a estrada de terra. Mas então o diretor falou com a mesma voz monótona que sempre usava.

"Brett, recebi a notícia de que Michael está indo para o Orfanato Sagrado Coração".

Brett franziu o rosto.

"Recebeu notícias? De quem? Ed ligou para você?"

Outra pausa.

"Você precisa ir para o orfanato. Mantenha seus olhos e ouvidos atentos. Você deve fazer o reconhecimento e me ligar quando chegar lá, entendeu? Por nenhuma razão você deve interagir com qualquer pessoa que vir no orfanato, incluindo Ed, Hugh e Michael. Entendeu?"

Brett colocou o polegar e o indicador em seus olhos.

Ele não estava esperando por isso.

Não deveria interagir? Mesmo com o Ed?

"O que está acontecendo, Ames? Que porra está acontecendo? Isso está relacionado à Kendra de alguma forma?"

O homem ignorou sua pergunta.

"Você entendeu, Brett?"

"Porra", ele sussurrou sem respirar. "Sim, eu entendo. Envie as instruções para o meu telefone e eu vou até lá. Como é mesmo o nome do lugar?"

Dessa vez, a resposta foi imediata.

"Orfanato Sagrado Coração. E o Brett?"

"Sim?"

"Do. Not. Envolver-se".

Capítulo 32

Havia algo no homem de capa que Robert achava estranhamente familiar, mas, como muitas coisas em sua vida - sua *nova* vida -, ele não conseguia identificar o sentimento.

Ele já tinha problemas suficientes para pensar na ideia de que Shelly era uma Guardiã, que estava grávida e que Sean os havia trazido para esse prédio de escritórios, a Trellis Tower.

E que Shelly e seu bebê estavam em perigo.

O homem de capa guardou o livro em seu roupão e discou um número em seu telefone celular enquanto se dirigiam ao elevador.

Ao ver aquela capa de couro desgastada novamente, Robert sentiu um forte desejo de pegar o livro, mas o forçou a se afastar. Com toda essa conversa sobre seu filho ainda não nascido, parecia que todos haviam se esquecido de Amy.

Mas ele não tinha.

Seu objetivo ainda era recuperá-la.

O homem de capa resmungou algo que ele não entendeu muito bem e depois encerrou a chamada.

Cal, por outro lado, tinha ouvido algo, e isso despertou seu interesse.

"FBI? Você ligou para o FBI sobre isso?"

O Manto levantou o queixo, e Robert percebeu que não era apenas um manto que ele estava usando, mas havia uma espécie de máscara preta ou gola alta cobrindo seu rosto também.

Quem diabos é esse cara?

Sean o havia descrito como um dos Guardiões originais, um dos mais poderosos, mas isso pouco significava para Robert.

De onde vieram os Guardiões? De quando eles vieram?

"Há muita coisa que você não sabe, Cal. Há pessoas em posições de destaque que estão cientes da medula e do perigo iminente, e que podem nos ajudar se realmente precisarmos."

Em vez de se tranquilizar, Cal ergueu as mãos em sinal de frustração.

"Estou cansado de ouvir as pessoas me dizerem que não sei de nada. Bem, droga, se o líder dos Skulls me dissesse alguma coisa, talvez você pudesse poupar seu fôlego mais tarde. Sabe como é, um investimento em seu futuro."

Robert estendeu a mão e colocou uma mão no ombro do amigo, tentando acalmá-lo. Ele esperava que Cal se afastasse, mas o homem não o fez. Ele meio que esperava que Cal se afastasse, mas o homem não o fez. Em vez disso, ele realmente se inclinou para ele.

"Você tem um carro?" perguntou Robert.

O Manto balançou a cabeça.

"O meu está aqui", informou Sean.

Robert refletiu sobre isso. Ele ainda detestava o homem por ser um assassino a sangue-frio, por usar o pobre Allan e Cal como isca, por envolvê-lo em toda essa confusão, apesar do fato de que ele parecia genuinamente preocupado com a segurança de Shelly e do bebê que estava para nascer.

"Cal, você vai com Aiden, e eu vou com Sean e o Manto".

Cal balançou a cabeça.

"De jeito nenhum; nós vamos juntos - estamos juntos nessa, nós vamos juntos, porra."

Robert refletiu sobre isso. Ele queria ter um tempo a sós com o Manto, para ver se, de alguma forma, conseguiria colocar as mãos no livro, mas Cal provavelmente estava certo.

Era melhor que eles ficassem juntos.

Ele se voltou para Sean.

"Qual é o tamanho do seu carro?"

"Tenho um SUV, com sete lugares."

"Perfeito. Vamos levar isso, então."

"É uma hora de carro até o Sacred Heart", informou Robert, olhando para o telefone. "Portanto, acho que o tempo será melhor aproveitado para nos contar o que você sabe."

Sean, que estava no banco do motorista, virou-se para ele.

"Eu já lhe disse, você..."

"O Aiden acha que você deve começar a falar também, ou ele começará a distribuir abraços", ofereceu Cal.

O Manto, que estava no banco do passageiro, virou-se e lançou um olhar para Aiden, que estava na terceira fileira do SUV. Embora Robert não pudesse ver seus olhos, de alguma forma sabia que, ao contrário de Sean, ele não tinha medo dos mortos.

"Você quer saber sobre Leland?", exigiu o homem com sua voz rouca.

Robert acenou com a cabeça.

"Para começar."

Sean deu uma olhada para o Manto, mas era óbvio até mesmo para Robert quem era o subordinado aqui. Por mais desconfortável que parecesse, ele não iria desafiar a Capa de jeito nenhum.

O homem suspirou pesadamente.

"Leland Black é a personificação do mal puro, uma coalescência de todas as emoções mais primárias: luxúria, raiva, dor, amor, tudo isso envolvido em uma ideia de ser humano. Ele nem sempre foi assim, mas, há muito tempo, algo aconteceu com ele, algo que o mudou. Veja, algumas pessoas são egoístas, obcecadas com o eu, com a ideia

de serem únicas. Mas não somos únicos; os seres humanos não são únicos. Somos apenas abelhas operárias que possuem uma mente de colméia. A ideia de autoconsciência é apenas um lapso, um erro evolutivo, que nos faz pensar que existe algo como um *eu*."

Robert tentou entender essa ideia; era algo que ele já tinha ouvido antes, mas ainda não tinha se conformado totalmente com ela. E foi seu irmão, Carson Black, entre todas as pessoas, quem primeiro proferiu essa retórica.

Não há um eu? Como isso pode ser possível? Eu sou... eu sou eu, não sou?

"Pense em Leland como o id, sem a supervisão protetora do ego. Ele é realmente maligno e acredita que, ao abrir a fenda, ao provar a todos que morrer não é apenas uma via de mão única, ele poderá transformar esta Terra. Na realidade, porém, se ele tiver sucesso, ele a destruirá."

Robert olhou para Cal, que estava olhando tão atentamente que havia rugas se formando em sua testa.

"O que acontece com Leland", continuou o Manto, limpando a voz, "é que ele aproveitou o poder da Medula, poderes que nenhum homem deveria possuir. E isso o transformou ainda mais. Agora, quando você olha para Leland, vê seu maior medo personificado".

"Espera, o quê?" perguntou Cal.

Robert também estava incrédulo. Ele engoliu com força, lembrando-se do horror de ver Leland levantar a cabeça, de mostrar-lhe o rosto.

E aquele rosto era o de Robert.

O que diabos isso significa?

"Leland incorpora seu medo, agarra-se a ele e o usa para controlá-lo. Os mais suscetíveis são os inseguros, os excluídos, os próprios malvados."

"Como Jonah e Michael", sussurrou Cal.

O Manto ignorou o comentário, mas Robert estava pensando a mesma coisa.

"A Medula deve permanecer fechada. O mal que se esconde nela deve permanecer trancado. Temos que fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para mantê-la assim. É nosso dever como Guardiões."

Robert estava suando de repente e limpou o suor da testa. Ele lambeu o lábio inferior pegajoso e se virou para olhar para Aiden, que estava olhando pela janela. Ele se perguntou o que o homem estava pensando, o que ele pensava sobre tudo isso, já que estava morto.

"O que você vê quando olha para ele?" Robert quase ofegou. "O que você vê?"

O Manto voltou seu olhar para o para-brisa sem dizer nada. A pausa continuou por tanto tempo que Robert pensou que o homem

fosse se abster completamente.

Mas então ele falou, e suas palavras tiraram o fôlego de Robert.

"Estou vendo você, Robert. Estou vendo seu rosto."

Robert começou a tremer e imaginou não ele, mas esse homem de capa, esse homem pequeno com a coluna curvada e a voz grave, na praia, aproximando-se do bode.

E então, ao olhar para cima, viu o rosto de Robert sob aquele chapéu de abas largas.

Helen, que estava calada há tanto tempo que Robert quase havia se esquecido de que ela estava em sua cabeça, finalmente falou.

Mas o que ela disse não foi nada do que Robert esperava.

Ele é uma mulher.

O queixo de Robert caiu.

"O quê?", ele sussurrou em voz alta. Cal lhe deu uma olhada, mas ele ignorou o olhar.

O quê?

Veja como ela se move, as mãos pequenas. O Manto não é um homem; é uma mulher.

Robert olhou para a pessoa camuflada à sua frente, tentando observar seus maneirismos, sua postura.

Sabe de uma coisa? ele pensou. Acho que você está certo.

Mas isso não mudava o fato de que o próprio Robert era o maior medo da mulher.

Capítulo 33

"O que estamos fazendo aqui, Carson?" perguntou Michael, com a voz carregada de irritação. Carson não respondeu de imediato. Em vez disso, ele simplesmente olhou pela janela para a enorme estrutura de tijolos diante deles.

Fazia tempo que ele não ia ao Orfanato Sagrado Coração. Muito, *muito* tempo. Naquela época, ele era apenas uma criança, aprendendo os detalhes da Medula, da vida após a morte que ele logo abandonaria.

Isso foi antes mesmo de Sean levá-lo à igreja. A igreja do padre Callahan.

Um sorriso cruzou seu rosto quando ele se lembrou do homem estirado no chão de sua cela. O padre merecia isso. Afinal de contas, ele o havia deixado ir; ele era o culpado por Sean tê-lo deixado com aqueles padrastos horríveis e drogados.

Carson balançou a cabeça e olhou para o local. Havia almas aqui, almas mortas. Almas mortas *importantes*.

Jovem, mas poderoso.

Seu sorriso Cheshire patenteado começou a se formar em seus lábios finos.

"Carson? Eu perguntei o que estamos fazendo aqui".

Carson se virou, mas, em vez de responder, olhou primeiro para Bella.

"Abra a traseira da caminhonete, prepare as coisas."

Bella assentiu com a cabeça e imediatamente abriu a porta. Embora ela odiasse receber ordens, ele podia dizer que ela sentia o poder desse lugar.

Ela sabia o que estava em jogo.

Em seguida, Carson se voltou para Michael.

"Isso não vai ser fácil, Michael - vamos precisar de sua ajuda."

A expressão de Michael ficou amarga.

"Ajudar com o quê? Parece que tudo o que tenho feito é ajudar você e sua namorada, mas não estou ganhando nada com isso."

O sorriso de Carson cresceu.

Michael o lembrava de uma versão muito mais jovem de si mesmo, apesar do fato de o homem ser mais velho do que ele.

"Hoje é um dia glorioso, Michael. Hoje, papai está voltando para casa."

Os corredores estavam vazios, parecendo não ter sido perturbados desde a última vez que alguém esteve no orfanato.

Desde que o próprio Carson esteve lá.

Ainda havia manchas escuras de sangue no chão, longos rastros do líquido seco marcando os corredores.

Naquela época, ninguém sabia que eles estavam aqui e, portanto, ninguém sabia como limpá-los. E as crianças já eram almas perdidas, então também não havia ninguém para procurá-las.

Enquanto Carson seguia pelo corredor, ele tentou ignorar a poeira que seus passos faziam voar.

"Continuem andando", ele instruiu Ed e Hugh, que não só tinham as mãos amarradas atrás das costas, mas também estavam amarrados um ao outro.

Os homens se arrastaram para a frente, e Carson olhou em volta. Bella estava de um lado, Michael do outro. As vinte almas mortas que ele havia mandado colocar na traseira do caminhão estavam atrás deles como uma espécie de verme sinuoso.

O sorriso que se formou no rosto de Carson na caminhonete permaneceu estampado em seu rosto. Apesar do que havia acontecido em Seaforth, as coisas estavam melhorando.

Leland estava pronto, e Carson tinha quase tudo o que precisava para levá-lo para casa.

Eles continuaram a percorrer o corredor principal e, embora parecesse que Carson estava apenas vagando sem rumo, ele não estava.

Ele sabia exatamente para onde estava indo.

Eles passaram por várias salas de aula antigas, e Carson foi até uma delas e olhou através do vidro empoeirado.

"Não", ele murmurou. "Não este aqui."

Passaram por mais duas, idênticas à primeira. Quando chegaram à quarta janela, algo no peito de Carson começou a se contrair. Ele não precisava ver as manchas marrons que cobriam o concreto do lado de fora da porta para saber que aquela era a certa.

"Esta é a sala", disse ele. "Michael, abra a porta e conduza nossos convidados para dentro. Este é o local."

Ele não conseguia conter a empolgação em sua voz. Enquanto Michael conduzia Ed e Hugh para a sala, Bella o puxou para perto de si.

"Tem certeza de que isso vai funcionar? Quero dizer, eles estão mortos há tanto tempo... será que já não morreram?"

Carson balançou a cabeça.

"Eles não são crianças normais, Bella. Eles são Guardiões. Eles não seguem as mesmas regras que todos os outros... e é por isso que Leland conseguiu ficar na costa por tanto tempo."

O rosto de Bella era suave, macio, e Carson se inclinou e a beijou nos lábios.

"Vai acontecer desta vez, Bella. Eu sei que vai." Ele colocou um

dedo em seu peito. "Eu posso sentir isso."

Ele também sabia que, se seu plano funcionasse, criaria um pulso de energia tão forte que todos os Guardiões restantes o sentiriam. E os bastardos não teriam escolha a não ser vir. E quando viessem, Carson e seu exército estariam esperando.

"Entrem", ele instruiu, e Bella entrou com Carson logo atrás. Uma vez lá dentro, ele examinou a sala.

Era muito parecido com o que ele se lembrava de todos aqueles anos atrás. As carteiras simples de madeira, o quadro-negro, as janelas de vidro. Havia mais poeira em tudo agora, mas ele achava que ainda conseguia distinguir as palavras em latim que o professor havia escrito no quadro-negro.

Inter vivos et mortuos.

Sim, esse era definitivamente o lugar.

Ele se virou para Michael.

"Preciso que você pegue os dois detetives e os coloque no canto. Quero que eles vejam isso, que *saibam* o que aconteceu aqui hoje."

Michael assentiu e empurrou o detetive mais velho com força pelas costas. Em seguida, Carson começou a mover as mesas para os lados da sala. Bella se juntou a ele e, em apenas alguns minutos, eles haviam limpado o centro. Satisfeito, Carson caminhou até o meio e começou a tirar suas roupas.

"Que porra você está fazendo?" Ed exigiu. Michael enfiou o punho no estômago do homem e ele cedeu. Ele se virou para trás para socá-lo novamente, mas Carson o impediu.

"Isso é o suficiente, Michael."

O homem franziu a testa, mas, em vez de dar um soco, empurrou os dois para o chão. Eles grunhiram ao aterrissar com força na superfície dura.

Embora Ed tenha sido o único a ser atingido, era Hugh quem estava respirando em pequenos suspiros, incapaz de recuperar o fôlego.

Depois de tirar suas roupas, Carson as dobrou cuidadosamente e as colocou em uma das mesas. Em seguida, voltou para o centro da sala e se sentou, com as pernas cruzadas e as mãos sobre as coxas.

"Bella, preciso que você me guie novamente", ele disse, fechou os olhos e respirou fundo.

Ele esperou, sentindo o receio dela. Com um aceno de cabeça, ele a encorajou.

Estava na hora.

Em algum lugar distante, ele ouviu a voz de Bella, mas não se concentrou nela. Em vez disso, concentrou-se nos mortos, instruindo-os a entrar na sala e a formar um círculo ao seu redor.

Em sua mente, ele os viu cumprir suas ordens e, em seguida, estender a mão e segurar a mão um do outro, como uma espécie de

grotesco "Ring Around the Rosie".

Quando suas mãos se encontraram, ele sentiu uma pressão começar a crescer em seu peito.

Bom, isso é bom.

Em seguida, ele se concentrou na voz de Bella e foi mais fundo do que nunca.

Capítulo 34

"Que porra é essa?" murmurou o agente Brett Cherry. Ele se aproximou e pegou seu frasco, tentou tomar um gole, mas, ao perceber que estava vazio, jogou-o no chão. "Que porra é essa?"

Piscando loucamente, ele esfregou os olhos. Por um segundo, pensou que estava bêbado, desmaiado e imaginando coisas. Ele realmente beliscou o braço, mas a dor aguda confirmou que ele estava, de fato, acordado.

Apesar de terem tido um bom avanço, Brett alcançou a caminhonete cerca de dez minutos antes de ela entrar no estacionamento do orfanato. Ele sabia que era a caminhonete com base no peso do veículo, na forma como ele era mais baixo no eixo traseiro, e os rastros que fazia na estrada abandonada e na entrada de automóveis coincidiam com os de fora do crematório. Mas se ele precisasse de mais provas, tudo o que tinha de esperar era que a senhora ágil, com expressão severa e um estranho corte de cabelo curto, saísse da caminhonete e abrisse a traseira. Estava quase escuro lá fora, mas o raio de luz que a lua proporcionava era suficiente para que Brett pudesse ver o que havia na caminhonete.

"Que merda é essa?", disse ele pelo que pareceu ser a centésima vez.

Ed e seu parceiro Hugh foram puxados pela parte de trás, com as mãos amarradas para trás. Ed escorregou, puxando os dois para o chão.

Brett jurou novamente e resistiu a sair do carro.

Ele havia estacionado longe da caminhonete, parando atrás de uma árvore a 400 metros de distância. E agora ele estava olhando para seu velho amigo por meio de um par de pequenos binóculos. Ele os afastou do rosto quando Ed aterrissou com força na lama e voltou os olhos para o céu. Ele desejou ter óculos de visão noturna, porque em menos de uma hora o orfanato estará banhado pela escuridão.

Mas ele não havia pensado tão longe. Na verdade, ele não imaginava que estaria na estrada hoje.

Brett colocou as lentes de volta em seu rosto e continuou observando. A mulher levou os dois detetives para a frente da caminhonete, e então as portas se abriram. Brett reconheceu o primeiro como Michael Young, seguido por um homem magro que ele nunca tinha visto antes. Quando eles começaram a se dirigir à entrada do Sacred Heart, ele quase os seguiu com os olhos. Mas algo em sua periferia, um movimento vindo da parte de trás da caminhonete, fez com que ele parasse.

Havia mais pessoas lá dentro.

Mas eles não eram *pessoas*, não de fato.

Os corpos estavam se movendo de forma estranha, todos angulares, contorcidos, e literalmente caíram do caminhão. Olhando com atenção, Brett pôde ver que todos eram pálidos, quase cinzentos, com roupas rasgadas ou inexistentes.

E isso sem falar em seus rostos, seus olhos completamente negros, as veias azuis escuras que cobriam suas cabeças e corpos como estradas em um mapa.

Seus pontos, seus hematomas.

De repente, ele se sentiu mal, lembrando-se de Kendra no pântano.

Seu primeiro pensamento - esperança, na verdade - foi que eles ficariam na lama onde caíram, e ele poderia atribuir tudo isso a uma miragem alcoólica.

Mas esse não era o caso. Um a um, eles se levantaram, retirando-se da lama, sem se preocupar em limpar os grumos grossos. E então, sem dizer nada, tropeçaram atrás dos outros.

Por um minuto inteiro, depois que o caminhão foi finalmente abandonado, Brett ficou sentado e observando. E então ele pegou seu frasco novamente, antes de lembrar que ele ainda estava vazio.

"Que se dane essa merda", disse ele, ao abrir a porta do carro. "Que se dane toda essa merda."

E então ele foi atrás deles, tirando as palavras do diretor Ames de sua mente.

Capítulo 35

"Está acontecendo", sussurrou Robert. "Jesus, está acontecendo... precisamos nos apressar."

Ele podia sentir uma tensão no peito, como se as costelas estivessem subitamente pequenas demais para o corpo. Ele olhou para Cal e ficou surpreso ao ver que o homem estava olhando para ele, com uma expressão estranha no rosto. Por um instante, ele se sentiu mal por seu velho amigo, pois o homem claramente se sentia excluído de toda essa provação, especialmente desde que se soube que Shelly também era um Guardião.

Com uma rápida olhada para Sean e o Manto no banco da frente, ele soube que eles também sentiam a pressão.

Algo estava acontecendo.

Carson estava se intrometendo novamente, tentando abrir a fenda.

Sean soltou um suspiro e apertou o coração.

"Carson também está lá. Shelly... Carson, ambos estão no Sacred Heart".

O Manto murmurou algo sob sua respiração.

"Por que-ahh, porra", Robert se curvou, grunhindo e arfando com a dor.

Cal se aproximou e colocou uma mão em suas costas.

"Robbo, você está bem?"

Com muito esforço, ele conseguiu se endireitar e respirar fundo.

"Tudo bem", ele disse baixinho. "Por que... por que Carson está lá?"

"Ele sabe... ele sabe o que aconteceu lá. Ele acha que pode usar os mortos para ajudá-lo."

Robert apertou os olhos com força.

"Pensei que a profecia dissesse que somente um Guardião..."

"Já houve Guardiões lá, dezenove deles. Mas..." A voz do Manto se embargou, deixando-o incapaz de continuar.

"O que você quer dizer com isso? O que aconteceu?"

Cal falou de repente.

"É sério que estamos fazendo isso *de novo*?"

"Fazendo o quê?" perguntou Robert, cerrando os dentes contra a dor. Toda a pressão fez com que seu dedo se rompesse e ele tentou desesperadamente aplicar uma nova gaze sem chamar muita atenção.

"Isto. Entrar em uma maldita casa do inferno cheia de fantasmas sem um plano."

Parecia ridículo, mesmo para Robert, que ainda estava confuso sobre o papel que o Orfanato Sagrado Coração desempenhava em tudo isso. A única coisa que sua pesquisa havia revelado era que ele costumava ser um dos maiores orfanatos do nordeste, mas que havia sido abandonado há mais de cinquenta anos. Duas décadas depois, um

rico incorporador tentou comprar o local e transformá-lo em condomínios, mas um cavaleiro branco, um comprador não revelado, entrou em cena e o arrematou antes que o negócio fosse finalizado. Com base em tudo o que ele havia lido, nada havia sido feito com o local desde então.

Teria sido bom ter um plano, mas não havia tempo. Eles precisavam se apressar antes que Carson...

"Eu tenho um plano", ofereceu Aiden do banco de trás. Era a primeira vez em muito tempo que o homem falava, e ele chamou a atenção de todos no carro. "Vou ficar no ponto de vista da Ol' Betsy e me certificar de que ninguém saia do orfanato. Robert, você..."

"Espere, como sabemos se a arma vai funcionar? Quero dizer, você já tentou usá-la desde... desde...?"

Aiden acenou com a cabeça.

"Vai funcionar."

No entanto, apesar da confiança do homem, Robert não tinha tanta certeza.

"Sean e Robert, vocês assumem a liderança. Descubram onde Carson e Shelly estão dentro do orfanato. O objetivo é tirar Carson de lá e colocar Shelly em segurança. Cloak e Cal, vocês são os próximos. Dê apoio a Sean e Robert. Lembrem-se, se encontrarem algum fantasma, fiquem longe".

Se?

Robert achou que esse era um plano bastante fraco, especialmente vindo de Aiden. Cal evidentemente sentia o mesmo.

"Esse é o seu plano? O que diabos devemos fazer quando Robert e Sean encontrarem Carson? E quanto ao amigo canibal do Carson? Sua namorada psicopata?"

Os olhos de Aiden se estreitaram ao ouvir a menção da namorada de Carson.

"Lidar com Carson e sua equipe é seu trabalho. Eu cuido dos fantasmas."

Cal ficou em silêncio, pois estava claramente se lembrando dos horrores ocorridos na propriedade, em Seaforth.

"É isso", disse Robert mais para si mesmo do que para qualquer outra pessoa. "Tudo termina aqui."

Nos cinco minutos seguintes, eles dirigiram em silêncio. Mesmo quando o orfanato apareceu à vista, ninguém disse nada.

Havia nuvens acima do grande e monótono edifício, nuvens cinzentas ameaçadoras que pareciam estar girando em um círculo diretamente sobre ele. Havia um lampejo de luz embutido no meio da tempestade que se formava, e Robert se lembrou imediatamente do fogo no Marrow, do relâmpago que precedeu a chegada de Leland.

Ele balançou a cabeça, tentando manter a concentração. Ele não

sabia se encontraria Carson - *quando encontrasse* Carson - se seria capaz de fazer o que não conseguiu em Seaforth.

Mas ele não tinha escolha.

Shelly estava envolvida agora, assim como seu filho ainda não nascido.

Você precisa fazer isso, Robert, pensou Helen em sua cabeça. Você precisa acabar com isso de uma vez por todas. Você precisa proteger os seus, proteger esta Terra e me mandar para casa.

Sean estacionou o carro ao lado da caminhonete branca e eles saíram em duplas, exatamente como Aiden havia instruído. Apenas o homem esperava ao lado do carro, preparando sua arma.

O céu acima deles havia se transformado em uma tempestade, e o vento aumentou a tal ponto que Robert teve de se encolher para evitar ser arrastado pelo redemoinho. Ele ficou perto de Sean enquanto corriam em direção ao prédio. Em minutos, eles passaram à frente de Cal e do Manto, deixando-os para trás para se tornarem a segunda onda de ataque.

Robert preparou Helen, temendo que tivesse que deixá-la assumir o controle novamente, e logo.

Ela estava pronta.

Quando ele se aproximou das enormes portas da frente que estavam abertas, as lembranças começaram a voltar para ele, da mesma forma que quando ele entrou na igreja de Callahan. Memórias de um tempo aqui, neste orfanato cinza.

Alguém sabe o que significa a expressão Inter vivos et mortuos? ele se lembra da pergunta do professor.

Robert pressionou a palma da mão contra a porta e se encostou nela, tentando aliviar a pressão em seu peito.

Mas ele não conseguia, pois o problema só parecia aumentar.

Assim que sua mão fez contato, algo brilhou em sua mente - uma imagem de Carson, sentado no chão, com uma nuvem se abrindo acima de sua cabeça.

Robert se virou para Sean, de repente sentindo dificuldade para respirar.

"Temos que nos apressar."

O homem assentiu com a cabeça e Robert pôde ver em seu rosto que ele também sentia a pressão. Sean agarrou a porta e a abriu com cuidado.

Uma luz cinza os cercava, como se o próprio local irradiasse algum tipo de brilho ambiente.

Robert havia dado menos de um punhado de passos dentro do Sacred Heart quando viu o primeiro dos mortos.

Capítulo 36

Ed piscou com força, pensando que talvez depois que Michael tivesse mordido parte da orelha de Hugh, ele tivesse ido até lá e o matado.

Talvez o tenha comido também, mas Ed esperava que isso acontecesse depois que ele já estivesse morto.

Simplesmente não havia outra explicação para o que ele estava testemunhando.

Os corpos no caminhão *estavam* mortos. Não havia como questionar isso. Afinal de contas, ele havia parado Vinny a trinta quilômetros do crematório e os tinha visto. Ele tinha até mesmo deitado na parte de trás da caminhonete com seus cadáveres fedorentos.

Mas agora não estavam mais.

Agora eles estavam de pé, balançando, de mãos dadas em um círculo gigante de kumbaya, como em uma sessão espírita demente.

E no meio havia um homem que era pior... muito pior até mesmo do que Michael. Michael, que aprisionava mulheres em seu porão, que mordiscava a pele, os ossos e os tendões delas enquanto ainda estavam vivas.

Esse homem tinha poder sobre os mortos, por mais bizarro que o pensamento soasse em sua cabeça, e se Ed acreditasse nisso, também teria de acreditar que ele iria comandar ainda mais deles.

Uma súbita rajada de vento o atingiu no rosto, e seus olhos imediatamente olharam para cima. O teto havia se rasgado, apesar de não ter caído nenhum detrito para dentro, ou simplesmente se tornado transparente por algum truque estranho ou mágico.

Seja qual for o caso, as nuvens no alto eram escuras, agourentas, e os relâmpagos iluminavam suas bordas arredondadas enquanto giravam.

"Venha a mim, levante-se e venha a mim... entre em mim", sussurrou Carson, suas palavras foram arrancadas de sua boca e levadas para a tempestade acima. As cadeiras e mesas na periferia da sala começaram a tremer e, mesmo relutando em tirar os olhos de Carson, Ed sentiu a necessidade de verificar Hugh, que não havia dito nada desde o momento em que estavam na traseira do caminhão.

"Hugh, o que...?"

Mas Michael lhe deu uma cotovelada forte nas costelas, e ele estremeceu, inclinando-se para aquele lado.

Hugh olhou para ele, com os olhos grandes como pires. Ele estava quase tão pálido quanto os mortos que faziam um círculo a menos de três metros deles.

O que quer que estivesse acontecendo, quaisquer que fossem os malditos demônios que Carson estivesse conjurando das profundezas

do inferno, Ed tinha certeza de uma coisa: ele não queria estar aqui quando eles chegassem.

Mas com as mãos amarradas e presas a Hugh e com Michael observando, ele não tinha ideia de como libertaria os dois.

Bella estava andando em volta do círculo, sussurrando algo para Carson, que ainda estava nu, de olhos fechados, no centro dos mortos.

Ele pensou que talvez pudesse ultrapassá-la, dado o nível de distração dela, embora não tivesse se esquecido da rapidez com que ela o havia ultrapassado quando eles saíram da traseira da caminhonete.

Mais relâmpagos dividiram o céu, e Ed instintivamente colocou a cabeça entre os ombros.

Ele percebeu que Michael fez o mesmo.

Havia uma mesa não muito longe dele, do outro lado de Hugh.

Se eu pudesse, de alguma forma, conseguir...

Mais relâmpagos encheram a sala, mas, dessa vez, não pareciam vir do céu, mas do próprio Carson.

Os mortos pararam de andar em círculo e deram um passo para trás, com as mãos e as cabeças caídas ao lado do corpo, oferecendo a Ed uma visão clara do homem nu.

"Jesus", ele sussurrou, incapaz de se controlar. Mas Michael não desferiu outro golpe em seu lado, como ele esperava; em vez disso, ele ouviu o homem inspirar bruscamente.

Fluxos finos e fumegantes de luz saíam dos olhos e da boca de Carson e seu queixo se ergueu. E, de repente, a sala foi preenchida por um brilho intenso e ofuscante, tão vívido que Ed foi forçado a fechar os olhos.

Se suas mãos estivessem livres, ele as teria usado para proteger o rosto.

Na luz ofuscante, ele ouviu a voz de Carson em alto e bom som, e um arrepio subiu por sua espinha.

"Eles estão aqui... eles chegaram."

Capítulo 37

Cal observou seu amigo e Sean se dirigirem ao orfanato e se agachou. De acordo com o plano, ele esperou, embora todos os músculos de seu corpo gritassem para que ele se movesse.

Para executar.

Fugir para tão longe do Orfanato Sagrado Coração quanto suas malditas pernas o levassem.

O Manto se agachou ao lado dele, com sua velha coluna vertebral curvada, o tecido preto escuro transformando seu corpo no que parecia ser uma pilha de lixo.

"Quanto tempo vamos esperar, Aiden?", perguntou ele.

Como não houve resposta, ele olhou por cima do ombro.

O homem morto havia desaparecido.

"Ótimo."

"Esperamos até que eles cheguem à porta", disse o Manto. "E depois damos a volta por trás."

Cal observou o homem por um momento, tentando descobrir o que diabos ele era. De baixa estatura, definitivamente velho. O capuz da capa cobria a parte superior do rosto, o cabelo e os olhos, enquanto a gola alta escondia a parte inferior. Cal não tinha ideia de como o homem enxergava. Então ele se lembrou da câmera em seu pescoço e começou a levantá-la, com a intenção de apontá-la para a capa. Mas, antes que ele o fizesse, a camuflagem falou novamente e sua mão ficou no ar.

"Você é um bom amigo, Cal."

Cal fez uma careta, pois a avaliação que o homem fez dele foi uma surpresa.

"Como você sabe?", ele retrucou. "Como diabos você saberia?"

O Manto voltou sua cabeça para a casa.

"Eles estão na porta. Vamos lá."

Ele começou a se levantar, mas Cal estendeu a mão e agarrou seu braço.

"Espere..."

O Manto o sacudiu.

"Está na hora. Precisamos nos apressar."

Capítulo 38

Carson devia saber que eles estavam chegando, pois tinha sete cadáveres parados dentro da porta e, assim que Robert e Sean cruzaram a soleira da porta, eles se lançaram sobre eles.

"Porra!" Robert gritou, contorcendo-se quando um homem com enormes lábios negros passou por ele. O próximo veio em direção a Sean e, uma fração de segundo antes de ele se mover, Robert ouviu um ruído sibilante como ar fervente em seu ouvido ensanguentado.

A bala atravessou o crânio do homem de lábios grossos e atingiu o corpo de Sean no centro do peito, atrás dele.

"Jesus Cristo!" Robert gritou. Ele virou a cabeça para ver de onde tinha vindo o tiro, mas o céu estava tão escuro lá fora que ele não viu nada.

Mas ele sabia que era Aiden e, quando se virou para trás, sabia que o que o homem havia dito era verdade.

A arma *funcionaria*.

O primeiro quiddity caiu de cara no chão sem sequer se segurar e ficou imóvel. Robert estava prestes a desviar o olhar quando, de repente, a quiddity começou a tremer, com pequenos tremores no início, mas que rapidamente se transformaram em uma convulsão fulminante.

No auge dessas violentas contrações musculares, as costas do homem se arquearam e seus olhos negros como breu olharam diretamente para Robert.

Em seguida, ele ficou imóvel novamente e se dissolveu em uma nuvem de sujeira e poeira negra.

Robert instintivamente levou a curva de seu cotovelo à boca para evitar inalar a nuvem de quiddity. Mas suas ações foram desnecessárias; a nuvem disparou para cima, parecendo atravessar diretamente o teto acima.

Ele olhou para Sean, que estava olhando para a outra quiddity enquanto ela também caía de joelhos e começava a tremer.

Um borrão de movimento chamou sua atenção, e o rosto de Robert se ergueu.

"Sean! Mais um - cuidado!"

Houve outro som de zunido, e essa quiddity também foi abatida por Aiden.

Precisamos sair daqui, há muitos, disse Helen em sua cabeça. *Robert, algo ruim está acontecendo aqui...*

Não me diga.

Outro tiro foi disparado e outro cadáver tombou.

E mesmo assim eles continuavam chegando. Inicialmente, Robert havia contado oito, mas parecia que havia dezenas deles agora, talvez

até centenas, que se aglomeravam em cada um para chegar até eles. Para colocar as mãos nos vivos.

Ele piscou os olhos com força, tentando manter a concentração.

"Volte para fora", Sean gritou para ele por causa do barulho da tempestade que, de repente, parecia vir de *dentro do* orfanato e não de fora. "Vá para fora para que Aiden possa eliminá-los."

Robert assentiu e estava prestes a dar um passo para trás quando viu algo no meio do corredor.

Uma silhueta familiar.

Uma silhueta familiar de *grávida*.

"Shelly!", ele gritou por cima do som do tremor e do vento batendo em seus ouvidos. "Shelly!"

Mas ela não se virou.

E então todo o orfanato ficou branco um segundo antes de um dos quiddity atacá-lo.

Robert fez a única coisa que sabia fazer, naquele momento. A única coisa que o impediria de ser enviado para a Marrow.

Ele deixou a Helen assumir o controle.

Capítulo 39

Cal estava dando a volta pela lateral do prédio quando ouviu o grito de Robert.

"Shelly! Shelly!"

Ele congelou imediatamente, ignorando os pedidos do Manto para vir com ele, para se apressar.

Shelly, aquela que ele havia trazido para o rebanho, estava em perigo. Shelly, aquela que Robert havia engravidado, estava dentro do orfanato. Shelly, a que estava grávida do bebê que tinha o potencial de manter aberta a fenda na Medula, estava ao alcance de Carson.

Cal girou sobre os calcanhares, voltando para a frente do prédio.

"Cal", sibilou o Manto atrás dele. "Cal, volte!"

Mas Cal não deu ouvidos. Ele estava quase na entrada da frente quando o orfanato inteiro explodiu em uma bola de luz.

Capítulo 40

"Você está sentindo isso?" Ben perguntou a Allan, olhando para ele.

O céu estava ficando cada vez mais escuro no Marrow até se tornar quase completamente negro. A areia, antes aveludada e macia nas solas dos pés descalços, de repente estava ficando quente e pegajosa.

"Eu o sinto", admitiu Allan. "Está ficando mais forte... *ele está chegando.*"

Ben, que estava olhando para as nuvens que começavam a se tornar de um laranja profundo, olhou para Allan. O garoto estava assustado, até mesmo aterrorizado.

"Quem? Quem está vindo?"

Allan engoliu com força, seu pomo de adão balançando violentamente em sua garganta estreita.

"O Bode. O Bode está chegando".

Ben estremeceu no momento em que o céu explodiu em chamas.

Capítulo 41

O agente Brett Cherry deu uma grande volta em torno dos dois veículos enquanto se dirigia para a parte de trás do orfanato. Ele sacou a pistola, mas algo em seu íntimo lhe dizia que isso não adiantaria muito.

Seu tempo no pântano havia lhe ensinado isso.

O fogo, por outro lado...

Um relâmpago estalou no céu acima, e Brett olhou para cima. As nuvens de tempestade pareciam estar circulando, torcendo e girando sobre si mesmas, formando uma espécie de pináculo que subia do telhado do orfanato até os céus.

No centro do pináculo, ele podia distinguir a visão inconfundível de chamas.

Um fogo no céu.

Brett respirou fundo, acelerou o passo e foi em direção àquele pináculo.

"Isso é para você, Ken-Ken. Para você."

Capítulo 42

A luz brilhante ainda o cegava, e quando uma mão deslizou ao redor de seu pescoço e o puxou para perto, ele quase gritou.

Mas a mão sobre sua boca o impediu de fazer isso.

De repente, um hálito quente foi colocado em sua orelha.

"Não se mova."

O peito de Ed se esvaziou. Era Brett. O homem deve ter se esgueirado para dentro do quarto sob a proteção da tempestade e da luz.

Ele sentiu a pressão nos braços e, em seguida, a súbita liberação quando suas mãos foram cortadas. Ed imediatamente alternou a fricção dos pulsos, tentando recuperar a sensibilidade dos punhos.

"Venha comigo", sussurrou Brett, seu hálito cheirando a álcool. "Siga-me exatamente e eu posso nos tirar daqui."

Ed se levantou lentamente, o mais silenciosamente possível, lembrando-se de que Michael estava muito próximo.

Assim como Hugh.

Lembrando-se dos olhos arregalados do homem, do rosto pálido, da mandíbula frouxa, ele duvidava que Hugh sequer percebesse que não estava mais ligado a Ed.

"Espere", ele sussurrou. "Não podemos deixar o Hugh."

Em seguida, a luz se apagou.

Ed e Brett ficaram paralisados.

"Eles estão aqui", sussurrou Carson novamente.

A tempestade também havia cessado e, de repente, a sala ficou muito silenciosa - silenciosa *demais*.

E então Bella acendeu uma lâmpada e o coração de Ed parou.

Carson ainda estava no círculo agora, mas não era o único cercado pela quiddity que havia viajado com ele na traseira da caminhonete.

Havia outros. E esses outros estavam abraçando-o, segurando-o, agarrando-se às suas pernas.

Havia sete deles, seis meninos e uma menina, com idades entre cinco e onze anos, segundo Ed.

De repente, seu coração voltou a bater e, por qualquer motivo, isso o denunciou. Todas as crianças se viraram para olhar para Ed com seus olhos de obsidiana.

"Eu trouxe os Guardiões de volta", disse Carson com um sorriso. "Eu trouxe todos eles de volta."

Ele deu um tapinha na cabeça de um garoto, depois se virou e se concentrou em Brett.

"Você é a agente Cherry, presumo?" perguntou Carson.

Brett tentou fugir, mas Michael ficou em seu caminho, bloqueando sua passagem. Brett levantou a arma e apontou-a para a testa do

homem.

"Não entendo porra nenhuma do que está acontecendo aqui, e não estou nem aí para isso. Mas vou lhe dizer uma coisa: eu e meus amigos vamos sair daqui agora mesmo."

Carson sorriu, e Ed achou que sua boca tinha ficado maior, mais cheia de dentes. E eles pareciam ter sido limados em pontas.

"Não, acho que não."

Carson sacudiu o queixo, e a inquietação que o cercava de repente começou a se mover em direção a Ed e Brett. O andar deles ainda era desajeitado, mas havia melhorado em comparação com a primeira vez que ele os viu caindo da traseira do caminhão.

Brett imediatamente desviou a arma de Michael para a pessoa mais próxima a eles.

"Pare", ele instruiu. "Pare de se mexer."

Esse não foi um impasse prolongado. Quando a dúvida não parou, Brett disparou uma rodada.

A bala atingiu um cadáver do sexo masculino no ombro, mas, além de se torcer para o lado devido ao impacto, nem sequer o atrasou.

"Brett, eu não..."

Mas Ed não terminou sua frase antes que Brett disparasse mais dois tiros em rápida sucessão. Dessa vez, as balas atingiram o homem na cabeça.

O resultado, no entanto, foi o mesmo.

"Porra!" Brett gritou. Ele deu um passo à frente e segurou a arma diretamente à sua frente, à distância de um braço.

Em algum lugar na frente deles, Carson caiu na gargalhada.

A janela à esquerda deles explodiu de repente e um projétil de alta pressão atingiu o homem que Brett estava atirando diretamente na têmpora. Brett fez uma cara confusa e olhou para sua arma, enquanto a cabeça do homem era completamente vaporizada.

Ele caiu de joelhos e começou a tremer.

Carson parou de rir.

"Bella! Abaixese!", ele gritou.

Outro tiro explodiu a segunda janela da sala de aula, e outro quiddity foi abatido.

Carson rugiu de raiva.

Um terceiro tiro, uma terceira janela quebrada. Dessa vez, no entanto, a bala atingiu Bella diretamente nas costas, enquanto ela se jogava no chão.

Mas nada aconteceu.

Ed observava, com uma expressão confusa que combinava com a dela, enquanto ela dava tapinhas em si mesma, procurando uma ferida que simplesmente não existia.

Brett, finalmente superando o choque que o dominava, apontou a

arma para Michael novamente. Mas o homem havia se movido e, antes que Ed pudesse avisar o amigo, Michael acertou o punho na lateral da cabeça de Brett. A agente Cherry cambaleou, chegando perigosamente perto da quiddity restante.

Ed atacou, mas já não estava em tão boa forma como antes. Foi uma investida desajeitada, que lembrava o tropeço de Quiddity ao sair do caminhão. Michael se esquivou e, em seguida, deu dois socos na lateral e no estômago de Ed, fazendo-o perder o controle imediatamente.

Ele se encolheu em uma bola, ofegando por ar.

"Hugh", ele tentou dizer, mas apenas ar saiu de sua boca. "Hugh, me ajude."

Michael apareceu do nada, dando outro golpe, desta vez no queixo. A cabeça de Ed se inclinou para trás e ele sentiu os dentes rangerem juntos, cobrindo a língua com serragem.

Ed caiu de bunda no chão e depois desabou contra a parede dos fundos. Ele lutou contra a inconsciência crescente, sabendo que, se sucumbisse à escuridão, nunca mais acordaria.

A hesitação o afetaria.

Ao piscar, tentando clarear a visão, ele percebeu que havia alguém pairando sobre ele.

Era Michael e, como Carson em algum lugar atrás dele, ele estava sorrindo.

"Vou gostar de comer você".

Mas, então, algo voou em sua lateral, levando-o ao chão. Ed se levantou, observando enquanto Brett desferia socos em Michael como um homem possuído. Um rosnado vindo da esquerda chamou sua atenção, e ele percebeu que um dos mortos estava a centímetros de Hugh, que parecia congelado no lugar.

"Não!", gritou ele, agarrando seu parceiro pelos ombros e girando-o para longe. Enquanto o puxava, algo passou zunindo por sua orelha e o braço esquerdo do quiddity explodiu. Como os outros, ele caiu no chão e começou a ter convulsões.

Ed olhou para seu parceiro.

"Hugh, saia dessa!", ordenou ele. "Controle suas coisas, temos que sair daqui, agora!"

Os olhos de Hugh se arregalaram e ele levantou a mão para apontar, mas antes que pudesse levá-la ao nível do ombro, Ed sentiu algo frio e afiado deslizar em seu corpo logo acima do quadril. Foi tão limpo, tão rápido, que, a princípio, ele nem sentiu dor.

Ao olhar para baixo, no entanto, ele viu o brilho de uma lâmina e o topo da cabeça de alguém, que estava coberto por um cabelo preto curto.

Bella o havia afetado novamente.

Capítulo 43

"Robert", Sean ofegou do seu lado esquerdo. "O que você fez?"

Mas Robert não tinha feito nada.

Quando a luz se apagou e o brilho do ambiente voltou, Robert percebeu que estava segurando um cadáver pela garganta.

Ou, mais especificamente, *Helen* o estava agarrando.

No entanto, Robert podia sentir a textura de sua pele cerosa sob seus dedos e podia sentir o cheiro de seu hálito fétido e podre em seu rosto.

Ele esperava ser levado para o Marrow, para ver Amy novamente, e parte dele queria isso. Então ele se lembrou de Shelly.

Ela está aqui e precisa de minha ajuda.

Helen respondeu com um aperto ainda mais forte, levantando o homem morto do chão. Robert nunca havia experimentado tanta força, tanto poder em toda a sua vida, nem mesmo na última vez em que Helen assumiu o controle e, juntos, eles agarraram Carson.

"Robert."

Helen puxou com força, e a garganta do homem se rasgou como se fosse um peru cozido demais. Em seguida, ela o empurrou para trás, enquanto ele se deitava no chão ofegante. Um segundo depois, ele começou a se contorcer, não muito diferente da quiddity que Aiden havia explodido.

Eles vieram até ele de uma só vez, os quatro quiddity restantes, todos com as mãos estendidas, desesperados para rasgar sua carne viva. Pelo canto do olho, ele viu Sean se afastar.

"Vá!" Robert gritou. "Vá e salve a Shelly! Eu cuido disso! Rápido!"

Sean assentiu e, em seguida, Robert fechou o punho enquanto eles o atacavam de uma só vez.

Sean não conseguia acreditar no que tinha visto.

Robert havia realmente agarrado os mortos e ainda estava aqui. Isso ia contra tudo o que ele já havia lido, ensinado e visto.

Se a quiddidade tocasse uma alma viva, eles seriam transportados juntos para a Medula. Isso era fundamental, era idiossincrático para a separação, a ideia de que os dois mundos nunca deveriam se misturar, que *nunca* poderiam se misturar.

Mas Robert tinha feito exatamente isso.

Sean correu pelo corredor, suas pernas se moviam por conta própria. A confusão o dominou, mas ele se esforçou ao máximo para compartimentar esses sentimentos.

Ele ainda tinha um trabalho a fazer.

Com os olhos fechados na luz fraca, ele se dirigiu ao último local

onde havia visto Shelly.

Ao fazer isso, um momento de clareza o atingiu de repente.

Se Robert pudesse tocá-los e não fosse enviado para a medula, isso só poderia significar uma coisa.

Robert já estava morto.

Capítulo 44

Shelly já havia estado aqui antes. Ela sabia disso agora, de fato. Ela havia estado no Orfanato Sagrado Coração quando era mais jovem.

Quando algo horrível aconteceu, quando todos eles foram assassinados.

Todos, exceto três deles.

Ela cambaleou pelo corredor, confusa sobre o motivo de ter voltado para cá, com a mente confusa desde que encontrou a foto dela na igreja.

A que Robert havia deixado para ela.

As pontas de seus dedos roçaram a parede enquanto ela caminhava, sentindo a dureza do tijolo, a fina camada de poeira como uma cobertura para sua alma.

Robert...

Ela finalmente percebeu que o amava, embora achasse que já estava se sentindo assim há algum tempo.

Mas ela não tinha certeza de que o sentimento era mútuo. Havia algo nele, uma grande parte dele que ainda se agarrava ao passado. Ela viu isso em seu rosto, em seus olhos, em sua própria quiddidade.

Sabia disso como sabia que o bebê dentro dela era uma menina.

Ele ainda não havia soltado Amy, e ela nem tinha certeza de que ele havia soltado Wendy também.

Ela engoliu com força e sentiu novamente aquela dor esmagadora no peito. Só que agora era mais profunda, mais baixa, em suas entranhas, em seu estômago. Em seu útero.

Shelly continuou andando, seus pés mal saíam do chão, apenas passos empoeirados e arrastados.

Sua mente se voltou para aquele momento, para os outros correndo para fora da sala de aula, enquanto, por algum motivo, ela foi obrigada a correr de volta para dentro. E foi quando Sean a encontrou.

E a levou para a sala da caldeira.

Era para lá que ela estava se dirigindo agora, guiada por lembranças perdidas de décadas atrás, como uma espécie de GPS orgânico.

Só que Shelly não tinha ideia de para onde a seta apontava, onde era seu destino final.

Ou o que estava esperando por ela quando chegou lá.

Capítulo 45

Cal ficou de queixo caído ao ver Robert, com os punhos cobertos de sangue, e a confusão ao seu redor.

"Não! Não, não, não, não!", ele gritou.

Ou Robert não o ouviu, ou já estava a caminho do Marrow; ele não se virou. Em vez disso, continuou a desferir socos e a rasgar - havia um som horrível de rasgo no corredor - enquanto pedaços de carne morta eram arremessados.

Cal pulou para um lado para evitar um pedaço de cabelo ou couro cabeludo. Ao fazer isso, a câmera em seu pescoço bateu em seu peito, lembrando-o de que ela ainda estava lá.

Ele a ergueu até os olhos e olhou pelo visor.

O que ele viu o deixou sem fôlego. Quase todo o campo de visão estava preenchido com a luz brilhante da quiddity. Cada pedaço de estilhaço estava brilhando, salpicando o campo de visão. Mas não foi isso que o fez suspirar.

Era o próprio Robert. Em vez de ser escuro e cinza, como o homem no cemitério, Robert era tão brilhante que era difícil para Cal olhar diretamente para ele.

Robert rosnou e jogou mais carne em decomposição no chão, enquanto Cal pressionava o gatilho. No início, nada aconteceu. Então, a quiddidade restante começou a se desacelerar, seus movimentos se tornaram mais difíceis. Assim como os de Robert.

O homem se voltou para ele.

"Cal, pare... a câmera", ele ofegou. Sua voz era estranha, como se não fosse completamente dele. Como se fosse outra pessoa falando por meio de sua boca e lábios.

Cal estava dividido, sem saber o que fazer em seguida. Ele manteve o dedo no botão.

Algo está acontecendo comigo, pensou Helen. Algo está acontecendo, estou sendo... estou sendo puxada.

Robert também sentiu isso, embora, por algum motivo, estivesse convencido de que isso estava afetando apenas Helen e não ele.

Sua cabeça se virou, e foi então que ele percebeu que Cal havia entrado no orfanato e estava apontando a câmera diretamente para ele.

"Desligue-a", ele tentou dizer, mas com Helen no controle dele, as palavras saíram estranhas, quase distorcidas. "Cal, desligue a câmera."

Seu amigo tinha uma expressão confusa no rosto e, quando ficou claro que ele não iria ouvir, Robert sentiu o desejo de voltar à tona novamente.

Mas ele tinha que esperar - esperar que o resto dos moribundos e mortos fosse embora. Ele não tinha, não podia ter, o controle quando ainda estava em contato com ele.

Por favor, Robert, você precisa assumir o controle, estou sendo puxado e não acho que...

Vários dos cadáveres que Helen havia dizimado se transformaram em vapor, enquanto outros, os que ela ainda não havia dilacerado, começaram a ficar lentos, presos no lugar pela câmera.

Levaria apenas um minuto ou mais para que ele estivesse no mesmo barco, e ele não tinha certeza se, caso isso acontecesse, conseguiria se apropriar de seu próprio corpo novamente.

Ainda não, Helen, ainda não.

Ele sentiu Helen tentar se mover, tentar falar, mas ela não conseguia. Ela ainda estava no comando, no controle, mas também estava congelada.

Robert conseguiu olhar ao redor e viu que havia apenas mais uma quiddity, uma mulher com um vestido de noiva rasgado que o alcançava. Seus dedos estavam estendidos, com as unhas horrivelmente longas e amarelas, onde a cutícula havia sido arrancada na morte.

Ainda não, ainda não, ainda não...

Ele podia sentir que Helen tentava se afastar, afastar-se da mulher, mas o corpo de Robert não se comportava. Então a mão parou, a poucos centímetros de seu olho esquerdo, e Robert não pôde mais esperar.

Ele se lançou para frente, para cima, como se estivesse tentando desesperadamente romper a superfície de um corpo de água. No início, ele apenas se recuperou, como se a água estivesse coberta de gelo. Ele tentou novamente, tentando desesperadamente se colocar de volta atrás dos olhos, na cabeça, no controle.

Por um breve momento, ele pensou que isso não seria possível, que a câmera havia congelado a água e que ele ficaria preso como observador para sempre em seu próprio corpo.

Mas então ele se destacou.

Robert cambaleou para frente, girando bem a tempo de evitar a garra estendida da mulher.

"Robert!" Cal gritou.

Robert passou por cima dos pedaços de cadáveres restantes, aqueles que ainda não haviam se evaporado, e se virou para o amigo.

"Que porra aconteceu? O que estava acontecendo com você? Como você...?" Cal divagou, com a câmera ainda erguida na frente dele.

Robert balançou a cabeça.

Helen? Você ainda está aqui?

Sem resposta.

A culpa o invadiu então. Será que ele havia esperado demais? Ele havia prometido à mulher que a levaria ao Marrow, que lhe daria a opção de escolha como todos os outros.

Mas não assim, não banido como...

Estou aqui.

Robert soltou um suspiro de alívio.

"Não fui eu, Cal. Foi a Helen - ela assumiu o controle. E ela já está morta, a quiddity não pode levá-la."

As sobrancelhas de Cal se franziram em confusão, mas Robert também viu uma aparência de compreensão em suas feições.

"Eu preciso ir!" Robert gritou, correndo pelo corredor. "Preciso encontrar a Shelly!"

"Espere! E quanto a mim! E a porra da quiddity?"

Robert não olhou para trás e começou a correr.

"Fiquem aí! Mantenha-os afastados!"

Capítulo 46

Ed caiu no chão, respirando pesadamente. Suas mãos estavam cobertas de sangue da faca com a qual Bella o havia espetado. Olhando em seus olhos escuros, ele sabia que ela queria continuar a espetá-lo, enchendo-o de buracos. Mas Carson havia gritado para ela, dizendo-lhe para ir buscar Shelly, quem quer que fosse.

E então eles foram cercados novamente. Michael havia levado a melhor sobre o Agente Cherry, e seu amigo estava caído ao lado dele. Hugh também estava sentado, embora ainda estivesse olhando fixamente para o espaço, com o rosto desanimado.

E os mortos estavam ao redor deles.

Era apenas uma questão de tempo até que eles atacassem novamente.

E quando isso acontecesse, não haveria nada que eles pudessem fazer a respeito.

Ele respirou fundo e aceitou o fato de que iria morrer. Olhando para o rosto sorridente de Carson, para as cabeças inclinadas das crianças mortas ainda abraçadas a ele, Ed começou a reconsiderar se todos tinham algo de bom dentro de si.

Esse homem, esse conjurador de demônios, era pura maldade.

Capítulo 47

Sean sabia para onde Shelly estava indo, mesmo antes de ver seu contorno à frente. Seu primeiro instinto foi chamá-la, apressar-se para alcançá-la, mas algo o impediu.

Esse foi o pensamento que ele teve enquanto estava preso por Robert e sua equipe desorganizada de caça-fantasmas.

Shelly e seu bebê eram o que Carson precisava para manter a fenda aberta.

Ele se encostou na parede quando Shelly hesitou, virando ligeiramente a cabeça.

Ela não o viu.

Um momento depois, ela começou a correr, movendo-se o mais rápido que seu corpo grande permitia, e Sean a seguiu. Outra figura apareceu de uma sala à sua esquerda, e Sean ficou ainda mais para trás.

Embora nunca tivesse conhecido a mulher, ele sabia quem ela era com base nas descrições fornecidas por Robert e Aiden.

A mulher de cabelos curtos e pretos se movia como uma espécie de gato, deslizando pelo chão com uma destreza sem precedentes. Sean pegou a pistola no quadril, mas então percebeu que Robert a havia tirado dele há muito tempo e ele não havia pensado em pedi-la de volta.

Ele duvidava que o homem tivesse dado a ele de qualquer forma.

Shelly deu uma guinada brusca para a direita, e a mulher a seguiu, sem fazer barulho. Não havia como Shelly saber que estava sendo seguida por Bella. E, ainda assim, Sean não gritou, nem mesmo se moveu para avisá-la.

Mesmo quando Shelly entrou na pequena sala da caldeira e Bella a seguiu, ele ficou esperando.

Ele se apoiou no outro lado da porta e ficou ouvindo.

"Você", disse Shelly com tanto desdém que Sean achou que sua voz tinha um peso real. "Que porra você quer?"

"Carson disse que você precisa vir comigo. Ele quer ter uma conversa".

"Ele que se dane, eu não vou a lugar nenhum."

Houve uma pausa. A porta não tinha janela, mas mesmo que houvesse uma, Sean não teria se arriscado a olhar para dentro. Em vez disso, ele abaixou a cabeça e continuou a ouvir, já decidido.

Shelly e seu filho eram perigosos demais.

"O que você vai fazer com isso? Me esfaquear? Cortar meu bebê? Vou arrancar seus malditos olhos, vadia".

Bella riu.

"Carson quer ver você, Shelly. É de seu interesse vir comigo antes

que eu tenha que usar isso."

Shelly rosnou.

"Você não faria isso com uma grávida..."

"Sean, o que você está fazendo?", sussurrou uma voz áspera à sua esquerda. Sean se virou, com as mãos prontas.

Ele endireitou a postura quando viu uma figura encapuzada se aproximar.

"Eu perguntei o que você estava fazendo", exigiu o Manto, dando um passo agressivo para frente. "Aquele é a Bella lá dentro, com a Shelly? Por que não está indo até ela?"

Sean inconscientemente se moveu para a frente da porta, bloqueando seu caminho.

"Eu não posso", disse ele por fim. "Preciso proteger a integridade da medula óssea e, a cada minuto que a criança pode crescer, a cada segundo que se aproxima do nascimento, mais perigo corremos."

O Manto congelou.

"O que você está dizendo? Sean, o que você está dizendo?"

Sean abaixou a cabeça.

"Estou dizendo que ela não pode - porra, o bebê não pode chegar a termo."

Por vários segundos, o único som que Sean ouviu foi o das duas mulheres discutindo dentro da sala da caldeira.

"Saia do meu caminho", exigiu o Manto por fim.

Sean balançou a cabeça.

"Não posso fazer isso. Sou um Guardião e é meu dever manter a Medula segura. Sinto muito, mas não posso deixar você entrar lá".

Então, um som veio da Capa, algo que fez os olhos de Sean lacrimejarem e os pelos de sua nuca ficarem em pé.

Ele demorou um pouco para perceber que a Capa estava rindo.

"Você não vai me deixar? *EU?! Eu lhe dei seu poder e posso tirá-lo!*", ele rosnou.

A discussão na sala atrás de Sean parou de repente e seu coração começou a bater forte no peito.

Não era assim que ele esperava que as coisas acontecessem. Ainda assim, o Manto estava velho, murcho, e seu tempo havia chegado ao fim. Essa era a única escolha racional, mesmo que o ancião não a visse dessa forma.

O Manto deu um passo à frente, um passo arrastado, e Sean se preparou.

Ele não queria que as coisas chegassem a esse ponto.

Mas não havia outra opção.

Os portões do Marrow nunca puderam ser abertos.

"Eu lhe dei o seu poder", repetiu o Manto ao estender a mão e agarrar a borda do capuz preto. "E posso tirá-lo."

Em um movimento suave, o Manto puxou o capuz para trás e, ao mesmo tempo, puxou a gola alta para baixo.

"Não", gemeu Sean, cambaleando para trás. Suas costas se chocaram contra a porta. "Não, não pode ser, por favor, não, não, não, não..."

Alguém bateu na porta atrás dele, tentando sair, mas ele não prestou atenção.

E, naquele momento, Sean percebeu por que o Manto não havia se irritado com a notícia de que Carson estava morto - era porque ele ainda estava vivo.

Uma mãe simplesmente sabia.

"Por favor", ele soluçou.

Capítulo 48

Assim que Robert virou a esquina, ele foi lançado em um devaneio como uma lagosta em água fervente.

Seus olhos se arregalaram e seus calcanhares derraparam no chão coberto de poeira quando seu corpo parou quase como um desenho animado.

Ele estava em sua mesa, sentado ao lado do irmão, olhando para a professora de rosto severo à sua frente. Ela era bonita, mas rígida. Justa, mas deliberada.

"Quem sabe o que isso diz?", perguntou ela, apontando para as palavras em latim no quadro-negro.

É claro que Robert sabia quais eram, mas não levantou a mão imediatamente. Ele não queria parecer o bichinho de estimação do professor, como se estivesse recebendo tratamento especial. Ele olhou para o irmão, mas o garoto não parecia estar prestando atenção.

Típico.

"Alguém?"

Por fim, Robert levantou a mão, e sua mãe imediatamente apontou para ele.

"Robert?"

"Diz *Inter vivos et mortuos*, e significa a terra entre os vivos e os mortos."

Robert voltou ao presente com um tropeço, mal conseguindo se conter antes de cair de cara no chão.

Algo ruim havia acontecido aqui, algo horrível.

Algo horrível havia acontecido com seus amigos, com sua mãe.

Mas ele não podia lidar com isso agora, não podia nem pensar nisso. Neste momento, ele tinha que encontrar Shelly.

Sua mente o levou para o quarto nos fundos do orfanato.

Aquele em que ele costumava ter aulas há muito tempo.

Sem pensar, ele irrompeu pela porta da sala e parou imediatamente.

"Ah, meu querido irmão. Eu esperava que você aparecesse, mas tão cedo? Sempre o aluno mais ansioso, não é mesmo?"

Os olhos de Robert se estreitaram enquanto ele examinava a cena diante de si.

Carson estava no centro da sala, nu, e estava cercado pelo que parecia ser um harém de garotos. Perto do fundo da sala, ele viu Michael e mais da quiddity, como os que estavam na porta da frente. Os cadáveres estavam cercado três pessoas que ele não reconheceu, todas parecendo feridas. Todos eles estavam vivos.

"Deixe-os ir", exigiu Robert, dando mais um passo à frente.

"Quem?" perguntou Carson, sorrindo. Os meninos e uma menina

que o cercavam estavam todos de cabeça baixa, mas Robert sentiu que havia algo familiar neles.

"Os homens no fundo da sala. Deixe-os ir."

Carson riu.

"Eles? Quem são eles? Um bando de policiais que não sabem de nada. Quem se importa com eles? Achei que você gostaria que eu liberasse..."

Os olhos de Robert se estreitaram.

Shelly.

Mas quando Carson levantou a mão e as crianças olharam para cima, Robert percebeu que ele não estava falando da Shelly.

"- Seus velhos amigos. Nossos velhos amigos."

Não, ele estava se referindo aos meninos e a uma menina.

Lágrimas imediatamente brotaram nos olhos de Robert quando ele reconheceu alguns dos rostos, e ele foi levado de volta à sua infância.

Ele estava em uma espécie de túnel, um tipo de tubo de alumínio, olhando para baixo através de uma grade. As crianças estavam lá, bem como o professor, sua mãe, e estavam correndo. Mas havia mais alguém lá também, alguém com uma jaqueta jeans desbotada e um chapéu preto.

Um por um, ele os cortou com uma lâmina, cortando suas gargantas macias, espetando-os em suas barrigas finas. Mas o que ele fez com a mulher foi o pior. Ele se demorou com ela, cortando pedaços de carne de seu rosto enquanto ela gritava pelos meninos e meninas que estavam deitados em poças de seu próprio sangue.

Robert foi trazido de volta ao presente pela risada estridente de Carson.

"Você realmente não se lembrava, não é?"

Robert enxugou as lágrimas do rosto.

"Deixe-os ir", ele soluçou, mas sua voz não tinha a autoridade de alguns minutos atrás. No fundo, ele podia sentir Helen começando a se levantar, querendo voltar à tona novamente, para se vingar de Carson, que havia lhe causado tanta dor.

Ele recuou.

Carson balançou a cabeça em descrença.

"Sabe, eu tinha minhas dúvidas de que Leland pudesse executar todo esse plano, eu tinha mesmo. Quero dizer, fazer você esquecer... juntar você e a Shelly. Realmente, foi genial. E manipular o desgraçado do Sean foi um clássico."

Robert sentiu o coração batendo forte no peito.

"O quê?", gaguejou ele.

Carson riu novamente.

"Você ainda não entendeu, não é?"

Robert sentiu sua cabeça começar a girar ao considerar as

implicações do que Carson estava dizendo.

Leland estava por trás de tudo isso? Por trás de *tudo*?

"Sim, Robert. Tudo. Ele até mesmo causou o acidente, mandou um de seus desastrados quiddity para a frente do carro de Wendy naquela noite durante a tempestade. A tempestade de raios."

Robert se sentiu tão tonto que caiu de joelhos.

"Sim, Robert. E Amy. Veja bem, Leland vinha seguindo você há algum tempo. Ele sabia sobre Wendy e seu caso, sabia que não bastaria apenas levar Wendy - ele precisava levar Amy de você também."

"Não", gemeu Robert. "Isso não é verdade."

"Oh, é verdade, Robert. E se você não acredita em mim, fique por aqui por mais alguns minutos e você mesmo poderá perguntar a ele."

Capítulo 49

"Mas... mas eu vi você *morrer*", sussurrou Sean. "Robert viu você morrer."

"Eu não morri", disse Chloe Black. "Ele tentou me matar, mas não conseguiu."

Sean engoliu com força e olhou para o rosto dela. Era horrível; ela era careca e seu couro cabeludo era cruelmente retorcido, como os rolos na parte de trás do pescoço de um homem gordo.

Mas seu rosto era pior. Ela não tinha nariz, apenas um buraco no centro, e seu olho esquerdo estava faltando. Das bochechas para baixo, a pele estava esfolada; em alguns pontos, não havia cicatrizado completamente, mesmo depois de todos esses anos. Ela não tinha lábios; sua boca era apenas uma fenda logo acima do queixo.

E a mutilação não parou por aí. Havia um longo corte vertical em sua garganta, o que explicava por que sua voz estava tão horivelmente desfigurada.

"Mas aquelas crianças... eu só consegui salvar algumas delas, trazer algumas *para dentro*." Seu único olho bom se desviou para cima.

Sean balançou a cabeça ao se lembrar da carnificina que se via através do portão no respiradouro. Não havia como os meninos terem sobrevivido; na verdade, era apenas por milagre que Chloe ainda estava aqui.

Durante todo esse tempo, ele não fazia ideia.

E, no entanto, isso não mudou nada. Não mudou os fatos. Não mudou o priso.

"Se aquele bebê ali nascer..." Ele deixou a frase se arrastar por um momento, antes de balançar a cabeça. "Não podemos permitir que ele nasça."

"Sean", Chloe gritou. "Não me obrigue a fazer isso."

Sean se endireitou e deu um passo à frente.

"Fazer o quê?"

"Isso", ela rosnou. Antes que ele pudesse reagir, ela estendeu as mãos e abaixou a cabeça. E então começou.

No início, Sean não sabia o que estava acontecendo. Mas então ele começou a sentir um puxão, bem no fundo de seu estômago. Era como a sensação que ele tinha no peito quando os quiddity estavam por perto, mas dessa vez parecia que algo estava saindo de dentro dele.

"O que você está fazendo?", disse ele, mas as palavras foram arrastadas e ele mal reconheceu sua própria voz.

Chloe se abaixou e Sean sentiu uma sensação de tontura. Ele se lembrou de um tempo muito distante, muitas décadas antes, quando conheceu Chloe e aprendeu sobre a Medula. Quando ela o transformou em um Guardião pela primeira vez.

Mas agora ela estava tirando tudo isso.

Sean deu um passo à frente, mas se desequilibrou e caiu sobre um joelho.

A sensação de puxão subiu pela boca do estômago até o peito. Ele jogou a cabeça para trás e tentou gritar, mas a única coisa que saiu foi um som horrivelmente seco e rouco.

Ele estava de quatro agora, mas até mesmo engatinhar estava além de suas habilidades. Sua cabeça estava girando, lembrando-se do tempo que passou aqui no orfanato, depois com Callahan, deixando os meninos e depois caçando Leland.

Sean balançou a cabeça, tentando limpá-la, concentrar-se, ficar de pé, descobrir que diabos a mulher com cicatrizes à sua frente estava fazendo.

Mas não adiantava.

Ele sentiu algo subir em sua garganta e, em seguida, sentiu como se sua alma tivesse sido arrancada de sua boca. Sua juventude, sua essência, tudo o que o tornava um Guardiã, havia desaparecido, roubado pela própria pessoa que os havia dado a ele em primeiro lugar.

Sean caiu no chão, reduzido a um vapor e ao calor que saía dele.

Em algum lugar distante, ele ouviu Chloe falar.

"Sinto muito, Sean. Eu não podia deixar isso acontecer."

Ele sentiu um sopro de ar quente quando Chloe passou e abriu a porta do quarto atrás dele. Sean, agora uma concha vazia, de alguma forma conseguiu se levantar e cambalear pelo corredor.

Capítulo 50

Ed podia sentir sua força se esvaindo, e pressionar o ferimento em seu lado não parecia conter o fluxo. Ele podia sentir seu sangue pulsando entre os dedos.

Em seu perfeito juízo, ele nunca havia pensado que rastrear Michael Young o colocaria aqui. O homem chamado Robert estava diante dos mortos e estava determinado a fazer uma última resistência.

Mas vendo o que ele tinha, vendo o que Carson tinha feito, Ed não sabia como ele poderia ter sucesso.

"Que merda é essa?", ele resmungou. Michael se virou para ele em resposta ao seu xingamento, exatamente quando Ed ganhou um surpreendente fôlego. Sem pensar, ele estendeu a mão, agarrou o braço do homem e girou, fazendo-o girar. Michael estava tão concentrado no que estava acontecendo entre Carson e Robert que foi pego de surpresa.

"Não!", gritou ele, lutando para se endireitar. Ele estava em um pé só, a apenas alguns centímetros de um dos mortos. Ed tentou se levantar, estender a mão e empurrar o homem, mas a dor em seu lado era muito forte e ele caiu de costas contra a parede.

Michael sorriu.

"Seu estúpido..."

Mas então Hugh, que não havia dito nem feito nada desde que eles haviam chegado ao Orfanato Sagrado Coração, estendeu o pé e deu um chute no joelho esquerdo de Michael.

O sorriso caiu de seu rosto quando ele caiu para trás, colidindo com um homem que tinha queimaduras em um lado do corpo. A princípio, nada aconteceu. Na verdade, o homem morto até amorteceu sua queda. Mas então o quiddity pareceu se ativar ao toque humano. Seus braços se enroscaram ao redor do corpo de Michael e ele começou a se agarrar. Michael tentou empurrá-lo, mas o aperto do homem estava fazendo algo com ele.

Ele começou a tremer e seus olhos se reviraram. Em seguida, os brancos desapareceram, como se uma tinta tivesse sido jogada em um buraco em seu crânio e depois desceu, girando em torno de seus olhos até ficarem completamente pretos.

Como se os eventos de hoje já não tivessem sido suficientes, Ed viu o homem realmente começar a se desvanecer, tornando-se ligeiramente translúcido no início, antes de desaparecer.

Ed fechou os olhos e permitiu que a escuridão se espalhasse sobre ele como um cobertor quente.

Capítulo 51

"Não!" Carson gritou. Robert olhou por cima do ombro do homem e viu um tumulto entre os detetives e os mortos.

Robert enxugou as lágrimas e entrou em ação. Usando a perturbação como distração, ele contornou Carson, afastando-se das crianças mortas, e correu para o fundo da sala.

"Pare!" Carson gritou, mas Robert continuou andando. Ele não deixaria mais nenhuma pessoa morrer.

Carson emitiu um som, um ruído horrível e gutural, e a multidão que cercava os detetives começou a se virar, a olhar para ele com seus horríveis olhos negros.

Helen, espero que você esteja pronta para isso.

E então Robert se afastou, caindo no fundo de seu estômago, permitindo que a mulher assumisse o controle. Ela havia sido reprimida, espancada, assassinada pelo marido e, de certa forma, ele supunha que o poder dela de além-túmulo era uma espécie de vingança tangível.

Vingança por todos que a prejudicaram.

Ela agarrou o primeiro quiddity pela garganta e o arrancou. O segundo, ela o agarrou pelo braço e o girou. Sua outra mão pegou o queixo dele e o puxou contra a curva, quebrando seu pescoço. Os dois quiddity caídos começaram a tremer e depois se transformaram em nuvens negras e espessas, como as que Robert tinha visto na entrada do orfanato.

O terceiro explodiu com uma rajada de rifle de alta pressão que lhe arrancou quase toda a parte central do corpo. Robert sentiu seu corpo recuar em confusão, mas, quando a quarta quiddity se aproximou, Helen o eliminou tão facilmente quanto as outras duas.

"Não!" rugiu Carson. "O que está fazendo? Robert! *Robert!*"

Mas Robert era apenas um passageiro agora.

Dois dos três detetives, um jovem de cabelos loiros e outro, um pouco mais velho, com olhos vermelhos, olharam para ele, com expressões de terror nos rostos. O outro estava respirando pesadamente, com sangue jorrando de seu lado.

Carson berrou novamente e, agora, Robert se empurrou para cima, deslocando a exausta Helen.

Então ele se virou.

"Carson! Deixe as crianças irem embora! Elas não podem me machucar! Não podem me levar para a medula."

Capítulo 52

Chloe podia sentir Sean dentro dela, a essência dele preenchendo todo o seu ser. Mas essa não era a primeira vez que ela absorvia a quiddidade de alguém, sua alma.

Ela já havia feito isso antes, neste mesmo lugar, salvando três dos jovens garotos, que tiveram suas vidas ceifadas pelos ferimentos causados por seu marido.

Pelo bode.

Ela empurrou Sean para baixo junto com os outros.

E então ela abriu a porta da sala da caldeira.

"Deixe-a ir", ela disse baixinho.

Bella apareceu por trás da cabeça de Shelly, com uma faca em sua garganta. Por um segundo, seus olhos se arregalaram, e então ela fez uma careta ao ver o rosto mutilado de Chloe. Mas ela rapidamente recuperou a compostura. Estava claro que, depois de estar com Carson por tanto tempo, quase nada a surpreendia agora.

"Não acho que seja isso. Carson a quer, quer seu bebê. Diz que é importante. Ela virá comigo."

Chloe respirou fundo e ofegante.

"Não!" Bella gritou. "Eu ouvi o que você fez com Sean. Se você respirar e eu enfiarei essa lâmina profundamente em seu pescoço macio. E então cortarei a porra do feto dela."

Para provar que estava falando sério, ela cravou a faca na garganta de Shelly, fazendo uma covinha em sua pele.

Shelly ofegou e tentou se mover, mas a garra de Bella se manteve firme.

"Não se mexa, porra."

Chloe estava congelada. Se ela tivesse uma sobrelance adequada, ela teria se contraído; se ela ainda tivesse dutos lacrimais, as lágrimas teriam se derramado.

Mas ela não tinha nenhum dos dois.

"Para trás. Para trás, porra."

Chloe não teve escolha a não ser obedecer, saindo da sala.

Não fazia sentido o fato de ela ter superado um Guardião, um dos poucos Guardiões restantes, e tê-lo reduzido ao velho e debilitado homem que ele era, e ainda assim essa mulher, essa pequena mulher com um corte de cabelo estranho, ter levado a melhor.

Mas olhando para o rosto aterrorizado de Shelly, para sua barriga crescente, Chloe sabia que essa parte do dia estava perdida.

Mas a batalha estava longe de terminar.

Muito, muito longe de estar pronto.

"Ótimo, agora continue recuando", ordenou Bella enquanto se arrastava com Shelly à sua frente.

Independentemente do que acontecesse, Carson e Leland não fariam nada com Shelly, não com a carga preciosa que ela carregava.

Eles ainda tinham cinco meses para salvar todos eles.

Para salvar todos os que ainda estavam vivos.

Capítulo 53

Um tiro foi disparado e Robert instintivamente se abaixou. Só que o tiro não era destinado a ele. Na verdade, ele achava que não era para ninguém. Era um tiro de advertência de Aiden.

Ele não queria atirar nas crianças.

Carson, por outro lado, avançou como se nada tivesse acontecido, com as crianças de ambos os passados se alinhando atrás dele.

"Você já pensou nisso, Robert? Sobre a decisão que você tomaria nas margens do Marrow?"

Robert se aproximou de Carson.

"O que aconteceu com você, Carson? O que aconteceu que mudou tudo sobre quem você é?"

Carson jogou a cabeça para trás e riu.

"Ah, a ironia! O que aconteceu comigo? O que aconteceu comigo? Não é essa a pergunta? O que faz com que eu seja *eu*? O que torna um indivíduo único?" Ele se inclinou para perto até que seus rostos estivessem a poucos centímetros de distância. "Isso é o que importa. Essa é a única coisa que importa."

Helen, você está...?

Mas seu pensamento foi roubado quando alguém entrou na sala.

Robert se afastou, movendo instintivamente os braços para trás, fazendo o possível para proteger os humanos em suas costas.

Carson também recuou, embora não tão violentamente quanto Robert.

Um homem entrou cambaleando na sala. Um homem velho, curvado, murcho, que mal conseguia se manter ereto. Em um primeiro momento, Robert pensou que fosse a Capa.

Então o homem levantou a cabeça e Robert reconheceu os olhos azuis claros, a linha da boca, embora fosse muito mais velha do que ele se lembrava.

Era Sean Sommers.

O reconhecimento também passou pelo rosto de Carson e, de repente, Robert percebeu o que estava prestes a acontecer.

"Não!", ele gritou, dando um passo à frente, mas alguém agarrou seu braço. Ele tentou afastar a mão, mas ela era muito forte. "Não!"

Carson caminhou em direção a Sean, que parecia estar com dificuldade para respirar, quanto mais para andar. E então os alunos, a quiddidade dos Guardiões mortos, se moveram com ele.

Enquanto Robert observava, sem poder fazer nada, as crianças, seus amigos, começaram a se dar as mãos, formando uma fila única.

Sean não sabia o que estava acontecendo, isso estava claro. Seus olhos estavam completamente brancos, seus braços estavam frouxos. Mesmo quando a criança mais próxima estendeu a mão para ele, Sean

parecia alheio. Quando muito, ele quase pareceu agarrá-la. Ao mesmo tempo, Carson foi para o outro lado e também apertou a mão de Sean.

"Não!" Robert tentou novamente se afastar, mas agora não havia apenas uma pessoa segurando-o, mas três.

"Robert, já começou. Você não pode impedi-lo agora."

Era uma voz grave, a voz do Manto. Ele não se virou para olhar para ele.

Em vez disso, seus olhos estavam fixos na cena diante dele, que lembrava seu tempo em Seaforth.

"Sim! Sim!" Carson gritou. "Está acontecendo! O papai está voltando para casa!"

O corpo de Sean parecia se esticar como um caramelo quente, e as nuvens acima começaram a se agitar novamente. Em questão de instantes, o teto desapareceu, sumiu, e as nuvens voltaram. Os relâmpagos iluminavam o céu como fogos de artifício de 4 de julho.

E então, em meio ao som das risadas das crianças, Sean começou a ser afastado.

A luz saiu de seus antigos olhos, boca e nariz.

Mas o maior sinalizador estava em seu peito, que se estendia amplamente.

Robert sabia o que estava por vir. Carson havia encontrado seu Guardião e, diferentemente de Seaforth, quando ele havia amarrado o Padre Callahan à mulher morta e ao seu próprio corpo vivo, dessa vez era diferente.

Dessa vez, ele havia vinculado um Guardião aos mortos, à quantidade de Guardiões mortos e a ele mesmo, Carson, que também era um Guardião.

A fenda se abriu muito mais rapidamente do que em Seaforth. Sem a criança, ela não poderia ser mantida aberta, os dois mundos ainda permaneceriam separados, mas Robert sabia que havia algo diferente desta vez. Desta vez, a fenda poderia permanecer aberta por tempo suficiente para que alguém, ou *alguma coisa*, a atravessasse.

E ele queria que essa pessoa fosse Amy, *precisava que fosse ela*.

Ele viu primeiro as ondas dentro do buraco do tamanho de uma bola de praia no peito de Sean e depois gritou quando viu o chapéu.

Além de Leland, havia outras pessoas na praia, uma das quais ele reconheceu imediatamente.

"Amy!", gritou ele, debatendo-se contra os braços que o seguravam com toda a força. "Amy! Saia! Sai! Volte *para mim!*"

Havia mais dois na praia: um era um guarda da prisão e o outro era Allan Knox. Robert estendeu a mão, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Venha! Amy! Amy!"

Duas mãos agarraram as laterais da caixa torácica de Sean, mas não

eram as mãos pequenas e delicadas de uma menina de oito anos. Não eram as mãos de Amy.

Eles estavam desgastados pelo tempo.

E então um chapéu preto de aba larga apareceu.

"Robert, por favor! Temos que ir embora! Eu conheço uma saída! Por favor, Robert! Venha conosco!"

Antes que ele pudesse responder, Leland se retirou do peito de Sean e entrou no mundo dos vivos.

A princípio, Robert viu uma fera maciça e alada coberta de escamas grossas e coriáceas, com garras que chegavam bem alto, quase até o teto que não existia mais. Uma língua bifurcada, pés como cascos.

Mas, em seguida, a fera estremeceu e voltou à sua forma humana. Lentamente, quase mecanicamente, Leland ergueu o olhar.

E, mais uma vez, foi o rosto de Robert que ele viu olhando para ele.

Apenas o seu reflexo estava sorrindo, enquanto Robert chorava, chorando por sua filha quilômetros abaixo, em uma terra que ele nunca poderia alcançar.

Epílogo

TRINTA E UM ANOS ATRÁS

"Sean! Pegue os meninos! Pegue-os!"

Sean não precisou de nenhum esclarecimento sobre de qual das dezenove crianças a mulher estava falando.

Ela queria que ele agarrasse *seus* filhos.

Sean não hesitou. Ele correu para a sala, incentivando todas as crianças a se levantarem ao passar por elas.

"Levantem-se! Vamos lá, crianças! Temos que nos mexer, *agora!*"

Sean não sabia o que tinha que dizer para fazê-los se mexer, mas sua abordagem atual não parecia estar funcionando; as crianças pareciam enraizadas no lugar.

Não há tempo para isso.

"Robert! Levante-se!"

Sean sabia que, ao contrário do irmão, Robert odiava ser destacado e, como previsto, o garoto estava de cabeça baixa quando se levantou e nem sequer o viu.

"Venham comigo! Todos me sigam!", gritou a mulher da porta.

Quando Robert começou a ir em sua direção, Sean o agarrou pelo colarinho. Em seguida, agarrou seu irmão com a outra mão.

"Não, não é por aí", sussurrou Sean. **"Vamos por aqui."**

Robert finalmente levantou a cabeça para olhar para Sean. Seus olhos estavam arregalados e ele lutou contra o aperto de sua camisa em um protesto silencioso.

"E a mamãe?"

Sean virou a cabeça para olhar para a mulher. Chloe Black havia se oposto inicialmente à ideia de reunir todos os futuros Guardiões em um local central, com medo de que suas meditações concentradas alertassem Leland sobre a posição deles. Mas ela acabou concordando, pois era a única coisa que fazia sentido logístico para Sean; no ritmo em que os outros Guardiões estavam sendo caçados e mortos, eles não tinham muito tempo - precisavam treinar as crianças o mais rápido possível. Mas agora, ao ver Chloe parada na porta com os braços estendidos, protegendo-os como uma espécie de mãe galinha, ele sabia que ela estava certa o tempo todo.

Seu plano tinha sido muito apressado, muito arriscado.

Muito perigoso.

Eles se olharam por um momento, e ele viu uma profunda tristeza naqueles olhos cor de avelã.

Ele sabia o que ela queria que ele fizesse e, embora Sean tivesse planejado a possibilidade de Leland encontrá-los, ele nunca esperou que isso acontecesse. E o olhar dela lhe disse que era hora de colocar o

plano em prática.

Um plano que não envolvesse Chloe. Ambos sabiam que essa era provavelmente a última vez que ela veria seus filhos vivos.

Com um rápido aceno da mulher, Sean se virou, puxando os meninos com ele. Enquanto as outras crianças saíram pela porta pela qual Sean havia entrado, eles foram para o outro lado.

No fundo da sala de aula havia um armário de utilidades, e Sean abriu a porta e guiou os meninos para dentro. Uma olhada por cima de seu ombro revelou que os outros já haviam fugido da sala de aula. Ele esperava que eles tivessem conseguido, que tivessem escapado, mas, no fundo, tinha suas reservas.

Leland era um...

"Pare", ele se repreendeu. Robert olhou para ele enquanto falava, mas Sean balançou a cabeça. "Não, você não", murmurou.

A sala era pequena para os três e estava cheia de suprimentos que pareciam ter saído diretamente de um cenário de filme antigo. Mas a escada estava lá, onde ele a havia deixado.

Envolvendo as mãos na madeira desgastada, ele a levou para o centro da sala. Testando-a com as mãos, na esperança de que ela se sustentasse, ele voltou seu olhar para cima.

"Vá em frente, Robert. Você primeiro."

"Subir?"

Sean acenou com a cabeça e apontou para a saída de ar no centro do teto. Agora foi a vez de Robert acenar com a cabeça. Então, o garoto, obediente como era, começou a subir a escada, enquanto Sean segurava as laterais enquanto ela tremia sob seu peso.

Robert deslizou a tampa do respiradouro para um lado, exatamente como Sean havia instruído. O garoto olhou para ele e Sean sentiu o pouco de paciência que lhe restava diminuir.

Eles estavam ficando sem tempo.

"Vá, Robert! Apenas vá!"

Robert franziu a testa e depois desapareceu na abertura.

Em seguida, Sean se voltou para Carson.

"Sua vez", disse ele.

Mas, ao contrário de Robert, Carson era mais curioso, menos propenso a simplesmente seguir instruções sem nem mesmo uma explicação. Na verdade, a única coisa que ele parecia compartilhar com o irmão era a mesma expressão triste.

"De quem estamos fugindo?"

Houve um grito agudo vindo de algum lugar no corredor e Sean cerrou os dentes.

"Rápido, Carson! Apenas *suba*!"

O garoto hesitou e, por um breve e aterrorizante momento, Sean o imaginou sem vontade de se mover. Em seguida, imaginou que teria

de nocauteá-lo e carregar seu corpo escada acima. Para sua surpresa, porém, o garoto entrou em ação, olhando para ele enquanto colocava um tênis de corrida gasto no primeiro degrau e depois no segundo.

Mais tarde, você me contará tudo mais tarde, disse o olhar, o que foi ótimo para Sean.

Se houvesse um mais tarde.

Enquanto o garoto desaparecia atrás do irmão, Sean deu uma última olhada na sala de aula e chegou à conclusão de que Chloe estava certa o tempo todo; tinha sido um erro vir para cá. E o que quer que acontecesse com aquelas crianças... a culpa era dele.

Engolindo com dificuldade, ele subiu a escada oscilante e depois se espremeu no duto.

Estava escuro e cheirava a terra dentro do túnel de alumínio, já que o sistema de ventilação não era usado há pelo menos uma década.

Ou talvez dois.

Uma das primeiras coisas que Sean fez ao explorar esse lugar foi procurar passagens como essa, para planejar rotas de fuga, se necessário.

Havia apenas um: este. Essa abertura, por qualquer motivo, era grande o suficiente para que um homem adulto como ele pudesse passar por ela.

Foi o que ele fez agora.

"Continue avançando", ele instruiu o mais alto que pôde. "Mova-se de barriga para baixo... o mais silenciosamente que puder. Em cerca de 15 metros, você verá um buraco descendo. Pare em frente a ele e espere por mim. Está entendendo?"

"Sim", respondeu uma voz mansa. Ele não sabia qual dos irmãos havia respondido, mas também não se importava.

"Então vá", incentivou Sean.

Como uma espécie de centopeia humana, os três começaram a se mover para a frente, seus movimentos levantando sujeira e poeira suficientes para cobrir o interior da garganta de Sean.

Sean havia se afastado apenas uns quinze metros quando a verdadeira gritaria começou.

Os sons foram silenciados no sistema de ventilação e adquiriram uma qualidade metálica, mas ainda assim eram horríveis.

Poucas coisas no mundo eram piores do que os gritos de uma criança, e não havia nada pior do que dezessete delas chorando ao mesmo tempo.

E elas pareciam estar vindo diretamente de baixo deles.

Sean esbarrou nos pés de Carson, que havia parado de se mover. Com o coração acelerado, ele deu um empurrão no tênis do garoto.

"Continuem andando! Temos que continuar andando!", ele sussurrou.

Palavras chegaram até ele, quebrando a monotonia dos gritos.

"Não faça isso! Leland, não faça isso... essas crianças não fizeram nada. É a mim que você quer. Leve-me, mas deixe-os ir".

Sean ouviu a risada de Leland.

"Deixá-los ir? Por que eu os deixaria ir? O objetivo final da vida deles não é se sacrificar? Não é isso que você está tentando ensinar a eles, afinal? Fazer com que acreditem que sua singularidade, seu eu, não significa nada? Que eles devem simplesmente desistir de quem são? Bem, então, estou apenas ajudando-os em seu caminho!"

"Leland! Não!!!"

Mesmo no duto, Sean ouviu o som inegável de uma lâmina cortando o tecido e a pele por baixo.

Uma única lágrima percorreu o rosto manchado de sujeira de Sean.

Ele xingou baixinho e empurrou o sapato de Carson novamente, mas o garoto resistiu.

"Vá!", ele soluçou. "Nós. temos. Para. Continuar. *Andando.*"

Carson olhou de volta para ele, seus olhos eram a única coisa visível na quase escuridão da enorme saída de ar.

"É o Robert, ele parou."

Sean rangeu os dentes em sinal de frustração e ia chamar o garoto quando a voz de Leland se filtrou para ele novamente.

"Onde estão meus filhos? Você não pode mantê-los longe de mim!"

"Você nunca vai encontrá-los, Leland. Nunca. Você me marcou..."

As palavras de Chloe foram interrompidas, pontuadas por seu próprio grito.

Depois, outro.

E outra.

"Você vai me dizer onde meus meninos estão agora? Não?"

Outro grito, seguido pelo som de algo molhado escorrendo para o chão duro do orfanato. Sean, agora chorando muito, queria mais do que tudo estar lá embaixo, para ajudá-la, para acabar com Leland.

Mas ele tinha um trabalho a fazer, um trabalho cujo único foco era proteger esses dois meninos.

Ele não deixaria Chloe morrer em vão. Era o mínimo que ele poderia fazer.

Sean grunhiu e começou a engatinhar novamente, empurrando Carson para frente com seu peso. Isso fez muito mais barulho do que ele gostaria, mas pelo menos eles começaram a avançar novamente.

Respirando pesadamente, os gritos vindos de baixo, por mais horríveis que fossem, felizmente mascararam o que deve ter soado como um batus de caixa de ferramentas abrindo caminho pelos intestinos de um gigante de ferro.

E então, quando chegou ao local onde Robert havia parado, ele percebeu com horror por que o garoto havia parado de engatinhar.

Havia uma grade no piso do respiradouro, uma janela que dava para o corredor abaixo. E a cena que ela revelava era de pura carnificina.

Todas as dezessete crianças estavam deitadas no chão, com os corpos torcidos em algum tipo de posição fetal.

Seus olhos estavam quase sempre abertos, assim como suas bocas. E todos jaziam em poças de seu próprio sangue.

E então lá estava Chloe, deitada de lado, olhando diretamente para ele.

Seu rosto havia sido esfolado como um assado caipira, sua carne brilhante foi puxada em tiras como um cordão de queijo carnívoro.

E Robert tinha visto tudo isso - sua própria mãe, pelo amor de Deus. Até Sean, endurecido como estava, sentiu o estômago revirar ao ver aquilo.

Olhando para o rosto mutilado de Chloe, ele pronunciou as palavras "*Eu prometo*" e depois seguiu em frente.

A abertura no duto levava a uma sala de fornalha, e Sean conseguiu, de alguma forma, passar pelos dois meninos e descer até as profundezas. De lá, ele conseguiu ajudá-los a descer em seguida.

Ele não conseguia mais olhá-los nos olhos, especialmente Robert, sabendo o que ele tinha visto. Em vez disso, ele deu uma olhada na sala. A única lâmpada solitária acima deles, por mais insignificante que fosse, era tão mais brilhante do que o interior do respiradouro que ele levou um momento para se orientar.

Lá.

Sean foi para a parede mais distante, consciente de que precisava se apressar, pois a qualquer momento Leland poderia entrar na pequena sala da fornalha de 2,5 por 2,5 metros e fazer com eles o mesmo que havia feito com os outros.

Havia um grande filtro de ar encostado na parede e ele o afastou, revelando uma abertura rudemente esculpida na parede. Tirando o isqueiro do bolso, ele o colocou na abertura, revelando um túnel de terra que se estendia na escuridão.

Só então ele se voltou para os meninos.

"Por aqui. Quero que você passe por aqui e corra o mais rápido que puder".

O rosto de Robert estava em um tom de branco que Sean nunca tinha visto em um ser vivo antes. Pela segunda vez em menos de uma hora, ele pensou que teria de tirar o cérebro de um dos irmãos Black e levá-lo com ele. Mas o garoto, tão chocado quanto ele, fez o que lhe foi ordenado, entrando cautelosamente no túnel antes de começar a correr. Carson seguiu rapidamente atrás de Robert, lançando a Sean o

mesmo olhar que havia lançado na sala de armazenamento nos fundos da sala de aula.

Um dia você vai me contar tudo.

E então Sean correu atrás deles.

Ele tinha percorrido uns quarenta metros quando ouviu uma respiração pesada atrás de si e se virou. Suas mãos tatearam Robert e Carson atrás dele, em uma tentativa de garantir que ele os protegesse.

É aquele bastardo do Leland, ele de alguma forma nos encontrou... depois de matar todas as outras crianças, agora ele está vindo atrás delas.

Mas eles obedeceram às suas instruções e continuaram a correr, e suas mãos encontraram ar.

"Leland..." Mas ele parou de falar quando percebeu que não era Leland.

Não podia ser Leland; a silhueta era muito pequena para ser Leland.

Sean puxou o isqueiro novamente e o acendeu.

Uma garotinha com grandes olhos verdes e cabelos loiros protegeu seu rosto da luz.

"O que você está fazendo aqui?", ele sibilou, as palavras saindo com mais raiva do que ele esperava.

Ela deu de ombros e enxugou as lágrimas do rosto.

"Eu segui você", ela choramingou. "Eu vi... eu vi..."

Sean ergueu a mão, interrompendo-a no meio da frase enquanto refletia sobre suas opções. Levar a garota com eles os atrasaria e reduziria as chances de qualquer um deles sair vivo daqui.

E, por mais que sentisse pena dessa menina órfã, ele havia feito uma promessa a Chloe - uma promessa de manter os filhos dela em segurança, não importava o que acontecesse.

E essa era uma promessa que ele pretendia cumprir.

Sean estendeu a mão e a garota recuou. Frustrado, ele deu mais um passo à frente e a agarrou pelo colarinho.

"Sinto muito, Shelly", disse ele suavemente. Lágrimas brotaram inesperadamente de seus olhos. "Sinto muito que você tenha visto isso", ele soluçou, "ninguém deveria ter visto isso".

Ele a puxou para o outro lado dele, mais fundo no túnel, na esteira dos meninos.

Ele iria manter sua promessa a Chloe; ele manteria os meninos vivos. Mas ele não iria sacrificar essa garota inocente no processo.

Nesse dia, houve mortes suficientes no Sacred Heart para durar uma vida inteira.

À medida que se aprofundavam no túnel, o ar ficava mais rarefeito, a respiração mais difícil, e ele começou a pensar muito sobre para onde iriam caso conseguissem sair daqui vivos.

Ele tinha ouvido falar de uma igreja, de um homem que ajudava a

manter os animais perdidos, sem fazer perguntas. Em algum lugar distante.

Um padre, com uma tendência a ajudar os necessitados.

Ele iria até lá, Sean decidiu finalmente.

E quando Robert e Carson Black finalmente estivessem a salvo, ele seria o único a fazer o rastreamento.

Leland iria pagar; o homem iria pagar pelo que havia feito aqui.

Essa foi outra promessa que Sean Sommers estava determinado a cumprir.

FIM

Nota do autor

A série *Haunted* continua crescendo em termos de escopo e número de personagens envolvidos. Espero que gostem do fato de eu ter trazido vários personagens da minha *Trilogia dos Valores Familiares* e, se gostaram, ficarão felizes em saber que talvez haja algumas participações de outras séries também.

Sacred Heart Orphanage é o penúltimo livro da 1ª temporada da série *Haunted*. O próximo livro, provisoriamente intitulado "**Shores of the Marrow**", será o *final da temporada*. Esse não é, de forma alguma, o fim da série, mas representa o fim da jornada de Robert, de contador a Guardião responsável pelo destino do mundo. A segunda temporada se concentrará nos resultados de suas decisões, tanto boas quanto ruins, e na forma como elas moldaram o mundo.

Também tenho planos de escrever outros livros relacionados à série *The Haunted*, incluindo uma prequela que se aprofunda no relacionamento de Leland e Sean muito antes de Robert estar por perto. E ainda há Allan e Ben... Eu poderia ter deixado Ben Tristen, diretor da prisão de Seaforth, morrer, mas gosto demais do cara. Tanto ele quanto Allan ainda têm um papel a desempenhar em Robert e seu mundo, mas, enquanto isso, eles também têm suas próprias aventuras na Medula que eu adoraria compartilhar com vocês. Há histórias de bastidores sobre o mal na série *The Haunted* (Jonah, Michael, James Harlop, o próprio Carson) que também podem ser interessantes. Como sempre, estou aberto a sugestões... Quero dizer, escrevo meus livros para vocês, meus leitores, portanto, se houver alguma coisa que vocês estejam ansiosos para saber, é só me mandar uma mensagem.

Muitas histórias, pouco tempo, muito túnel do carpo.

Vejo você no Livro 6 da série *The Haunted*. Enquanto isso, pegue um drinque, um lanche e fique enrolado com um bom livro.

E, como sempre, você pode entrar em contato comigo por e-mail (patrick@ptlbooks) ou na minha página do Facebook (@authorpatricklogan).

Continue lendo e eu continuarei escrevendo.

Patrick

Fevereiro de 2017, Montreal

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2017

Design da capa: Ebook Launch (www.ebooklaunch.com)

Design de interiores: © Patrick Logan 2017

Edição: Edição da linha principal (www.mainlineediting.com)

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Dezembro de 2023